

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

FRANCISCO SILVA DE LIMA

AMIZADES E SOCIABILIDADES ESCOLARES NO FACEBOOK:
UM ESTUDO SOBRE A CONVERSAÇÃO ONLINE ENTRE JOVENS MORADORES DA
ZONA RURAL DE PELOTAS

SÃO LEOPOLDO

2014

Francisco Silva de Lima

AMIZADES E SOCIABILIDADES ESCOLARES NO FACEBOOK:

um estudo sobre a conversação online entre jovens moradores da zona rural de Pelotas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana da Rosa Amaral

São Leopoldo

2014

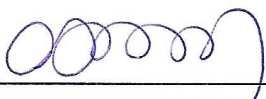
FRANCISCO SILVA DE LIMA

“AMIZADES E SOCIABILIDADES ESCOLARES NO FACEBOOK: UM ESTUDO
SOBRE A CONVERSAÇÃO ONLINE ENTRE JOVENS MORADORES DA ZONA
RURAL DE PELOTAS”

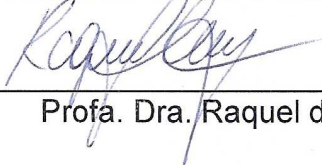
Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de
Mestre, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da
Comunicação da Universidade do Vale
do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovado em 11 de abril de 2014

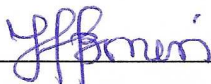
BANCA EXAMINADORA



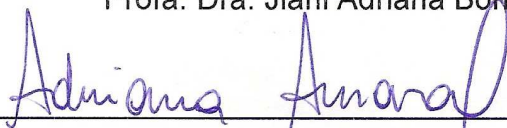
Profa. Dra. Carlise Porto Schneider Rudnicki – UFRGS



Profa. Dra. Raquel da Cunha Recuero – UCPel



Profa. Dra. Jiani Adriana Bonin – UNISINOS



Profa. Dra. Adriana da Rosa Amaral - UNISINOS

Computador sem internet é a mesma coisa que carro sem motor.

(produtor rural)

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento de um trabalho do porte de uma dissertação sempre conta com muitas mãos indiretas que, mesmo não participando da parte escrita em si, colaboram fornecendo as condições necessárias para sua conclusão. Em diferentes níveis de participação, todos foram importantes e, caso eu esqueça de mencionar alguém, deixo aqui registrado que sou grato a todos que me incentivaram de alguma maneira.

Dando nome a algumas pessoas, agradeço, primeiramente, à professora Dr^a. Adriana Amaral, minha orientadora, por compreender minhas limitações e dificuldades no decorrer do curso e, em especial, por ter aceitado minha mudança de projeto – radical e tardia – mesmo com pouca afinidade em alguns aspectos da pesquisa.

Obrigado a minha mãe, por ter me dado uma formação com tanto carinho e empenho e por ter me transmitido valores os quais mantenho com muito apreço. Obrigado também pelo suporte financeiro durante boa parte dos meus estudos e pelo apoio ao longo das minhas decisões profissionais.

Aos amigos pelotenses pela amizade, pelos momentos de desopilação e pela compreensão quando não pude estar presente ao longo deste processo – Luísa, Tássia e Carol, em especial. Ao meu namorado Max pelo apoio, pelas críticas, pelo incentivo e por atravessar mais esse desafio ao meu lado. E aos sogros Max e Vera pelo acolhimento nos momentos bons e ruins deste processo e pelos puxões de orelha com relação às procrastinações.

A todos os colegas do mestrado pelas trocas de ideias, pelos cafés no Fratello, pelas cervejas, pelas caronas e pelas companhias no Trensurb durante o trajeto Unisinos-rodoviária, - em especial ao Bruno, à Taís e ao Diogo.

A amiga Déborah Salves, que gentilmente cedeu as chaves do apartamento dela em Porto Alegre – as quais, inclusive, ainda não devolvi - e me acolheu em minhas estadas na capital durante o primeiro semestre do curso. E ao amigo Gilmar por, eventualmente, também ter me cedido seu sofá-cama

Obrigado às professoras Raquel Recuero e Jiani Bonin por se disporem a participar da minha banca de qualificação e, conseqüentemente, pelas considerações feitas naquele momento para contribuição ao trabalho. E obrigado aos demais professores do PPG pelos ensinamentos.

Ao professor Antônio Heberlê pelos inúmeros conselhos e orientações acadêmicas, pelo constante incentivo e também por, num momento de dúvidas e incertezas, ter saído comigo zona rural adentro para que eu pudesse realizar minha exploratória.

Aos colegas da Embrapa Sérgio Silva, Cristiane Betemps e Paulo Lanzetta; aos estagiários Camila Faraco, Luiza Wiener, Marcelo Pellegrinotti, Andrew Falchi, Manuelle Motta, Raphaela Suzin, Giorgio Guedin, Henrique Massaro e Thiago Duarte; por segurarem as pontas quando estive fora e por manterem a paciência em meus momentos de crise. E aos supervisores Apes Perera e Cíntia Brenner pelo apoio, pela compreensão nos momentos de ausência e pela liberação quando precisei produzir.

Ao ex-chefe e amigo Cleiton Decker por permitir que eu remanejasse meus horários enquanto funcionário da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) para iniciar o mestrado em São Leopoldo.

Finalmente, não poderia deixar de agradecer também à Embrapa Clima Temperado pelas liberações – tanto para que eu pudesse frequentar as disciplinas do curso como, na reta final, para que eu pudesse baixar a cabeça e escrever as últimas linhas deste trabalho – e aos educadores da Escola Elizabeth Blaas Romano pela atenção e por permitirem a realização da pesquisa junto a seus alunos, especialmente ao diretor Eli Pinheiro.

A todos que me apoiaram e estiveram ao meu lado o meu muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar as conversações e a conseqüente sociabilidade entre jovens moradores da zona rural de Pelotas – município situado na região Sul do Rio Grande do Sul – por meio do *Facebook*. Mais especificamente, visa a perceber se os jovens estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Elizabeth Blaas Romano tiveram suas relações com os colegas alteradas a partir do uso deste site de rede social. Além disso, pretende apontar elementos que ajudem na compreensão de como os jovens rurais se inserem numa realidade globalizada de consumo de mídias e tecnologias. Para isso, o referencial teórico aborda as noções de culturas juvenis e juventude rural, inserindo-as num contexto de consumo e uso de tecnologias, e no âmbito das mediações. Com relação à perspectiva comunicacional, aborda a sociabilidade frente à sociedade em rede e os conceitos de redes sociais, sites de redes sociais, laço social, capital social e interação. A metodologia, por sua vez, é construída em torno de um estudo de caso, de maneira a identificar as particularidades do grupo estudado, sem pretensões generalizantes. Num primeiro momento, durante o movimento exploratório, foram realizadas entrevistas por telefone com agricultores familiares da região e entrevistas semi-estruturadas junto a uma turma de segundo ano da escola, de maneira a subsidiar a construção do desenho de pesquisa. Em seguida, a aplicação de questionários em visita à escola e algumas conversas informais se somaram ao material já coletado de maneira a delimitar as características deste grupo e, também, de forma a identificar algumas mudanças na interação com os colegas a partir do uso do *Facebook*. Dentre os resultados, observou-se o uso frequente de tecnologias enquanto ferramenta para mediação de sociabilidade, o que incidiu em maior contato e, portanto, em melhoria das relações interpessoais fora do ambiente escolar. Além disso, o uso do *Facebook* também aumentou a sociabilidade com parentes e pessoas mais distantes, abriu espaço para interação com desconhecidos e possibilitou mais acesso a atualidades. No entanto, verificou-se que as práticas de sociabilidade off-line continuam bastante presentes entre esses jovens, ou porque nem todos têm acesso, ou porque (ainda) não dominam as linguagens da internet e dos sites de redes sociais.

Palavras-chave: Culturas juvenis. Juventude rural. *Facebook*. Conversação. Sociabilidade.

ABSTRACT

This present work intends to research conversations and consequent sociability among youth who lives in Pelotas` rural areas – city located in Rio Grande do Sul southern part – throughout Facebook. Specifically, it intends to realize how social relations between students have changed from the usage of this social network site. Besides that, this study searches for elements that can help comprehending how the rural youth is affected by the globalized reality of media and technological consumption. For that, the theoretical part addresses youth culture and rural youth, putting them in a context of consumption and usage of technologies, and in a context of mediations. From a communicational perspective, this study addresses sociability inserted in a networked society and the concepts of social network, social network sites, social bonds, social capital and interaction. The methodology was built as a case study, to identify some particularities of the studied group, with no generalizing intentions. In a first moment, during the exploratory movement, some regional family farmers were interviewed by telephone, and semi-structured interviews took place in a high school class with second year students, to subsidize the research design construction. Following, the usage of questionnaires and some informal conversation added to the collected data, helping to identify some group characteristics and, besides that, to identify some changes in the colleagues` interaction from Facebook usage. As results, the technology use as tool to mediate sociability, resulting in more contact between youths and, therefore, better interpersonal relationships outside school. Besides that, Facebook usage increased sociability with family and distant people, opened space for interaction with unknown and provided more access to current information. However, it was noted that offline social practices keep strongly present among this particularly youth, because not all of them have access, or because some of them don`t master the languages and technical aspects of internet and social network sites (yet).

Key words: Youth culture. Rural youth. Facebook. Conversation. Sociability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do município de Pelotas no Rio Grande do Sul.....	45
Figura 2: Mapa dos Distritos de Pelotas e suas respectivas localidades	45
Figura 3: Distância da Escola Elizabeth Blaas Romano da cidade de Pelotas.....	53
Figura 4: Mapa dos entornos da Escola Elizabeth Blaas Romano	54
Figura 5: Residência dos estudantes da escola na zona rural de Pelotas.....	120

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1: Novo prédio da Escola Elizabeth Blaas Romano.....	54
Foto 2: Escola Estadual de Ensino Fundamental Garibaldi	55
Foto 3: Refeitório da Escola.....	56
Foto 4: Cozinha da Escola.....	56
Foto 5: Laboratório de Ciências	57
Foto 6: Uma das três novas salas de aula	57
Foto 7: Secretaria da Escola, onde o roteador de internet sem fio está instalado.....	58

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Resultados da primeira exploratória.....	103
--	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: possui perfil no <i>Facebook</i> ?	116
Gráfico 2: Qual sua idade?	119
Gráfico 3: Qual sua série?	119
Gráfico 4: Costuma trabalhar na propriedade da família?.....	121
Gráfico 5: Qual renda estimada mensal de sua família?	122
Gráfico 6: Qual a principal forma de contato com os seus colegas?.....	123
Gráfico 7: Finalidades para uso do <i>Facebook</i> : curtir	128
Gráfico 8: Finalidades para uso do <i>Facebook</i> : compartilhar.....	129
Gráfico 9: Finalidades para uso do <i>Facebook</i> : fuçar.....	129
Gráfico 10: Finalidades para uso do <i>Facebook</i> : paquerar	130
Gráfico 11: Finalidades para uso do <i>Facebook</i> : jogar.....	130
Gráfico 12: Finalidades para uso do <i>Facebook</i> : relacionar-se com celebridades.....	130
Gráfico 13: Finalidades para uso do <i>Facebook</i> : relacionar-se com empresas ou marcas.....	131
Gráfico 14: Finalidades para uso do <i>Facebook</i> : informar-se	131
Gráfico 15: Média de número de amigos	132
Gráfico 16: Quantos amigos mais interage?.....	132
Gráfico 17: Finalidades para uso de <i>Facebook</i> : conversar.....	133
Gráfico 18: Elementos de comunicação no <i>Facebook</i>	133
Gráfico 19: Assuntos sobre os quais conversam: aula	134
Gráfico 20: Assuntos sobre os quais conversam: trabalhos	134
Gráfico 21: Assuntos sobre os quais conversam: professores.....	135
Gráfico 22: Assuntos sobre os quais conversam: colegas	135
Gráfico 23: Assuntos sobre os quais conversam: fofocas	135
Gráfico 24: Assuntos sobre os quais conversam: festas e eventos.....	136
Gráfico 25: Assuntos sobre os quais conversam: entretenimento.....	136
Gráfico 26: Assuntos sobre os quais conversam: futuro	137
Gráfico 27: Assuntos sobre os quais conversam: atualidades	137
Gráfico 28: Assuntos sobre os quais conversam: atividade rural.....	138

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
1.1 BREVE TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	19
2 SUJEITOS DA AMOSTRA E SEU CONTEXTO SOCIAL: JUVENTUDE E ADOLESCÊNCIA NA ZONA RURAL DE PELOTAS	22
2.1 CULTURAS JUVENIS.....	22
2.1.1 Juventude, tecnologia e consumo	30
2.1.2 Recepção e suas diferentes mediações	35
2.2 JUVENTUDE RURAL.....	37
2.3 JUVENTUDE EM NÚMEROS: BRASIL E RIO GRANDE DO SUL.....	41
2.4 INTERNET E USO DE TECNOLOGIAS EM NÚMEROS.....	41
2.4.1 Uso de computador e celular no Brasil	42
2.4.2 Usuários rurais de computador no Brasil	43
2.5 JUVENTUDE NO CONTEXTO REGIONAL: PELOTAS, ZONA RURAL, LAZER E DADOS DE ACESSO A NOVAS TECNOLOGIAS.....	44
2.5.1 Juventude pelotense em números	48
2.5.2 Aspectos do lazer na zona rural pelotense	48
2.5.3 Internet nas residências pelotenses	51
2.6 A ESCOLA ELIZABETH BLASS ROMANO.....	51
2.6.1 Acesso à internet no ambiente escolar	57
3 PERSPECTIVAS COMUNICACIONAIS: CONVERSAÇÃO E SOCIABILIDADE NOS SITES DE REDES SOCIAIS	60
3.1 REDES SOCIAIS NA INTERNET.....	61
3.2 INTERAÇÃO.....	64
3.3 LAÇO SOCIAL.....	65
3.4 CAPITAL SOCIAL.....	67
3.5 SITES DE REDES SOCIAIS.....	70
3.6 CONVERSAÇÃO.....	73
3.7 FACEBOOK.....	79
4 PERCURSO METODOLÓGICO: DA EXPLORAÇÃO À PESQUISA	83
4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS: ESTUDO DE CASO.....	83
4.1.1 Problema a ser investigado	85

4.1.2 Seleção da amostra	86
4.1.3 Técnicas e instrumentos de pesquisa	86
4.1.4 A pesquisa no campo.....	89
4.1.5 Apresentação e análise de dados	89
4.2 PRIMEIRA MUDANÇA DA PESQUISA	90
4.3 PESQUISA DA PESQUISA	91
4.3.1 Intercom	92
4.3.2 Compós.....	96
4.3.3 Banco de Teses da Capes	99
4.4 EXPLORATÓRIAS	101
4.4.1 Parte I: Primeiro contato.....	102
4.4.2 Parte II: Escolas rurais em pelotas	103
4.4.3 Parte III: Primeira visita	104
4.4.3.1 Conversas	105
4.4.4 Parte IV: Sondagens.....	111
4.4.5 parte V: Segunda visita.....	112
4.4.5.1 Conversas	113
4.5 QUALIFICAÇÃO E RECONFIGURAÇÃO DA PESQUISA.....	114
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: CONVERSAÇÃO E SOCIABILIDADE ENTRE JOVENS RURAIS POR MEIO DO FACEBOOK.....	116
5.1 CARACTERÍSTICAS DO GRUPO ESTUDADO.....	116
5.1.1 Eu não possuo perfil no <i>Facebook</i>	117
5.1.2 Nível de idade.....	118
5.1.3 Nível de escolaridade.....	119
5.1.4 Origem dos estudantes	119
5.1.5 Atividade rural e profissional.....	121
5.1.6 Renda familiar	121
5.1.7 Locais de sociabilidade.....	122
5.2 USO DE COMPUTADORES E CONSUMO DE INTERNET	123
5.2.1 Posse de computadores e internet	123
5.2.2 Uso de celulares e smartphones.....	125
5.2.3 Tempo médio de conexão.....	126
5.3 CONVERSAÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE SOCIABILIDADE	127

5.3.1 Tempo médio de uso e hora de acesso ao <i>Facebook</i>	127
5.3.2 Finalidades de uso do <i>Facebook</i>	128
5.3.3 Elementos de construção da fala	132
5.3.4 Assuntos mais debatidos no <i>Facebook</i>	133
5.3.5 Uso de outros sites de redes sociais e aplicativos sociais	138
5.3.7 Mudanças com o uso do <i>Facebook</i>	139
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS	145
ANEXO A - Plano de pesquisa exploratória.....	152
ANEXO B - Carta de anuência da Embrapa Clima Temperado.....	156
ANEXO C - Carta de anuência da Escola Elizabeth Blaas Romano.....	157
ANEXO D - Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).....	158
ANEXO E - Questionário	159

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para iniciar o presente trabalho é importante desenvolver primeiramente as trajetórias e motivações que me guiaram para abordar o tema aqui proposto. Os interesses acadêmicos e o percorrer profissional uniram-se e foram fundamentais nas definições da pesquisa tal qual ela foi desenvolvida. Além disso, é importante se descrever, também, o desenrolar do trabalho e seus encaminhamentos ao longo dos dois anos do curso de mestrado, de maneira a indicar os aspectos que influenciaram o presente desenho conceitual e metodológico.

Meu primeiro contato com a pesquisa ocorreu em 2005, quando fui selecionado como bolsista de iniciação científica na Universidade Católica de Pelotas (UCPel) para trabalhar com a utilização da fotografia como método de pesquisa etnográfico. O trabalho estava inserido no Projeto Fotoetnográfico Ilha dos Marinheiros e tinha como base o trabalho de Achutti (1997) em antropologia visual. O projeto buscava narrar as histórias da população local através dos registros fotográficos realizados pelos integrantes do projeto. Posteriormente, as imagens eram apresentadas em exposições, tanto aos ilhéus como à população de cidades próximas como Pelotas e Rio Grande.

Esse primeiro contato com a pesquisa, no entanto, não estava voltado diretamente aos meus interesses enquanto pesquisador. Ao me inscrever para as bolsas de pesquisa, buscava trabalhar com comunicação e cibercultura, com foco, principalmente, nos sites de redes sociais, especialmente o Orkut e o Fotolog¹, bastante populares à época. Desde o início da minha vida acadêmica, o uso de internet como suporte para a comunicação sempre despertou minha atenção, mas por falta de maturidade não fui capaz de direcionar o meu contexto de pesquisa a esse viés mais cibercultural.

As primeiras leituras mais aprofundadas referentes ao tema vieram apenas em 2007, ao longo da construção da monografia do curso de Comunicação Social – habilitação jornalismo na UCPel. Por meio do trabalho “Análise da convergência entre a série *Heroes* e o suporte on-line através da apropriação das características da internet” aprofundei meus conhecimentos históricos sobre o desenvolvimento da internet; me deparei com conceitos como cibercultura, interatividade, convergência, sociedade em rede; e ainda me envolvi com a temática do entretenimento.

Após um ano morando fora do país, retornei à Universidade e cursei alguns semestres a mais para obter a habilitação em Publicidade e Propaganda. Mas, nesse período estive mais

¹ Disponíveis em: <www.orkut.com> e <www.fotolog.com.br>.

focado no mercado, não realizando nenhuma produção relevante. O contato com a academia foi retomado apenas em 2010, ao logo de uma especialização em Jornalismo Digital, realizada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Ao longo do curso realizamos alguns trabalhos de pesquisa sobre jornalismo e sites de redes sociais e fomos estimulados a desenvolver um projeto prático final que envolvesse alguma problematização teórica sobre comunicação e internet.

O ingresso no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, por sua vez, se deu em 2012, após o término da especialização, mediante um projeto vinculado à comunicação e ao entretenimento que se propunha a estudar as relações entre fãs de cantoras pop na internet. O trabalho da pesquisadora – e minha atual orientadora – Adriana Amaral sobre a temática serviu de motivação para que eu tentasse o ingresso nesta Universidade e, com sorte, trabalhasse com ela.

Minhas aspirações foram bem sucedidas. Ingressei no curso no início de 2012 e frequentei quatro disciplinas – duas obrigatórias e duas eletivas – concomitantemente as minhas atividades profissionais como assessor de imprensa e *social media* na UCPel. Semanalmente eu me deslocava de Pelotas a Porto Alegre para frequentar as aulas, o que limitou bastante minha participação mais ativa nas atividades propostas pelo PPGCC ao longo do semestre.

Em meados deste mesmo ano, em julho de 2012, fui convocado numa Instituição para a qual havia prestado concurso público no início de 2010: a Embrapa Clima Temperado², em Pelotas/RS. Ao assumir o cargo, os gestores permitiram que eu me afastasse um dia por semana para concluir as disciplinas e as atividades do mestrado em São Leopoldo/RS. Não sofri pressão alguma para modificar o projeto o qual já havia iniciado. Mas, para ser mais contributivo à minha atividade enquanto assessor de comunicação de uma Instituição que tem como foco o público rural, então decidi repensar meus esforços acadêmicos.

A Embrapa é um órgão ligado ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) que visa desenvolver pesquisas para o desenvolvimento da atividade agropecuária no Brasil. Mais especificamente, a Embrapa Clima Temperado é uma das 47 Unidades Descentralizadas da Embrapa, de cunho eco-regional, cujas bases abrigam pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento, tendo como foco principal as culturas de Clima Temperado – sua área de abrangência – englobando os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e metade Sul do Paraná.

² Mais informações em: <http://www.cpact.embrapa.br/>

Neste contexto, fui inserido no Núcleo de Comunicação Organizacional. Dentre as atividades que me foram conferidas inicialmente, estão a assessoria de imprensa, a comunicação institucional e a comunicação interna. Ainda me insiro neste contexto, mas, por minha familiaridade com questões audiovisuais, logo assumi a responsabilidade por um programa de TV – o *Terra Sul*³ – desenvolvido há 20 anos em parceria entre a Embrapa Clima Temperado e a Emater Regional Pelotas⁴.

A proposta do *Terra Sul* está bastante vinculada à área de Transferência de Tecnologia⁵ da Embrapa, em que o objetivo é fazer com que os resultados da pesquisa cheguem à sociedade de maneira eficaz. Mas, como estamos lidando com a pesquisa agropecuária, para tais resultados chegarem, principalmente, à mesa da população, devemos levar em consideração um público anterior, que produz estes alimentos: os agricultores.

A título de atualização conceitual, de acordo com Heberlê (2012, p. 19), é importante se considerar que a comunicação pública não é mais vista como mero apoio a projetos de desenvolvimento, com mensagens persuasivas e informativas. O conceito trabalhado por Bordenave da Transferência de Tecnologia – o qual Heberlê chama de Comunicação para o desenvolvimento – se baseia num formato mais antigo, de quando os comunicadores simplificavam a informação gerada pelos técnicos e as empacotavam em um formato persuasivo. Portanto, vamos considerar o Transferência de Tecnologia apenas como termo que define uma área de atuação onde estou inserido, desconsiderando seu significado original.

Ainda prevalece a pedagogia da transmissão ou da transferência, que consiste na transmissão de conteúdos às pessoas. Isso é educação para muita gente. Basta perguntar a alguém na rua: “O que é educação?”. Responderão que é transmitir conhecimentos de uma pessoa que sabe a outra que não sabe, ou transmitir a cultura de uma geração à outra. É sempre transmitir! Mas transmitir não é educação. O que é então educação? É transformar a vida das pessoas enquanto se está transformando a própria sociedade. Neste momento a educação é um processo de transformação pessoal e social, e é esse tipo de conceito que nós comunicadores para o desenvolvimento temos que incorporar para enriquecer o nosso campo, que por si só já é bastante fértil e complexo (HEBERLÊ, 2012, p. 20).

Atualmente, inserido neste contexto de Transferência de Tecnologia, o programa Terra

³ Disponível em: http://www.cpact.embrapa.br/programas_projetos/programas/terrasul/index.php

⁴ Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/regionais/pelotas.php>

⁵ Transferência de tecnologia (...) significaria comunicação de conhecimentos. Mais adequado seria “ensino-aprendizagem de tecnologia”, que combinaria a ação tradutora-instrutora do técnico com a ação assimiladora do agricultor (BORDENAVE, 1983, p. 48).

Sul é veiculado em quatro emissoras: TV Nativa⁶, TV UCPEl⁷, TV Câmara⁸ e TV Cidade⁹. Mas, nenhuma destas tem uma penetração nas áreas rurais da região de maneira eficaz. Um meio que está sendo utilizado como forma alternativa e que tem apresentado bons retornos numéricos, tanto em termos de visualizações como de interações, é o canal do programa no *YouTube*¹⁰.

Criado em 2008, atualmente o canal possui mais de 3,5 milhões de visualizações, mais de mil inscritos e uma média mensal de cem mil visualizações. Este levantamento bastante expressivo, e os diversos relatos sobre os usos de internet na zona rural compartilhados por pesquisadores, extensionistas e agentes de transferência de tecnologia que mantêm contato frequente com os agricultores da região, também me motivaram a mudar a pesquisa para este caminho.

A realidade do uso da internet – seja através de sites de redes sociais ou de sites específicos – é crescente a cada dia, não apenas de maneira a potencializar as relações sociais, mas como ambiente para busca de informações. Os números significativos do canal do *Terra Sul* no *YouTube*, de certa maneira, demonstram que o público ligado à atividade agropecuária na região tem buscado informações relativas ao campo na internet. E os relatos compartilhados pelos profissionais da extensão e da pesquisa confirmam a conectividade dos agricultores locais.

Outro aspecto que motivou minha transição acadêmica foi a experiência empírica de contato com os produtores e com os adolescentes moradores das residências rurais. De julho de 2012, quando ingressei na Instituição, até janeiro de 2014, quando ocorreram meus últimos contatos diretos com os agricultores a trabalho, sempre perguntei informalmente sobre os usos de internet e celular e a resposta obtida era sempre similar: em todas as propriedades visitadas, de vários municípios do Estado, todos os adolescentes com os quais conversei se comunicavam por meio da internet, principalmente pelo *Facebook*, e, muitas vezes, através do celular.

Embora seja comum a visão de uma zona rural mais atrasada, a realidade aparenta ter se modificado consideravelmente nos últimos anos em termos de uso de tecnologias. Mesmo em regiões relativamente afastadas no Estado, a principal forma de contato com os agricultores é o celular que, muitas vezes, é atendido diretamente das lavouras e, inclusive,

⁶ Disponível em: <http://www.nativatv.com.br/>

⁷ Disponível em: <http://tv.ucpel.tche.br/>

⁸ Disponível em: <http://www.camarapel.rs.gov.br/tv-camara-1>

⁹ Disponível em: <http://www.tvcidadepelotas.com.br/>

¹⁰ Disponível em: <http://www.youtube.com/c/pactts>

utilizado para conferir a previsão do tempo. Um caso extremo de uso do aparelho, verificado na zona rural do município de Santana do Livramento, região Sudoeste do Rio Grande do Sul, foi o de um agricultor Quilombola que recebeu uma ligação da esposa, presente na residência distante cerca de 200 metros do local onde conversávamos, para ser perguntado se o suco que bebíamos já havia acabado. Um fato, no mínimo, curioso, que demonstra a inserção desse tipo de tecnologia no cotidiano dessas pessoas.

1.1 BREVE TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Considerando meu interesse na problemática da comunicação mediada, não apenas pela internet, mas por novos dispositivos tecnológicos; e meu histórico de pesquisa e familiaridade com cultura pop e, conseqüentemente, com o contexto jovem, decidi trilhar um caminho que levasse em conta estas perspectivas na reformulação do projeto. A intenção também foi manter algum vínculo com a área de pesquisa da orientadora que me acolheu.

Com isto em mente, e com a informação diária da crescente penetração da internet na zona rural de Pelotas por meio do relato de pesquisadores e extensionistas rurais – e pela própria experiência de trabalho –, optei por verificar de maneira sistematizada se esta realidade realmente se confirmaria. A partir disto, elaborei uma proposta para observar de que forma os jovens, especificamente, estariam se utilizando da internet em seu cotidiano e como essa conectividade estaria refletindo em suas realidades sociais.

Para definição da amostra de pesquisa, por pressupor-se que o maior contato com as novas tecnologias seria feito nas propriedades por intermédio dos jovens, optou-se por trabalhar, então, com adolescentes entre 15 e 20 anos. A intenção primeira era verificar como os jovens se comunicariam por meio da internet para, portanto, identificar um novo canal, uma nova forma de comunicação, para levar informações, sejam técnicas ou não, às propriedades familiares.

Neste processo de reformulação, contei com a ajuda de um pesquisador em comunicação da Embrapa Clima Temperado, Antônio Heberlê, que também esteve presente em algumas das etapas de coletas de dados da pesquisa exploratória. Visitamos duas escolas situadas em zona rural dos municípios de Pelotas e Canguçu, ambos com forte vocação para a atividade agropecuária. Além disso, também realizei uma “pesquisa da pesquisa”¹¹ nos anais

¹¹ A pesquisa da pesquisa consiste na busca por trabalhos com temática similar, de maneira a verificar o que se está sendo discutido na área com relação ao assunto. Além de fornecer resultados obtidos por outros pesquisadores, a pesquisa da pesquisa ainda pode indicar caminhos com relação aos autores utilizados para

da Compós e do Intercom e no Banco de Teses da Capes¹² de maneira a me auxiliar na construção do embasamento teórico-metodológico do trabalho.

A exploratória realizada para subsidiar a construção da pesquisa foi realizada em junho de 2013, conforme será descrito em maiores detalhes no capítulo 4. Com base nesses dados e num levantamento teórico sobre juventude, juventude rural, extensão rural e etnometologia, construí o texto de qualificação, apresentado no dia 11 de setembro de 2013 para uma banca composta pela orientadora Adriana Amaral e pelas professoras Raquel Recuero, do Programa de Pós-graduação em Letras da UCPel, e Jiani Bonin, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos.

A partir das considerações da banca e de conversas com a orientadora, a pesquisa ganhou novas delimitações. Passou a ser um estudo de caso focado nas conversações e sociabilidade entre os jovens moradores da zona rural de Pelotas via *Facebook*, em especial dos alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Elizabeth Blaas Romano, tendo como objetivo observar de que maneira ocorre essa dinâmica e para quais finalidades. A coleta sistemática dos dados junto aos jovens, entretanto, ocorreu apenas ao final de fevereiro de 2014 em função do retorno das atividades letivas da Escola Elizabeth Blaas Romano – atrasadas, segundo o diretor da instituição, devido a problemas com o transporte escolar.

A partir da elaboração de um questionário no *Google Drive*¹³, a intenção primeira seria a realização das entrevistas por meio de imersão num grupo da escola existente no *Facebook*, de forma a minimizar a problemática do deslocamento. Mas, como numa observação do grupo verificou-se baixa participação, principalmente dos jovens, chegou-se a conclusão de que seria necessário realizar o questionário de maneira presencial, diretamente na escola. Desta maneira, optou-se por ampliar a amostra da pesquisa, que não estaria mais voltada apenas à turma entrevistada na exploratória realizada em junho de 2013, mas ao maior número de alunos, de todas as seis turmas do ensino médio presentes no dia da coleta de dados, dispostos a participar da intervenção.

As entrevistas, realizadas nos dias 26 e 27 de fevereiro, foram aplicadas entre os estudantes dos turnos da tarde e da noite. Primeiramente, foram entrevistados os alunos do terceiro ano – teoricamente, os mesmos entrevistados na pesquisa exploratória realizada em

problematizar determinado conceito ou, ainda, possibilidades metodológicas para se trabalhar determinado objeto.

¹² Estes foram escolhidos para realização da “pesquisa da pesquisa” durante a disciplina de Pesquisa em Comunicação, por sugestão da professora Jiani Bonin.

¹³ Questionário disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/1tWgMpQoip-yW0Pi4cBXPkV61pDqXmtczJCNbPFIyb2I/viewform>>.

junho de 2013. Em duplas, os estudantes foram convidados a se deslocar até a secretaria da escola, onde se explicou o projeto e seus objetivos e o conteúdo do questionário e onde, também, perguntou-se a eles se aceitariam participar da pesquisa. Em seguida, cada estudante sentou em frente a um computador e preencheu o formulário sem a intervenção do pesquisador, embora este estivesse presente acompanhando e respondendo dúvidas que surgiam ao longo do caminho.

No primeiro dia foram entrevistados 16 estudantes. Para agilizar a coleta de informações, no segundo dia mais um computador foi disponibilizado e os alunos convidados a responder ao questionário em trios. Embora estivessem na mesma sala, as respostas foram realizadas individualmente e ninguém teve acesso aos resultados dos demais colegas. Com essa dinâmica, o número de entrevistados no segundo dia subiu consideravelmente para 38 alunos, totalizando 54 entrevistados em um universo de 122 alunos matriculados. Com relação ao número final de componentes é importante se considerar que nesses dois dias nem todos os 122 alunos estiveram presentes em função de problemas com o transporte escolar. Além disso, alguns estudantes optaram por não participar da pesquisa.

Mais detalhes sobre os aspectos metodológicos deste trabalho e sobre a realização das entrevistas e seus resultados estarão descritos no capítulo 4. Antes, no capítulo 2, haverá uma contextualização das culturas juvenis e, mais especificamente, do grupo pesquisado, incidindo não apenas em dados demográficos, mas também em informações relativas à região e ao local de aplicação da pesquisa. No capítulo seguinte, entra-se nos aspectos comunicacionais, com abordagens sobre os conceitos de sites de redes sociais, conversação, interação e uma problematização teórica sobre o *Facebook*, objeto de estudo onde a conversação entre os jovens rurais está sendo observada. Finalmente, após a descrição da metodologia de trabalho e seus resultados, as considerações finais a respeito do conteúdo deste trabalho e seus desdobramentos.

2 SUJEITOS DA AMOSTRA E SEU CONTEXTO SOCIAL: JUVENTUDE E ADOLESCÊNCIA NA ZONA RURAL DE PELOTAS

Neste primeiro capítulo será realizada uma contextualização das culturas juvenis, de maneira a apresentar elementos que ajudem na compreensão dos conceitos de juventude e adolescência na contemporaneidade. Também, buscar-se-á abordar algumas noções de juventude rural de maneira a contextualizar a realidade do sujeito estudado nesta pesquisa. Além disso, as noções de juventude de rural serão problematizadas no contexto do uso e consumo de tecnologias e, ainda, das mediações.

Ao mesmo tempo, o capítulo busca contextualizar o espaço onde os jovens sujeitos da amostra estão inseridos, com dados a respeito da juventude no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Pelotas e, ainda, com dados a respeito do uso de computadores e internet nessas regiões. A caracterização do município onde a pesquisa está inserida também é importante de maneira a apontar a realidade socioeconômica onde esses jovens vivem. Da mesma forma, será apresentado um breve histórico da escola onde esse público estuda e que serviu de elemento central para delimitação da amostra de pesquisa.

2.1 CULTURAS JUVENIS

De acordo com Livia Barbosa e Leticia Veloso (2012, p. 17), as sociedades modernas vêm atribuindo diferentes significados ao conceito de juventude. Por um lado, considera-se que os jovens têm uma “função social”: em decorrência de sua abertura e disposição ao risco seriam responsáveis pelas mudanças sociais e culturais que ocorrem na sociedade. Outras perspectivas, no entanto, apontam que os jovens não apenas reagiriam a um contexto cultural já pronto, mas “criariam uma ‘cultura’ no sentido de se apropriarem de formas inovadoras e inusitadas a certas questões postas pela contemporaneidade e elaborariam de forma diferenciada as potencialidades e os recursos que se lhes apresentam” (BARBOSA; VELOSO, 2012, p. 18).

Mas, as autoras ressaltam um cuidado para não se romantizar a juventude de maneira permissiva, como se pudesse tudo. Essa noção foi formada na década de 1960 a partir da revolução sexual, dos movimentos estudantis e da recusa às regras sociais, se consolidando, principalmente, através dos meios de comunicação e da sociedade de consumo. A ideia homogeneizante de que a juventude se caracteriza essencialmente por ousadia, rebeldia e

ânsia por novidades acaba por impedir a compreensão da diversidade que abrange as experiências juvenis, desconsiderando aspectos importantes dessa fase da vida e os problemas reais que os jovens precisam enfrentar no dia a dia, como a procura pelo primeiro emprego, as experiências amorosas, o relacionamento com a família, os estudos etc. “Os tipos de jovens produzidos podem ser muito diferentes na medida em que os hábitos, os valores e os modos de ser à sua disposição não são os mesmos para todos” (BARBOSA; VELOSO, 2012, p. 18).

Para Freire Filho (2008, p. 1) as noções de juventude e adolescência também são complexas e historicamente instáveis, variando conforme a articulação de formações discursivas relativas a determinado período da sociedade e a determinado contexto demográfico.

As artes, as indústrias da moda e da beleza, os conglomerados midiáticos globalizados, as ciências humanas e sociais – entre outros discursos emergentes ou legitimados – produzem conhecimentos, verdades sobre o que constitui a “essência” e as “potencialidades”, os “prazeres” e os “dilemas” dos adolescentes e dos jovens, como devemos interpretá-los e interpelá-los, no interior de configurações historicamente determinadas de saber, poder e subjetivação. (FREIRE FILHO, 2008, p. 1).

Conforme o autor, a adolescência e a juventude têm sido vistas como elementos da sociedade que abrigam as expectativas e os temores relativos às mudanças na economia, nos hábitos e nos costumes, na moralidade e na sexualidade, na produção e no consumo cultural e nas relações sociais (FREIRE FILHO, 2008, p. 2). Ou seja, a juventude é percebida como precursora das futuras mudanças sociais e, portanto, serviria de termômetro para o que se espera da sociedade nas próximas gerações. Mesmo embora, segundo Freire, hajam diferentes percepções – às vezes incompatíveis – da juventude e da adolescência no âmbito do Estado, do mercado, dos movimentos sociais e da ciência.

Especificamente sobre a adolescência, Freire indica que, mesmo que a noção já existisse anteriormente ao período moderno, a separação entre esse período da vida e a maturidade foi efetivamente aplicada apenas na virada do século XX, nas sociedades industrializadas ocidentais. Sendo assim, a adolescência foi tida como um espaço social para formação de indivíduos constituídos de valores necessários e esperados pela sociedade moderna (FREIRE FILHO, 2008, p. 5).

Em países economicamente avançados, os conjuntos de práticas materiais e educacionais buscavam controlar a vida dos jovens e reforçar as normas sociais dominantes. Aspectos que contribuíram para delimitar a adolescência como uma fase específica do

desenvolvimento humano, entre a ocorrência biológica da puberdade e a delimitação arbitrária de uma idade legal limite para término da escolaridade, ingresso no mercado de trabalho, sujeição à justiça criminal e, conseqüentemente, entrada na vida adulta (2008, p. 6).

A “tecnologia da adolescência” (Lesko 2001, 2002) servia não somente para instruir os adolescentes a como se comportar, mas também para adestrá-los em quem se tornar – adultos devidamente escolados para participar, de forma genericamente propícia, na intricada vida social e econômica moderna. Os dispositivos institucionais e as estratégias discursivas que ambicionavam a formação governamental do “adolescente ideal” (sadio, higiênico, autodisciplinado, leal, disposto a aprender, desejoso de “fazer a coisa certa”) acarretaram a instauração do seu doppelgänger, do seu duplo negativo – os “precoces”, os “rebeldes”, os “ociosos”, os “delinquentes”, os “sexualmente desregrados”, estigmas dos perigos latentes intrínsecos à adolescência e ao cotidiano das grandes cidades. (FREIRE FILHO, 2008, p. 6-7)

Freire afirma ainda que, apesar das inúmeras tentativas teóricas – seja da sociologia, da psicologia etc – para demarcar a juventude e a adolescência, não há consenso sobre seu período de duração, sobre as características e sobre as significações destes períodos da vida humana. (FREIRE FILHO, 2008, p. 10). A entrada no mercado de trabalho enquanto delimitador da adolescência não é considerada válida pelo autor em função dos expressivos dados acerca do trabalho infantil. Aspectos biológicos e a idade da puberdade também seriam controversos, porque se alterariam conforme as gerações e de acordo com sexo, classe social e habitat. Com relação aos aspectos psicológicos, Freire afirma também serem variáveis, conforme a cultura e, até mesmo, entre populações rurais e urbanas de uma mesma sociedade (FREIRE FILHO, 2008, p. 10).

A juventude, por sua vez, teria um caráter mais abrangente, mas sem deixar de permear os mesmos conceitos por trás da adolescência. Segundo entrevista¹⁴ de Sílvia Borelli concedida à TV Campus, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), há uma série de aspectos que caracterizam um jovem de uma maneira mais universalizante. Mas, a característica da diversidade, segundo a autora, é fundamental de ser pensada. Há jovens inseridos em diferentes classes sociais, gênero, etnias, o que motiva a pensar o jovem de uma forma mais genérica e, ao mesmo tempo, levando em conta essas particularidades. E a mídia também tende a esse tipo de oscilação. Mas, há uma inclinação no discurso midiático de tentar universalizar o jovem, como se as diferenças não existissem (BORELLI, 2010).

De fato, para se estudar a incidência das novas tecnologias de comunicação no

¹⁴ Disponível em: <http://youtu.be/-xm6rdT8SNA> Acesso em: 03 jul. 2013.

comportamento jovem é importante se considerar os diferentes níveis de inclusão do segmento, principalmente em termos de renda e acesso. De acordo com Ronsini (2007, p.55) “estudar os processos identitários no cotidiano e seus vínculos com os meios de comunicação tecnológicos é estar vigilante ao pressuposto de uma cultura juvenil universal, partilhada por todos”. Ou seja, levando em consideração os argumentos das autoras acima mencionadas, é importante se considerar e se estar atento às particularidades e contextos em que cada grupo de jovens está inserido.

A dinâmica interna dos grupos, portanto, é relevante porque as experiências simbólicas e a formação dos estilos juvenis estão diretamente relacionadas aos espaços de sociabilidade. Para exemplificar, Ronsini (2007, p. 56) estabelece uma comparação entre a cultura *hip-hopper*¹⁵ paulista e os jovens envolvidos em tráfico de drogas, ambos movimentos de raízes humildes. Enquanto o primeiro se apega à autoestima e ao respeito pelos companheiros de grupo – valores que superam o interesse por drogas e armamentos – os jovens envolvidos com o tráfico valorizam símbolos de virilidade e poder, principalmente através de bens de consumo, superando a justificativa apenas da exclusão social.

O interesse pela cultura globalizada não significa somente a subordinação à cultura da mídia que os leva a consumir produtos, programas e a reproduzir o repertório musical internacional, mas pode indicar o anseio por novos padrões de vida, isto é, novas possibilidades materiais e simbólicas, diante da inconformidade dos jovens quando às características de funcionamento das relações no entorno social (RONSINI, 2007, p. 56-57).

Tal afirmação pode ter direta relação com a atual problemática do êxodo rural dos jovens agricultores. A difusão de valores essencialmente metropolitanos pela mídia, principalmente, em dissonância à cultura rural pode instigar um sentimento de inconformidade nos jovens pertencentes a esta realidade. E isto pode ser fator motivador para os anseios de uma vida mais urbana. Ainda conforme a autora, na idade moderna e contemporânea, os meios de comunicação têm servido para definir o modo de ser juvenil, seja no plano individual ou social (RONSINI, 2007, p. 155)

Esteves e Abramovay (2007) corroboram as autoras anteriores afirmando que o conceito de juventude implica uma extensa multiplicidade de significados. Mas, seguem um ponto de partida recorrente na academia, que tem respaldo em bases demográficas, com aportes da psicologia, para a definição. Num contexto mais internacional, definido pela

¹⁵ Referente ao estilo musical denominado hip hop.

Unesco, os autores partem do princípio de que a juventude estaria situada na faixa entre 15 e 29 anos, com a transitoriedade como sua principal característica – todos deixam de ser jovens com o passar dos anos (ESTEVEES; ABRAMOVAY, 2007, p. 23). Uma delimitação importante no contexto deste trabalho, embora esteja claro que a juventude seja flexível ao enquadramento em faixas etárias.

Neste contexto de delimitação, Abramo (2008, p. 40) confirma ao dizer que a noção de condição juvenil remeteria, de maneira aqui resumida, a uma etapa do ciclo de vida, de ligação entre a infância e a idade adulta. No entanto, a autora ressalta, como os demais autores, que a duração e os atributos destas fases da vida são culturais e históricos, nem sempre sendo a juventude demarcada como uma etapa com fronteiras fixas.

Outro aspecto importante apontado por Abramo (2008, p. 41) é o “surgimento” da juventude (ou de uma noção de juventude) na sociedade moderna ocidental como instância de segunda socialização, após a infância, de maneira a preparar os indivíduos às complexidades das tarefas de produção e à sofisticação social que emergem na sociedade industrial. Aspecto que explica a noção moderna de juventude como um período de transição: porque seria um tempo dedicado quase que exclusivamente para formação, conforme já explicado por Freire.

De acordo com Esteves E Abramovay não há apenas uma definição de juventude, “mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades” (ESTEVEES; ABRAMOVAY, 2007, p. 23). Para os autores, a noção de juventude é construída socialmente, a partir das diferentes formas como uma sociedade percebe seus jovens, considerando-se aspectos como estereótipos, momentos históricos, classe, gênero, etnia, grupo etc.

Os autores apontam ainda duas correntes, em menção à sociologia da juventude, para abordar a condição juvenil, dentre as quais, uma considera a juventude como um único grupo social homogêneo, com padrões de comportamento mais uniformes, definido pela idade; enquanto a outra reconhece a existência de diferentes culturas juvenis, conforme já mencionado anteriormente. Por isso, faz-se comum o uso do termo *juventudes* (ESTEVEES e ABRAMOVAY, 2007, p. 24).

Estas diferenciações podem ser vistas quando Abramo traz as noções de condição juvenil, caracterizada pelo modo que uma sociedade atribui significado a este ciclo específico da vida; e de situação juvenil, que engloba o modo como tal condição é vivida a partir das diferenças sociais, como classe, gênero, etnia etc (2008, p. 42).

Mas, mesmo apontando estas diferenças, para Esteves e Abramovay tais conceitos não se anulariam. O primeiro pode ter sua utilidade na comparação, por exemplo, com as juventudes de outras gerações, num contexto mais homogêneo. Enquanto o segundo – o qual se aplicaria melhor a este trabalho – considera a análise de grupos juvenis situados em situações sociais diferenciadas, de maneira heterogênea (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p. 24).

Um aspecto importante levantado por Barbosa e Veloso (2012, p. 19), que exemplifica diferentes situações juvenis, é o fato de que a juventude na sociedade contemporânea deixou de ser apenas a promessa de futuro da humanidade, passando a ser a idealização do presente para todas as faixas etárias que vem após a ela: todos querem permanecer eternamente jovens. Situação diferente daquela presente no século XIX, quando buscava-se o respeito representado pela velhice. Enquanto hoje existem produtos para manter as pessoas mais jovens, à época, ironicamente, existiam produtos para emular uma idade mais avançada.

A crescente valorização da juventude, tanto como valor quanto como estilo de vida (a forma de viver dos jovens) passa a parecer interessante a pessoas de todas as idades. A própria juventude, ou a ideia que dela se faz, passa a ser acessível a todos como objeto de consumo. (...) vivemos numa cultura marcada por uma supervalorização do jovem e do ‘ser jovem’ que se expande como um valor a ser seguido, incontestado por todos os grupos de idade, e que se manifesta em múltiplas representações socioculturais e midiáticas, indo desde a moda e a publicidade até a indústria do entretenimento (BARBOSA; VELOSO, 2012, p. 19).

Tal aspecto é interessante de ser percebido tendo em vista as diferenças da visão da juventude em cada época. Como visto, para se abordar a juventude é necessário se considerar as particularidades de cada contexto, tanto histórico como social. Por esse motivo, o conceito de gerações também é fundamental: “procura encontrar o denominador comum que caracteriza a experiência histórica existencial de um determinado grupo etário e não apenas dos jovens” (BARBOSA; VELOSO, 2012, p. 23). A importância dessa delimitação geracional, no entanto, não se limita apenas ao nascimento em período comum, mas se baseia na vivência, por essas pessoas, dos mesmos acontecimentos sociais e, principalmente, a partir de visões similares do mundo.

Mas, essas visões similares do mundo, por sua vez, também não dependem apenas de uma mesma posição geracional. Diferentes grupos específicos de jovens – as diferentes situações juvenis – inseridos num mesmo contexto geracional podem experimentar vivências diferentes e reflexões coletivas diferentes em torno de um mesmo acontecimento.

Para exemplificar, as autoras citam pesquisas realizadas na Grã-Bretanha na década de 1970, que buscavam identificar como grupos diferentes de jovens reagiam a cultura percebida como dominante – reações consideradas como de resistência pelos pesquisadores. “Argumentava-se que através de tais ‘processos de resistência’, grupos de jovens produziam suas próprias manifestações culturais, constituindo assim as chamadas ‘subculturas’ – como a dos roqueiros das décadas de 1950 e 1960, ou as dos punks dos anos de 1970” (BARBOSA e VELOSO, 2012, p. 24). De certa maneira, isso também pode ser observado na comparação nas diferentes manifestações entre grupos juvenis situados em centros urbanos daqueles situados em zonas rurais que, por sua vez, também podem diferir de outras comunidades rurais situadas em contextos regionais distintos.

Pensando também numa contextualização histórica, Esteves e Abramovay (2007) destacam dois momentos do papel do jovem na sociedade. No primeiro estágio, afirmam que o jovem carregou uma vocação de revolução, desde o século XVIII a boa parte do século XX, em função da ruptura causada pela produção capitalista sobre o absolutismo monárquico e do caráter de novidade causado por essas mudanças.

Antes, conforme Canevacci (2005, p. 22), os jovens não existiam como faixa etária porque havia um trânsito muito rápido da adolescência ao trabalho, principalmente no âmbito do trabalho agrícola e do industrial, que absorvia os filhos das classes populares. Enquadravam-se como jovens apenas aqueles isentos do trabalho ou os filhos dos burgueses com uma educação voltada para o trabalho. Por isso, para o autor, os elementos que suportam a construção do jovem como categoria social são a escola – que separa a população familiar da produtiva –, a mídia – que produz um novo tipo de sensibilidade, sexualidade, modo e estilo de vida – e a metrópole – cenário de signos e sonhos.

Uma nova percepção surge, então, num momento seguinte, com o prolongamento do comportamento adolescente – com base no aumento do tempo de formação escolar, na escassez de empregos, etc –, que pôs o jovem num lugar de centralidade no mercado de consumo, servindo de referência estética a toda a sociedade, e que fez com que a condição de juventude também fosse prolongada (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p. 25-27), em adição às afirmações de Barbosa e Veloso.

Para Abramo, uma consequência do alongamento desta etapa é que ela passa a incluir momentos diferenciados (ABRAMO, 2008, p. 45). Segundo a autora, a juventude teria, neste contexto, seu marco inicial na adolescência, caracterizada principalmente por transformações biológicas e psicossociais. Já a juventude em si estaria relacionada com questões voltadas à

busca de inserção social. A entrada no mundo adulto, por sua vez, se daria cada vez mais tarde, sem uma linearidade padrão. Mas, alguns estudos citados pela própria autora caracterizariam o fim desta transição (considerando-se algumas modificações) através de alguns marcos, como deixar a escola, começar a trabalhar, sair de casa, casar, ter um novo lar e ter filhos (ABRAMO, 2008, p. 44).

De acordo com Durston (1999, p. 9) a puberdade tornou-se, de fato, ponto de partida biológico da fase juvenil, já que a capacidade reprodutiva a distinguiria da infância. Mas, o encerramento deste período, as mudanças perante a família e a sociedade, seriam sociais, não determinadas biologicamente, mas culturalmente. Portanto, não ocorreria de forma padrão em todas as sociedades, variando de acordo com cada contexto, o que torna difícil definir uma idade fixa para o fim da juventude.

Bourdieu (1983, p. 152), ao afirmar que a juventude é apenas uma palavra, também reforça a noção de arbitrariedade em torno desse grupo e ainda indica um certo “jogo de manipulações” com a construção do conceito. Velho e jovem são referências relativas, dependendo do ponto de vista – afinal, um homem de 40 anos pode ser considerado jovem para quem já está na casa dos 80, por exemplo – e, portanto, conceitos construídos socialmente na disputa entre eles. Existiria, dessa maneira, uma relação bastante complexa entre idade biológica e idade social. Para o autor, cada campo abriga regras específicas de envelhecimento, por isso é importante se considerar essas regras específicas para se delimitar as características de cada geração.

Como características generalistas a todos os agrupamentos juvenis, Esteves e Abramovay destacam “a procura pelo novo; a busca de respostas para situações e contextos antes desconhecidos; o jogo com o sonho e a esperança; a incerteza diante dos desafios que lhes são colocados ou inspirados pelo mundo adulto etc” (ESTEVES; ABRAMOVAY, 2007, p. 28). Leite e Nunes (2007, p. 206) ainda acrescentam, ao afirmar que os processos de mudanças sociais têm se apoiado na juventude, que:

(...) os atributos conferidos a esses atores sociais – os jovens – pela escola e pela família, legitimados por algumas teorias de cunho psicológico, são justamente aqueles que contribuem para que essa sociedade informacional se desenvolva e se configure a partir de novas culturas: a ousadia, o gosto pela liberdade, o sentimento de imortalidade, os anseios pelo novo, o ímpeto pelo diferente, pela descoberta e pela crítica, além de uma linguagem que os particulariza como categoria social.

Considerando o contexto globalizado, Novaes (2009, p. 15) aponta para o surgimento

de condições que propiciam novas maneiras de se conceber a juventude, para além do aspecto de transitoriedade para a vida adulta. A autora fala de *marcas geracionais comuns*, as quais aproximam as juventudes de um mesmo país e de diferentes países, apesar de suas desigualdades e diferenças.

No âmbito mundial, é a presente geração que experimenta – justamente por ser jovem – mais intensamente as novas maneiras de *estar no mundo*, vivenciando as novas conexões entre tempo e espaço e a disseminação das novas tecnologias de informação e comunicação. Os múltiplos usos do telefone celular, a socialização na cultura digital, enfim, o acesso – ainda que desigual e diferenciado – à internet fazem parte desta inédita experiência geracional. É também esta é a geração juvenil que vive de maneira mais generalizada os medos advindos dos riscos ambientais que ameaçam a humanidade. Assim como é a presente geração juvenil que experimenta *na pele* as consequências das rápidas e incessantes mudanças tecnológicas que transformam o mundo do trabalho, que provocam novos fluxos migratórios e que impõem novas e criativas estratégias de inserção social e produtiva (NOVAES, 2009, p. 15).

Para a autora, é a partir dos fatores globais e locais, tais quais expostos anteriormente, que se constitui a questão juvenil do século XXI.

2.1.1 Juventude, tecnologia e consumo

Como sublinhado acima por Novaes, a sociedade atual é permeada por aparatos tecnológicos que, muitas vezes, podem representar um grande desafio para públicos adultos ou idosos. Assim, a cultura tecnológica que se instaura na sociedade, principalmente a partir do século XXI, tem sido identificada pelos discursos dos veículos de comunicação como uma cultura essencialmente juvenil. De acordo com Pereira e Polivanov, as tecnologias consideradas juvenis consistem, basicamente, de dispositivos e aparelhos midiáticos digitais, como TVs, celulares, smartphones, computadores, *tablets* etc; mas, mais ainda, de tecnologias voltadas para a comunicação, para o consumo de entretenimento e para o consumo de informação (PEREIRA; POLIANOV, 2012, p. 79).

No entanto, os autores apontam que essa afinidade dos jovens pelas tecnologias se restringiria a um domínio apenas no âmbito do funcionamento, desconsiderando a parte estrutural das ferramentas. De modo geral, se precisassem consertar um aparelho quebrado, por exemplo, não saberiam. Aspecto que faz com que os autores questionem o senso comum de proximidade natural entre jovem e tecnologia. E, ao mesmo tempo, que fundamenta uma

percepção que orienta os pesquisadores da área na hora de estabelecer um recorte de quais tipos seriam, de fato, as tecnologias as quais os jovens, supostamente, teriam mais afeição.

Essa afinidade entre os jovens e a tecnologia, portanto, estaria dividida em duas perspectivas, que caminham de maneira complementar uma a outra: a *perspectiva simbólica-social* e a *perspectiva materialista-cognitiva* (PEREIRA; POLIANOV, 2012, p. 80). A primeira explora como as práticas sociais, de consumo e uso dos aparelhos, estão ligadas ao consumo de entretenimento – tido não apenas como um produto, mas como uma linguagem. Já a *perspectiva materialista-cognitiva*, por sua vez, relaciona o manuseio dessas tecnologias e suas dimensões materiais às afetações que podem causar no corpo e na mente dos indivíduos e grupos inseridos em determinada cultura material. Em suma:

As culturas contemporâneas se expressam, majoritariamente, através da linguagem/entretenimento, como resultado direto de décadas de consumo de produtos típicos da cultura de massa. (...) A partir desse modelo cultural paradigmático, o entretenimento como linguagem é incorporado também às gramáticas visuais, táteis e sonoras das interfaces das tecnologias midiáticas contemporâneas, o que continua atraindo públicos jovens. Estes, por sua vez, considerando suas maiores disponibilidades e plasticidades neurais, são afetados e, de algum modo, tornam-se cada vez melhor adaptados ao conjunto material e cognitivo que as novas tecnologias midiáticas demandam. Aos poucos esses jovens parecem apresentar padrões perceptivos e cognitivos alterados, demonstrando saltos e diferenças expressivas em relação a gerações anteriores, o que se traduziria, dentro outros aspectos, na facilidade de manuseio dessas mesmas tecnologias. (PEREIRA; POLIANOV, 2012, p. 93)

Neste mesmo contexto, Castro (2012, p. 70-72) também discorda que as últimas gerações sejam mais familiarizadas com os fazeres de uma cultura digital apenas por terem nascido num contexto de contato constante com essas ferramentas. A autora critica ainda a postura multitarefa dos jovens atuais, que resultaria numa superficialidade com relação ao processamento das informações disponíveis. Além disso, afirma que a inclusão digital não se resume ao acesso ao computador e à internet, mas ao domínio das lógicas desses novos meios, desenvolvido a partir de uma educação direcionada.

A desenvoltura do jovem *screenager*¹⁶ para avaliar e processar as informações transformando-as em conhecimento relevante, bem como sua competência para produzir conteúdo e participar ativamente de fóruns pertinentes on-line resultam do aprendizado contínuo que deve ser guiado e estimulado por uma educação de qualidade que interaja com esse novo

¹⁶ Expressão criada a partir da fusão das palavras inglesas *screen* (tela) e *teenager* (adolescente), em referência a forte presença das telas na cultura jovem contemporânea. Grifo do autor.

cenário digital (CASTRO, 2012, p. 73).

Ainda segundo a autora, apesar do número de computadores nas escolas brasileiras ter aumentado, o baixo número de computadores por aluno e o despreparo dos professores para lidar com as novas tecnologias seriam alguns dos empecilhos apontados para que os jovens não possuam capacidade suficiente para extrair o potencial dessas ferramentas. Como consequência, segundo a autora, os equipamentos mais avançados se tornariam mais símbolos de distinção e classificação social do que de inclusão digital porque, embora as famílias invistam em tecnologia, ainda faltaria um “letramento reflexivo” na formação desses jovens (CASTRO, 2012, p. 74).

De fato, em uma pesquisa realizada em duas favelas da cidade do Rio de Janeiro, Barros (2012) analisou o uso de tecnologias pelos jovens das comunidades e constatou que, para esses jovens, não estabelecer conexões com os demais através de aparelhos tecnológicos significaria estar à parte das dinâmicas sociais. As materialidades dos objetos também se mostraram importantes porque servem para afirmar para si e para os demais a participação nos processos, de maneira que, quanto mais avançadas as tecnologias, mais iguais eles seriam aos mais favorecidos economicamente. Tem-se aqui o uso e o consumo de tecnologias e suas materialidades como forma de construção de si e de definição de uma identidade juvenil contemporânea.

Mas, conforme aponta Rocha (2012), esse processo não é novo. O consumo na construção de identidades, inicialmente apropriado enquanto elemento de diferenciação e contestação, começa a despontar lá na década de 1960, principalmente, por meio da música e do vestuário. Uma década depois, nos anos 70, que os jovens começam, então, a agregar ao seu estilo de vida o encontro do consumo com a tecnologia. Esse período, segundo a autora, é considerado a era dos *gadgets* – de aparelhos portáteis como *walkmans* e câmeras super-8 (ROCHA, 2012, p.253).

Por outro lado, a identificação de uma “cultura tecnológica” enquanto sinônimo de “cultura juvenil” reforça-se mesmo nos anos 80, quando surgem os primeiros computadores, os primeiros videogames e a internet. Muitas dessas tecnologias foram idealizadas por jovens promissores, como Bill Gates e Steve Jobs, que influenciaram toda a indústria tecnológica mundial sem ao menos terem terminado seus cursos na Universidade. (FREIRE FILHO; LEMOS, p. 2008, 18)

Ao longo das transformações políticas, econômicas e culturais ocorridas especificamente no Brasil ao longo das últimas décadas, afirma Rocha (2012, p. 253), as

materialidades do consumo e dos meios de comunicação sempre estiveram presentes nos modos de ser e viver de diferentes segmentos juvenis – principalmente em se tratando de tecnologia –, sendo apropriadas de diferentes formas por cada um desses grupos. Da mesma forma, tendo um determinado tipo de apropriação condizente a cada período histórico.

Em relação à década de 2000, Rocha aponta que neste período as construções das identidades dos jovens começam a permear a publicização e reconhecimento do cotidiano, tornando o gosto e o estilo como instrumentos de visibilidade – constituindo, portanto, um fenômeno novo. Essa construção de si estaria bastante ligada à tecnologia, à internet e aos sites de redes sociais, conforme diversos exemplos de consumo cultural apontados pela autora. É através destes sites, principalmente, que os jovens expõem seus modos de vida, seus gostos, e procuram demonstrar para o mundo que existem e que existem de um determinado modo. Os consumos culturais, conforme a autora, operam nas narrativas juvenis um papel de representação perante si e perante os demais. (ROCHA, 2012, p. 268).

“Antes de tornar-se adulto, entrando no mundo sério e irreversível do trabalho, o jovem é tal porque consome. E, pela primeira vez, o consumo juvenil adquire um papel central que se amplia concentricamente para toda a sociedade. O jovem consome, o adulto produz” (CANEVACCI, 2005, p. 23). Para o autor, esta é a primeira vez a história que os jovens provenientes de qualquer classe são emancipados da produção agrícola ou industrial e podem consumir à vontade, e isso é percebido nos exemplos citados em todas as décadas mencionadas acima.

Entrando especificamente na questão do consumo, cabe aqui abordar melhor o termo. Conforme escreve Barbosa (2004, p. 8) o consumo está presente em toda sociedade humana, seja para satisfação de necessidades básicas ou “supérfluas”, seja para fins simbólicos de diferenciação, atribuição de status, pertencimento e gratificação individual. Bauman (2009, p. 108), por sua vez, indica que o consumo, por seu caráter individualista e solitário, precisa ser analisado dentro de um contexto sociológico maior, como uma ação realizada dentro de uma sociedade de consumidores, ou seja, de “uma sociedade que julga e avalia seus membros principalmente por suas capacidades e sua conduta relacionadas ao consumo” (BAUMAN, 2009, p. 108).

Para Barbosa, no entanto, é importante diferir sociedade de consumo/consumidores de cultura de consumo/consumidores. Segundo a autora, a sociedade de consumo seria aquela em que os objetivos do consumo ocupariam uma posição superior a de mera satisfação das necessidades e de reprodução social comum a todos os grupos sociais. A cultura do consumo,

por sua vez, engloba a relação mais específica entre consumo, estilo de vida, reprodução social e identidade, a autonomia da esfera cultural, a estetização e comoditização da realidade, o signo como mercadoria e um conjunto de atributos negativos atribuídos ao consumo (BARBOSA, 2004, p. 10).

O apego a bens materiais, no entanto, não seria uma característica essencialmente contemporânea, estando presente em diversas sociedades e segmentos sociais. Da mesma forma, o consumo e uso de objetos e elementos materiais para construção de identidades também não se restringiriam a contextos recentes, conforme aponta a autora:

(...) todo e qualquer ato de consumo é essencialmente cultural. As atividades mais triviais e cotidianas como comer, beber e se vestir, entre outras, reproduzem e estabelecem mediações entre estruturas de significados e o fluxo da vida social através dos quais identidades, relações e instituições sociais são formadas, mantidas e mudadas ao longo do tempo. Mais ainda, através do consumo atos locais e mundanos são relacionados a forças globais de produção, circulação, inovação tecnológica e relações políticas que nos permitem mapear e sentir na vida cotidiana aspectos que de outra forma nos parecem extremamente distanciados e presentes apenas nas discussões políticas sobre as desigualdades regionais e sociais. (BARBOSA, 2004, p. 13)

Bauman (2009, p. 109) e sua “sociedade de consumidores”, portanto, afirma que o termo vai além da observação do consumo como mera busca para satisfação de um prazer. Para o autor, todas as partes do ambiente social estão permeadas por lógicas consumistas – a qual o autor define como “síndrome consumista”: “uma série de atitudes e estratégias, disposições cognitivas, julgamentos e prejulgamentos de valor, pressupostos explícitos e tácitos variados, mas intimamente conectados, sobre os caminhos do mundo e as formas de percorrê-los, as visões de felicidade e as maneiras de persegui-las, as preferências de valor e as ‘relevâncias tópicas’”.

O autor ainda completa com a ideia de que a sociedade de consumo seria uma sociedade de excesso e fartura e, ainda, de redundância e lixo farto (BAUMAN, 2009, p. 110), porque os objetos de consumo criariam expectativas – por meio de inúmeros dispositivos, como a publicidade – que não seriam supridas no ato do consumo. Para suprir os desejos, portanto, seria necessária uma constante sucessão de experimentações, de tentativas e erros. O que poderia ser aplicado tanto no âmbito da realização dessa síndrome consumista quanto no aspecto de construções de identidades, as quais precisam ser fortalecidas constantemente perante si e perante o outro.

2.1.2 Recepção e suas diferentes mediações

Conforme Jacks (1999,p. 46-47), o estudo da recepção “está centrado no conhecimento dos hábitos de exposição aos meios e nos usos que fazem deles os diferentes grupos sociais que compõem a audiência”. Ou seja, foca no consumo e nas formas de apropriação, pelos indivíduos, do conteúdo dos meios. Esta visão crítica da comunicação, portanto, não consideraria mais o receptor enquanto passivo e alienado do processo comunicacional, mas como um sujeito capaz de negociar o sentido dos conteúdos das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação.

Tem-se neste processo dois sujeitos, o emissor e o receptor. Mas a relação entre eles não é direta, sendo realizada através das mediações, que podem ser entendidas “como um conjunto de elementos que intervêm na estruturação, organização e reorganização da percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade” (JACKS, 1999, p. 48). O cotidiano, portanto, seria o espaço onde as mediações – a interação entre o sujeito e os meios – podem ser observadas, já que abrigaria os elementos simbólicos que realizam o contato do indivíduo com seu campo social (JACKS, 1999, p. 49).

Dentre as perspectivas de estudos de recepção, têm-se duas abordagens: o uso social dos meios, de Martin-Barbero, e o “enfoque integral da audiência”, de Guillermo Orozco, que, embora mais voltado à recepção da TV, também possa ser aplicado a outros tipos meios. A primeira corrente parte do estudo das articulações ocorridas entre as práticas comunicacionais e os movimentos sociais, das temporalidades e das pluralidades de matrizes culturais. Neste sentido, desloca-se o foco de pesquisa na produção pelos meios para o foco no consumo que os receptores fazem dos conteúdos massivos.

Nesta abordagem, para captar as referências culturais onde as mediações se materializam, Martin-Barbero propõe o estudo de três tipos de mediações: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Isto é importante porque, segundo Jacks, estudar a produção de sentido no espaço da recepção significa pensar os processos de comunicação a partir do âmbito da cultura – ou seja, do conjunto de hábitos de determinado grupo social (JACKS, 1999, p. 51).

Segundo a autora, os “usos” fazem parte da condição de receptor, “que reelaboram, ressignificam, ressemantizam os conteúdos massivos conforme sua experiência cultural, a qual dá suporte para esta apropriação” (JACKS, 1999, p, 51). Além disso, considerar o

receptor enquanto produtor seria uma das principais mudanças deste enfoque, onde o cotidiano seria o lugar a ser pesquisado e o consumo uma categoria de análise.

A vertente de Orozco, por sua vez, seria bastante similar, tendo como foco verificar o que a audiência faz com os meios. Mas, para se considerar a audiência enquanto sujeito é necessário se considerá-la em situação, seja individual ou coletiva; e, ao mesmo tempo, se ter em mente que essa audiência vai se modificando ao longo do tempo. Nas palavras de Jacks, seria um processo, onde as práticas cotidianas – responsáveis pela negociação de significados e sentidos - definiriam a apropriação ou a resistência aos conteúdos massivos (JACKS, 1999, p. 52).

Ainda de acordo com Jacks, Orozco aponta duas mediações com foco no indivíduo: a cognitiva, em que a aquisição de conhecimento por parte dos sujeitos – tendo em vista o processamento lógico da informação, o sistema de crenças e os valores – influiria na percepção, no processamento e apropriação de elementos/acontecimentos, extrapolando a racionalidade; e a estrutural, que tem como elementos determinantes sexo, idade, religião, escolaridade, extrato socioeconômico, etnia etc – elementos identitários que servem de referência ao receptor, influenciando seu modo de pensar e agir (JACKS, 1999, p. 54).

Além destas mediações, Jacks ainda pontua a mediação situacional, cujo estudo considera a forma e o sentido deste ato no cenário onde ocorre. É no lar, portanto, que as práticas cotidianas são mais significativas no sentido de expressão da individualidade, por isso deve ser pensado primeiro para compreensão de como a recepção ocorre e de como isso vai acarretar em apropriações.

As instituições com as quais o sujeito mantém contato ou integra também se constituem como um tipo de mediação (institucional), já que o sujeito, por integrar estes espaços, produz sentidos partilhados com os valores destas organizações. “Pertencer simultaneamente a várias instituições resulta em um referencial múltiplo e inter-relacionado, uma vez que cada instituição luta para impor sua produção de significados como a mais legítima (JACKS, 1999, p. 55).

Há também a mediação de referência, que tem ligação com o tipo de identidade que os sujeitos estão expostos: cultural, étnica, sexual, etária etc; aspectos que incidem diretamente na interação do receptor com as mensagens, resultando em diferentes apropriações, interpretações etc (JACKS, 1999, p. 56).

A mediação cultural, por fim, seria a mais complexa de se abordar porque engloba todas as outras mediações, sendo o espaço onde todas as informações se originam, onde o

consumo se efetiva e onde o sentido é produzido (JACKS, 1999, p. 57). Jacks afirma ainda que o contexto cultural é que condiciona o processo cognitivo dos indivíduos.

Tais mediações indicam que a recepção não se dá apenas no ato do consumo midiático, mas começa antes e termina depois, misturando-se às práticas cotidianas dos sujeitos, onde ganha sentido e significado, mediante as negociações com valores adquiridos das demais esferas sociais onde o receptor se insere. A produção de sentido, além disso, leva em conta a combinação das diversas mediações que integram os processos de recepção, embora uma possa predominar sobre as outras (JACKS, 1999, p. 57).

Outro aspecto importante é a noção de “comunidade de apropriação”, os diferentes ambientes de significação que determinado receptor se expõe e que contribuem para definição de um sentido final da mensagem, seja na perda ou ganho de sentido. A autora ainda cita como exemplo as apropriações que um adolescente pode fazer do conteúdo de um programa de TV, que passam pelos grupos aos quais esse indivíduo pertence, como a família e a escola, principalmente, reconfigurando ou reafirmando sua primeira apropriação (JACKS, 1999, p. 58).

Tais noções são importantes de ser levadas em consideração para se pensar o papel das mediações no contexto do jovem rural, de maneira a compreender como essa relação entre tais sujeitos e, no caso, a internet, em cruzamento com as diferentes esferas mediadoras nas quais esse jovens se inserem, podem influenciar nas apropriações realizadas por eles para sociabilidade no ambiente virtual.

2.2 JUVENTUDE RURAL

Neste contexto de incertezas com relação às noções de juventude, do crescente uso de tecnologias e da internet e de uma “síndrome consumista” tem-se um público muito específico – por vezes totalmente às margens, por vezes inserido no ciclo globalizado – que são os jovens rurais. Mas como definir este agrupamento juvenil? De maneira geral, alguns autores contribuem para uma conceituação, mas é importante ter em mente que a noção exata deste grupo também depende de outros fatores que vão além da junção da ruralidade com a juventude, como proximidade a centros urbanos, facilidade de acesso e condição social, por exemplo.

Além disso, o universo social e cultural dos jovens rurais é um tema relativamente recente no interesse dos pesquisadores brasileiros (CARNEIRO, 2008, p. 243). Segundo a

autora a juventude rural tem sido vista apenas como parte integrante da equipe de trabalho familiar, permanecendo na invisibilidade em relação às demais esferas sociais. Isso ocorreria em função de um estereótipo baseado na visão urbana do conceito de juventude que, conforme visto anteriormente, é descrito muitas vezes como um período de transição e, portanto, de adiamento das responsabilidades.

Cruzando esse conceito de transitoriedade a uma realidade extrema da vida no meio rural, Durston (1999, p. 7) indaga-se: “se aos quinze anos um jovem (ou uma jovem) rural já se casou e tem filhos, e não estuda, mas trabalha para sobreviver, parece legítimo supor que a juventude terminou antes de começar.” Por isso, o autor acredita que não é tão importante definir os limites da juventude rural em anos cronológicos. Há uma semelhança no processo entre jovens rurais e urbanos, mas, frequentemente, esses mesmos processos começam e terminam antes no campo.

Durston também aponta que a juventude rural na América Latina é um dos setores sócio-demográficos mais excluídos, em função de dois motivos, principalmente: do baixo direito de participação nas tomadas de decisões familiares e comunitárias; e da falta de espaços propriamente juvenis (DURTON, 1999, p. 7). Deve-se considerar, no entanto, que a realidade descrita pelo autor está situada há mais de dez anos. Mesmo assim, tais aspectos ainda podem ser pensados frente às mudanças geradas pela inserção da internet no campo.

A conceituação do que seria essa juventude rural também é vista como complexa por Carneiro (2008, p. 245), tanto pelas possibilidades nas definições de juventude quanto no que diz respeito à (in)compreensão das definições de rural, considerando-se também a crescente acentuação da comunicação entre os universos culturais do campo e da cidade.

Quase na virada do século XIX, Graziano da Silva (1997) já percebia que o meio rural brasileiro havia se urbanizado, em função da industrialização da agricultura e da crescente influência do mundo urbano no espaço rural. Em referência a autores clássicos, o autor indica que a dicotomia urbano/rural surgiu para representar o conflito entre duas realidades sociais distintas, uma representando o progresso, o capitalismo, e a outra, representando a velha ordem feudal. Mas, com todas as transformações do espaço rural nas últimas décadas, o autor aponta que é preciso reconceituar o agrário, tendo em vista que “nesse final de século XX as áreas rurais dos países desenvolvidos começam a exibir formas sociais e econômicas de organização paradigmáticas à medida que a sociedade sai fora dos ‘padrões fordistas’” (SILVA, 1997, p. 3). E o que pode ser observado no início do século XIX na sociedade rural brasileira.

De fato, haveria uma necessidade de ampliação da noção de rural para além do setor agrícola. Seria um rural expandido, o qual abrigaria uma diversidade de ocupações. Esse novo contexto passa, então, a ser visto como um “novo rural”, resultado de processos recentes que o transformaram em um ambiente mais heterogêneo e diversificado (CARNEIRO, 2008, p. 245). E a juventude do campo seria a mais afetada por essa dinâmica:

(...) que, de um modo geral, tem reduzido suas perspectivas de trabalho na agricultura ao mesmo tempo que tem ampliado suas referências de padrão de vida com a introdução de novas necessidades e desejos recorrentes do estreitamento das fronteiras culturais entre campo e cidade. (CARNEIRO, 2008, p. 245)

É compreensível que uma visão mais urbanizada da realidade e a criação destas novas necessidades coloquem o jovem rural numa condição de estresse perante o futuro. Mas, cabe lembrar que essa divisão entre rural e urbano é bastante relativa e depende muito dos interesses ou dos objetivos envolvidos em seu uso. (CARNEIRO, 2008, p. 246).

Carneiro (2008, p. 246) ainda traz dados do IBGE, resultantes da pesquisa “Perfil da juventude brasileira”, para ajudar na compreensão de rural. Segundo a publicação, é considerada área rural toda a área externa ao perímetro urbano, sendo este definido por lei municipal¹⁷. “O rural é, dessa maneira, delimitado pela negação do urbano”. Outro ponto para debater a questão é que as delimitações de rural também têm relação com a forma como as próprias pessoas entendem o que seja rural ou campo.

Em uma pesquisa quantitativa realizada com 669 jovens que “moram no campo”, nas cinco regiões do país, Carneiro percebe a quebra do relativo isolamento social e o contato mais frequente com os valores urbanos, de maneira a se estabelecerem novas necessidades que rompem com o padrão de vida anterior. Os valores dos jovens rurais e urbanos se assemelham muito nos resultados, indicando a crescente dificuldade de se estabelecer fronteiras entre estes universos.

Novos valores são adquiridos, mudando substancialmente certas práticas sociais estabelecidas por gerações anteriores, fazendo que os jovens incluam em seus projetos individuais aspirações quanto ao trabalho e ao estilo de vida típicas da juventude de classe média urbana (CARNEIRO *apud* CARNEIRO, 2008, p. 251)

¹⁷ De acordo com o Censo 2010, “domicílios de situação rural são aqueles localizados nas áreas rurais, definidas como áreas externas aos perímetros urbanos, inclusive nos aglomerados rurais de extensão urbana, povoados, núcleos e outros aglomerados”.

Tanto a juventude rural como a urbana estariam sendo afetadas pelos mesmos tipos de problemas de uma sociedade globalizada. Mas, especificamente nos jovens rurais, isto causaria uma “ambiguidade de valores” entre um sentimento afetivo às raízes e a autoimagem inspirada nos valores da cultura urbana, que se estabeleceria como referência para um projeto futuro (CARNEIRO, 2008, p. 260).

Em seu trabalho sobre a juventude rural como uma categoria social em construção, Stropasolas (2005) contribui com esse pensamento e aponta algumas mudanças em determinadas esferas da vida desses jovens, como trabalho, estudos e família, especialmente no que tange o casamento, que visa reproduzir o modelo social do campo, e passa a ser questionado, principalmente, por jovens mulheres descontentes com o papel atribuído a elas. Situação, que segundo autor, já é apontada na Europa há mais décadas, principalmente na França.

Diversos depoimentos indicam que as moças que saem para estudar não regressam mais às comunidades rurais e, ao buscar os estudos, recusam o casamento com os filhos de agricultores porque isto representa a continuidade da condição social da mulher na agricultura, condição vivida por suas mães, e que elas não pretendem reproduzir. Os rapazes, em sua maioria, projetam o futuro na agricultura, enquanto as moças, pelo descontentamento com a sua situação, sonham com outras perspectivas profissionais, particularmente vinculadas à cidade (STROPASOLAS, 2005, p. 19).

De acordo com Ferreira e Alves (2009, p. 245), espera-se da juventude rural, principalmente quando ligada à agricultura familiar, papéis diferentes em comparação a jovens em outros contextos socioeconômicos, já que estes jovens são vistos como elemento fundamental para reprodução social do campo e continuidade da agricultura de base familiar. Um processo difícil, porque tem relação direta com o tamanho da terra da família e a transmissão da propriedade aos sucessores. Fato que, segundo os autores, desestabiliza a agricultura familiar e também causa um afastamento dos jovens das atividades agrícolas.

Isso é comprovado na densidade populacional de jovens no campo. Ferreira e Alves apresentam dados que mostram que a população rural na faixa entre 0 e 29 anos diminuiu em cerca de 3 milhões de pessoas entre os anos de 1996 e 2006. Outro ponto que chama atenção é o fato de que, dentre a amostra pesquisada pelos autores, 35% dos jovens rurais estarem predominantemente envolvidos em atividades rurais não agrícolas. O que significaria dizer que nem todos esses jovens seriam necessariamente agricultores (FERREIRA; ALVES, 2009, p. 248).

2.3 JUVENTUDE EM NÚMEROS: BRASIL E RIO GRANDE DO SUL

Antes de delimitar o jovem pelotense e, principalmente, o jovem rural pelotense, é necessário se ter uma visão macro da realidade juvenil no Brasil. De acordo com Lassance (2008, p. 74), com base no Censo Demográfico realizado em 2000, o jovem entre 15 e 24 anos correspondia à época a 20,13% da população, englobando 34,18 milhões de pessoas de um total populacional brasileiro de 169,79 milhões. Destes, 10,31% estariam na faixa entre 15 e 19 anos e 9,8% na faixa entre 20 e 24 anos. Em torno de 50,2% seriam homens e 49,85% mulheres.

A incidência de jovens em cada região seria maior nas regiões Nordeste (22,5%) e Norte (22%), seguidos pelo Centro-oeste (19,5%), Sudeste (19%) e Sul (18,5%). Com base nestes dados, Lassance percebe a tendência a uma maior proporção de jovens em regiões de menor Produto Interno Bruto (PIB), menor renda *per capita* e maior crescimento demográfico. As regiões mais pobres gerariam mais jovens, mas, ao mesmo tempo, estimulariam os movimentos migratórios em função das desigualdades no trabalho e porque regiões com maior grau de desenvolvimento demandariam maior volume de mão-de-obra, atraindo esses jovens (LASSANCE, 2008, p. 75).

Já com base no Censo realizado em 2010 (IBGE), percebe-se uma redução na população brasileira com idade entre 15 e 19 anos, que passa a representar 8,9% do total; e da população entre 20 e 24 anos, que fica em 9%. Somando-se ambas as faixas etárias, temos que o jovem representa 17,9% da população brasileira atual, 2,2 pontos a menos do que em 2000. Mas, como estamos considerando a expansão na delimitação etária de juventude, então temos ainda 8,9% de jovens entre 25 e 29 anos. A amostra com a qual se trabalha neste trabalho, portanto, refere-se a 26,8% do povo brasileiro.

No Rio Grande do Sul tem-se que 8,2% são jovens na faixa entre 15 e 19 anos. O mesmo se repete para aqueles entre 20 e 24. Com idade entre 25 e 29 anos o valor é de 8,4%. O total de jovens residentes no Rio Grande do Sul, somando-se estas faixas de idade, representa 24,8% da população do Estado - valor 6,9 pontos percentuais acima da média brasileira.

2.4 INTERNET E USO DE TECNOLOGIAS EM NÚMEROS

Outro ponto a ser considerado, a título de comparação, antes de se especificar as

características da região estudada, é o acesso às materialidades tecnológicas em âmbito de Brasil, principalmente considerando-se a expansão de acesso nas zonas rurais. Evidentemente, cada região tem características próprias que devem ser consideradas, mas é necessário se ter em mente que a expansão do acesso não se dá apenas em Pelotas, como veremos em breve, mas gradativamente engloba diferentes públicos na geografia brasileira. (PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA, 2014, p. 48)

Dados recentes da informam que, apesar da maioria dos brasileiros (53%) não ter costume de acessar à internet, um quarto da população (26%) acessa com uma intensidade diária de 3h39, de segunda a sexta, e de 3h43 nos finais de semana. E, como era de se esperar, a pesquisa indicou também que esse hábito é mais comum entre pessoas mais jovens, situadas em maiores centros urbanos e nos estratos com maior renda e escolaridade. Do público com menos de 25 anos, 77% tem contato com internet pelo menos uma vez na semana.

2.4.1 Uso de computador e celular no Brasil

Em 2011, o IBGE investigou, como tema suplementar ao Censo, o acesso à Internet e a posse de telefone móvel celular para uso pessoal¹⁸. No total da população brasileira, verificou-se que 46,5% das pessoas acessaram a internet de algum local, pelo menos uma vez, considerando-se os últimos três meses da entrevista. Aumento considerável se levados em conta os 21% verificados em 2005¹⁹. De fato, de 2005 para 2011 o contingente de pessoas que utilizaram a internet aumentou 143,8%.

Ao considerar-se a amostra por faixa etária percebeu-se que a maior concentração do uso está nos grupos mais jovens. O maior resultado, em 2005, foi entre 15 e 17 anos, com 33,9% de acesso a rede. Em 2011 o acesso continuou a ser maior entre os jovens, que se mantiveram assim em todos os anos da pesquisa. Os grupos etários de 15 a 17 anos apresentaram 74,1% de uso em 2011, enquanto os de 18 e 19 anos, 71,8%.

A pesquisa mostra também que dentre os agrupamentos profissionais que menos utilizaram a internet ainda estão os trabalhadores agrícolas. Em 2005, apenas 1,7% deste grupo afirmou ter se conectado à rede em um período recente à aplicação da pesquisa. Já em 2011, este número subiu para 2,7% apenas, mesmo a classe representando 15,5% da

¹⁸ Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/comentarios.pdf>. Acesso em: jul. 2013.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet/comentarios.pdf>>. Acesso em: jul. 2013.

população ocupada com alguma atividade profissional.

Outro ponto relevante é a questão do uso de celulares: 69,1% da população com 10 anos ou mais possui o aparelho, em contraste a 36,6% em 2005. Crescimento de 107,2%. Em comparação a pesquisas realizadas em 2005, 2008 e 2010, esta foi a primeira vez que os usos de celulares pelas mulheres ultrapassaram os homens: 69,5% contra 68,7%, respectivamente. E a faixa etária com maior uso de celular é entre 30 e 34 anos (83,2%), seguida pela faixa entre 24 e 29 anos (83,1%) e entre 20 e 25 anos (82,3%). Dentre os trabalhadores agrícolas, 43% possuía telefone celular em 2011.

2.4.2 Usuários rurais de computador no Brasil

Segundo dados da última “Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil”, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI, 2012), cerca de 90% dos domicílios rurais estão desprovidos de acesso à rede mundial de computadores. E 84% dos entrevistados nestes locais afirmaram não utilizar a Internet.

Aparentemente, o motivo principal para o baixo acesso é a falta de estrutura. O primeiro argumento apontado é a indisponibilidade do serviço na área rural (54%), seguido pelo custo elevado ou pelas baixas condições financeiras das pessoas para assumir este investimento (33%). Além destes fatores, o acesso em outro local (11%) também é apontado para a ausência de Internet no domicílio. No entanto, este último pode apontar outras perspectivas na inclusão digital dos moradores de zonas rurais. O uso na própria residência é de 41%. As *lanhouses* vêm na sequência, com 39%.

A penetração do computador (sem internet) na área rural é de 16%, em comparação aos 51% da área urbana. O número de usuários em 2010 também foi de 16%, uma redução de 2% em relação ao censo anterior. Mas, é importante se considerar que a diminuição dos valores relativos ao uso podem também estar associados ao êxodo rural, sendo esses dados agregados ao uso das cidades.

Nas zonas urbanas, segundo a pesquisa, atividades relativas à comunicação são as mais praticadas na Internet. Mas, são desenvolvidas em menor proporção na área rural, contrariando o verificado na exploratória, junto a alguns estudantes da zona rural de Pelotas. Em contrapartida, no que diz respeito às atividades ligadas à educação, há um interesse maior por parte dos usuários com renda familiar e classe social mais baixas, além de penetração maior na área rural (73%).

Outro ponto que chama atenção no perfil dos moradores rurais com relação ao uso das tecnologias de comunicação é o acesso crescente no que se refere à mobilidade. A proporção de indivíduos que possuem telefone celular é de 55%, com adesão majoritária (96%) de planos pré-pagos de telefonia móvel. Um dado importante para se pensar em novas possibilidades de acesso a informações, por parte desses públicos, sejam elas relativas à atividade agropecuária ou não.

2.5 JUVENTUDE NO CONTEXTO REGIONAL: PELOTAS, ZONA RURAL, LAZER E DADOS DE ACESSO A NOVAS TECNOLOGIAS

Também a título de contextualização é fundamental se conhecer o lugar onde a pesquisa está inserida, de maneira a se enumerar as diferentes influências regionais, sejam históricas ou culturais, que incidem, direta ou indiretamente, sobre os modos de vida dos jovens da região. Pelotas é um município situado na região Sul do Rio Grande do Sul, a cerca de 250 quilômetros da capital gaúcha, sendo a terceira cidade mais populosa do Estado, abaixo apenas de Porto Alegre e Caxias do Sul. Em divisão territorial datada de 2007 o município ficou dividido em nove distritos: Pelotas, Cascata, Cerrito Alegre, Colônia Z/3, Monte Bonito, Quilombo, Rincão da Cruz, Santa Silvana e Triunfo²⁰. Apresenta clima subtropical úmido com temperatura média anual de 17,6° C e está situada a 7 metros acima do mar, às margens do Canal São Gonçalo.

²⁰ Dados disponíveis em: <[http://www.pelotas.rs.gov.br./](http://www.pelotas.rs.gov.br/)> e <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=ecodmun=431440&search=rio-grande-do-sul|pelotas>>

Figura1 - Localização do município de Pelotas no Rio Grande do Sul



Fonte: <<http://pelotas.redecidades.net/mapas.php>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

Figura2 - Mapa dos Distritos de Pelotas e suas respectivas localidades



Fonte: Dilemas da Ruralidade no III Plano Diretor de Pelotas. Acesso em: mar. 2014.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pelotas registrou 328.275 habitantes no Censo realizado em 2010, espalhados em uma área característica do Bioma Pampa de 1.610,084 km². Em 2012 o município comemorou seus 200 anos, em referência ao dia 07 de julho de 1812, quando foi fundada a freguesia de São Francisco de Paula. Elevada a categoria de vila em 07 de abril de 1832, Pelotas só passou ao patamar de cidade três anos depois, em 1835. O nome é inspirado nas embarcações feitas de vara de corticeira forradas com couro, comumente utilizadas pelos nativos na travessia dos rios no período das charqueadas.

A primeira indústria saladeril, de produção de charque, surgiu em 1780 em função da abundância do gado bovino existente na região. Tendo como base a mão de obra escrava, o negócio só prosperou. Em 1830 Pelotas já contava com um parque industrial saladeril, composto por mais de 20 charqueadas de posse, em sua maioria, de imigrantes portugueses. O declínio veio só no século XX com o surgimento dos frigoríficos, já que o charque deixou de fazer parte da base alimentar da população. Foi mais ou menos nessa época, por volta de 1930, que a cultura do arroz começou a desenvolver-se na região.²¹

Outro aspecto que se desenvolveu junto a história de Pelotas foi sua vocação doceira. Ao longo do século XIX, inúmeros imigrantes portugueses da região de Aveiro – conhecida pelos ninhos, fios-de-ovos, babas-de-moça, camafeus, papos-de-anjo, canudinhos recheados e pastéis de Santa Clara – se instalaram na região, dando início a uma indústria doceira local. As receitas tradicionais das famílias portuguesas foram passadas de geração em geração conferindo ao município o título de capital nacional do doce. Embora os imigrantes alemães e italianos que se estabeleceram na região também tenham agregado algumas tradicionais receitas de seus países ao cardápio.

Hoje a vocação de Pelotas tem base, principalmente, no agronegócio e no comércio, sendo centro geoeconômico para uma população de 1,2 milhões de pessoas, em 19 municípios (UFPel). Atualmente possui mais de 7,5 mil estabelecimentos comerciais, que ocupam 60% da população ativa. Especificamente no âmbito rural, tem como principais bases produtivas o pêssego, o arroz e a pecuária, com destaque também para a expansão da cultura do fumo. Outro aspecto que vem se desenvolvendo na zona rural do município é o turismo. (WIKIPÉDIA).

Conforme Silva *et al.* (2006), em referência a um documento com recomendações para a zona rural com relação à elaboração do Plano Diretor do município de Pelotas, o território

²¹ Dados disponíveis em: <<http://www2.ufpel.edu.br/pelotas/>>

rural pelotense é bastante heterogêneo, seja no caráter ambiental, cultural ou econômico. Os autores também afirmam que, durante seu desenvolvimento, surgiram também novos usos do espaço rural, não apenas voltados à atividade agrícola, mas também ao serviço, ao comércio e, até mesmo, no que tange a formação de novos aglomerados habitacionais.

Os autores ressaltam o caráter agrícola, principalmente, dos distritos de Cerrito Alegre (3°), Triunfo (4°) e Santa Silvana (6°). Os demais distritos, como Cascata (5°), Quilombo (7°), Rincão da Cruz (8°) e Monte Bonito (9°) apresentariam um perfil menos definido em relação à delimitação territorial. O histórico destes últimos também se caracteriza pela colonização por imigrantes europeus com vistas na atividade agrícola. Mas, ao longo dos anos, esse perfil foi se alterando, abrangendo, desde atividades voltadas ao descanso e ao lazer, empreendimentos turísticos, atividades de transformação de matéria prima, até a formação de núcleos habitacionais relativamente extensos. (SILVA *et al* 2006, p. 11). O que demonstraria um rompimento com as noções tradicionais de rural.

Ainda assim, segundo dados do site da prefeitura, a região de Pelotas é a maior produtora de pêssego voltado à indústria de conserva do país, além de produzir aspargo, pepino, morango e figo. O município também é responsável por 28% da produção de arroz do Estado, 10% da produção de grãos, 16% do rebanho bovino de corte e possui a maior bacia leiteira do Rio Grande do Sul, produzindo cerca de 30 milhões de litros/ano. Além disso, possui 28% do rebanho de equinos do Estado e 30% da produção de lãs.

Outro dado interessante de se apresentar é que Pelotas é o terceiro município do Estado com maior concentração de moradores na zona rural: 22.082 pessoas de um total de 328.275 habitantes – ou 6,2% da população. Perde apenas para Venâncio Aires, com 24.546; e Canguçu, considerado o município com maior número de minifúndios do Brasil, com 33.565 moradores vivendo no campo (ou melhor, não vivendo na cidade) (IBGE, 2012).

De acordo com o Censo Agropecuário realizado no município em 2006, Pelotas abrigava 3.596 estabelecimentos agropecuários situados em uma área total de 105.960 hectares. Ao todo, o município possui 22.082 residentes na zona rural, sendo 19.238 alfabetizados. Com relação à renda, o valor do rendimento médio mensal dos domicílios particulares na zona rural foi de R\$ 2.642,58. Valor superior a renda média no meio urbano que foi de R\$ 2.594,78. A renda per capita registrada no município em 2011 foi de R\$ 16.488,14.

2.5.1 Juventude Pelotense em números

Especificamente em Pelotas, a média do Estado se repete para a faixa entre 15 e 19 anos: 8,2%. Entre 20 e 24 anos e 25 e 29 anos os números são iguais, apontando 8,4%. Os dados mostram, portanto, que os jovens representam um quarto (25%) da população do município, proporção pouco maior que a do Estado. Em comparação ao Censo de 2000 tem-se que 9,5% da população tinha entre 15 e 19 anos; 8,4% entre 20 e 24 anos; e 7,3% entre 25 e 29 anos. Apesar de o total (25,2%) se assemelhar ao valor atual, percebe-se que há menos adolescentes e mais jovens na idade adulta.

Dos jovens pelotenses na faixa entre 15 a 24 anos – com porcentagens em relação ao total da população do município – 15,6% (51.238) moram na zona urbana enquanto **0,9% (3.249)** habitam a área rural. No caso específico do campo, verifica-se um equilíbrio de sexos, sendo 0,5% (1.693) homens e 0,4% (1.556) mulheres. Tem-se ainda que jovens entre 25 e 29 anos representam 7,9% (26.050) da população do município que vive na zona urbana e 0,5% (1.550) na zona rural.

2.5.2 Aspectos do lazer na zona rural pelotense

Em um artigo sobre as memórias do lazer na zona rural de Pelotas, Muller, Hallal e Ferreira (2012) realizaram dez entrevistas – compostas por 13 informantes, devido a participação da família dos entrevistados –, afim de conhecer melhor a zona rural de Pelotas, sua diversidade e seu patrimônio cultural. O trabalho foi realizado na localidade de Cerrito Alegre – 3º distrito, abordando a história local, seus costumes e lendas. Assim, teve como objetivo apontar, principalmente, as formas de lazer deste grupo social. O que, para este trabalho seria relevante, tendo em vista que os espaços de lazer têm forte associação à sociabilidade dos integrantes de determinada comunidade.

Dentre os primeiros resultados, a autora aponta que os hábitos de lazer estão diretamente relacionados às etnias. O distrito em questão, assim como a zona rural de Pelotas de modo geral, foi colonizado por imigrantes de países como Itália, França, Alemanha, Espanha e Polônia, que trouxeram consigo seus hábitos e costumes. Este fato, segundo aponta a autora, impediu a formação de uma identidade étnica unificada e com força suficiente para criação de uma festa tradicional (MULLER; HALLAL; FERREIRA, 2012, p. 9). O que indica que cada grupo étnico reproduziria, separadamente, aspectos culturais de seus antepassados

nos momentos de lazer.

Práticas religiosas e práticas esportivas, como o futebol, também são aspectos coletados nos depoimentos da autora. A questão da religiosidade, assim como a indefinição étnica, também contribuiu para essa separação, tendo em vista as diferentes vertentes Católicas, Luteranas e Evangélicas, entre outras, presentes na região. Ainda assim, é em torno destas instituições que parte da comunidade se reúne, por meio de almoços, jantares e jantares-bailes, os quais, geralmente, estariam associados aos eventos esportivos supracitados (MULLER; HALLAL; FERREIRA, 2012, p. 10).

Os moradores entrevistados, no entanto, informaram que antigamente essa integração seria maior, principalmente através de eventos como a colheita da uva. O que, para autora, indica uma forte união entre trabalho e lazer, sendo o primeiro de caráter integrador. Da mesma forma, a autora aponta que, no caso do rural, o lazer não seria necessariamente um momento após a realização de atividades profissionais, mas estaria atrelado a elas (MULLER; HALLAL; FERREIRA, 2012, p. 10).

No entanto, o maior momento de lazer, deste distrito particularmente, é representado pelas festas comunitárias, promovidas por diversos motivos, em diversas épocas do ano, ocorrendo, portanto, quase que com frequência mensal. Mas, para os entrevistados, essas festas estão sendo descaracterizadas ao longo dos anos, perdendo seu sentido, porque não teriam mais este caráter de reunião da comunidade (MULLER; HALLAL; FERREIRA, 2012, p. 10-11).

Outros momentos apontados pelos entrevistados para a socialização com os demais seriam os casamentos e os batizados – eventos que apresentariam um vínculo maior entre os participantes pela questão do convite. Feiras agropecuárias, exposições e eventos também agregam aos momentos de lazer (MULLER; HALLAL; FERREIRA, 2012, p. 11).

No que diz respeito aos jovens, as autoras indicam a existência de bailes, alguns com a presença de público superior a três mil pessoas, entre moradores de outros distritos e de cidades vizinhas. E também a ocorrência de corridas de motocicleta, em substituição às antigas corridas de cavalo. Mas as novidades no âmbito do lazer, principalmente em centros urbanos, também foram mencionadas de maneira a justificar o crescente êxodo dos jovens rurais, que saem para estudar nas cidades e não retornam mais (MULLER; HALLAL; FERREIRA, 2012, p. 12).

A Gineteada, também conhecida por rodeio, segundo aponta o trabalho da autora também tem despontado como uma atividade relevante. Mas esta opção é vista como nova,

tendo surgido com a criação do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Estrela do Sul no distrito, que, inclusive, também reúne grupos de danças tradicionalistas para apresentação em diversos outros locais da região. (MULLER; HALLAL; FERREIRA, 2012, p. 13)

O futebol, antes mencionado como atividade associada às festividades religiosas, já foi mais integrador enquanto espaço de lazer. Segundo o relato da autora, com base nos depoimentos coletados, era comum a organização de times e a realização de campeonatos entre os distritos. Mas essas atividades não seriam realizadas há uns dois anos na localidade Triunfo, onde o trabalho foi realizado, pela extinção das associações esportivas. No âmbito do esporte, a comunidade alemã também praticava o tiro ao alvo (MULLER; HALLAL; FERREIRA, 2012, p. 12-13).

Cursos ministrados pelo Serviço Nacional de Desenvolvimento Rural (SENAR), por meio da Secretaria de Desenvolvimento Rural de Pelotas (SDR), também foram indicados por alguns dos entrevistados como espaços de lazer, sendo realizados principalmente em escolas, igrejas e salões comunitários. Ainda assim, para os moradores, o distrito não teria muita estrutura para esse tipo de prática, o que geraria uma necessidade de mais opções nesse sentido (MULLER; HALLAL; FERREIRA, 2012, p. 14).

Weiduschadt (2009, p. 44) também aponta uma mudança nos hábitos de lazer, principalmente dos jovens. Em seu trabalho sobre as manifestações de lazer da comunidade germânica situada na Colônia do Triunfo (4º Distrito), a autora verifica que, enquanto os adultos relembram um tempo de bailes e atividades ligadas à igreja, os jovens mencionam discotecas com músicas pop e rock atuais. Isso, para a autora, indica uma prática balizada pelos meios de comunicação de massa, embora com um ritmo diferente; e representa um tensionamento com a esfera religiosa e um momento de autonomia do lazer por parte desses jovens, que se desprendem das tradições.

A modernidade do ambiente doméstico também é percebida pela autora como elemento transformador. O acesso a meios de comunicação e a posse de meios de transporte possibilitaram novas práticas de lazer que fugiram daquelas impostas pela cultura religiosa típica destas comunidades rurais. O que exige dos jovens, para continuar inseridos neste contexto, um equilíbrio entre os novos estilos de vida e tais tradições – principalmente no que tange o casamento, elemento chave nas relações de trabalho e na geração de mão de obra para uma agricultura familiar. (WEIDUSCHADT, 2009, p. 46).

Por isso, a autora ressalta os ritos como peças importantes na formação de identidades e na construção coletiva dos grupos, pois, no contexto rural, tais ritos marcam o que se espera

socialmente de cada sujeito em cada fase da vida. E isso é importante porque também irá balizar as formas de lazer desses indivíduos, principalmente se comparadas as fases anteriores e posteriores ao casamento (WEIDUSCHADT, 2009, p. 48).

Outro aspecto de socialização importante apontado pela autora é a partilha de costumes similares, mesmo que inseridos em grupos e comunidades diferentes. A questão da língua e dos dialetos pomeranos – particularmente na comunidade estudada – são mantidos nas manifestações de lazer, reforçando a questão da etnia nestes vínculos. Mas as manifestações culturais, independente de grupo, são partilhadas e socialmente aceitas entre outros indivíduos rurais, pois, além das afinidades culturais, estes grupos manteriam ainda objetivos e interesses similares em torno do trabalho e do lazer (WEIDUSCHADT, 2009, p. 50).

2.5.3 Internet nas residências pelotenses

Entrando nos aspectos tecnológicos, com relação ao acesso de internet, 40,93% dos domicílios pelotenses têm ao menos um computador conectado à internet na residência, segundo o IBGE. Quase dez pontos percentuais a mais do que a média brasileira (30,73%) e do que a média gaúcha (33,89%). No entanto, esse valor diz respeito basicamente à população urbana.

Quando se observam os domicílios rurais percebe-se uma penetração relativamente baixa de internet. Em torno de 6,94% dos pelotenses moram no campo, mas aqueles que possuem computador conectado na residência representam apenas 0,72% (821) do total do município.

Ainda assim, a proporção é superior à média brasileira, onde a população rural com computador conectado em casa representa 0,56% do total do país; mas, inferior à média do Rio Grande do Sul, onde esse contingente sobe para 1,18% em relação aos residentes totais do Estado. De qualquer forma, conforme será visto mais adiante, ausência de um computador conectado à internet na residência não representa, necessariamente, falta de acesso.

2.6 A ESCOLA NA ELIZABETH BLAAS ROMANO

Após se trabalhar as noções de juventude, entrando também no aspecto do uso e consumo de tecnologias, das mediações, da recepção e das ruralidades; após a apresentação

de dados que contextualizam a inserção do jovem na sociedade brasileira e pelotense; e tendo em vista alguns dados sobre o uso de tecnologias no Brasil; finalmente, contextualiza-se aqui o ambiente onde este estudo de caso foi realizado. A partir das informações dispostas a seguir, tem-se o contexto educacional destes estudantes. Aspecto que incide não apenas na formação, mas também, e principalmente, no cotidiano e nos atos de sociabilidade desses jovens – considerando-se que eles passam, no mínimo, quatro horas diárias no ambiente escolar.

Conforme será descrito na etapa metodológica desta pesquisa, a escolha desta escola específica para a realização da pesquisa se deu a partir de uma pesquisa exploratória realizada em junho de 2013. Após levantamento sobre as escolas estaduais de ensino médio situadas na zona rural de Pelotas, chegou-se a apenas duas opções. A Escola Elizabeth Blaas Romano foi escolhida porque, além de ser a mais distante da área urbana, concentra alunos de diferentes regiões do município – abrangendo, inclusive, estudantes do município vizinho de Canguçu. A decisão específica pelo ensino médio também será tratada mais adiante, mas tem em vista a faixa etária que frequenta esta etapa da formação escolar.

A Escola Elizabeth Blaas Romano fica localizada na localidade Colônia Maciel (8º Distrito), a cerca de 40 quilômetros do centro da cidade - 1º Distrito. Segundo a direção, a escola recebe alunos de todo o Rincão da Cruz - 8º Distrito; da localidade Rincão da Caneleira (5º Distrito); da Comunidade Ascensão (5º Distrito); da Colônia Santa Eulália (5º Distrito); das localidades próximas à divisa do município de Arroio do Padre; e da localidade Ares Alegre, situada no município vizinho de Canguçu. Para frequentar as aulas, os estudantes contam com transporte escolar composto por quatro ônibus e uma van. Mas, em função da precariedade das estradas, em dias de muita chuva as aulas, muitas vezes, são canceladas.

Figura 3 - Distância da Escola da cidade de Pelotas



Fonte: <<http://www.google.com/maps>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

Em junho de 2013, durante a realização da pesquisa exploratória, a Escola Estadual de Ensino Médio na Colônia Maciel ainda estava situada em prédio provisório e seu nome não havia mudado. Mas, pouco tempo depois desta visita, a escola foi transferida para seu novo prédio e passou a ser chamada de Escola Estadual de Ensino Médio Professora Elizabeth Blaas Romano – em homenagem a uma ex-professora que morreu em um acidente.

Após dois anos e meio de obras, a estrutura melhorou significativamente, mas a localização permaneceu a mesma, já que o novo prédio foi construído em frente ao espaço original. Ainda assim, mesmo com a expansão, muitas restrições ainda existem, principalmente pela relativa distância da zona urbana e porque parte da estrutura e dos laboratórios ainda estão em processo de finalização. Ao todo, são cerca de 808 metros quadrados de construção em um terreno de 3,75 mil metros quadrados. O total da obra foi orçado em torno de R\$ 1 milhão, com verbas da Consulta Popular de 2006 e com recursos do Governo do Estado (LIMA, 2010).

FOTO 1 - Novo prédio da Escola Elizabeth Blaas Romano



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 4 - Mapa dos entornos da Escola Elizabeth Blaas Romano



Fonte: <<http://www.google.com/maps>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

Formada em 1º de junho de 2009, a Escola Elizabeth Blaas Romano foi mantida durante quatro anos em um espaço cedido pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Garibaldi. Durante este período, contou com quatro salas de aula – que acolhiam cada um dos três anos do Ensino Médio e um primeiro ano extra – e uma sala pequena para a coordenação

e a direção. Embora a Escola Garibaldi possuísse laboratórios, como o de internet, os alunos da Escola Elizabeth Blaas Romano não tinham acesso. E a rede de internet sem fio, que era oferecida a todos desde 2012, não chegava às salas de aula.

Foto 2 - Escola Estadual de Ensino Fundamental Garibaldi



Fonte: Elaborada pelo autor.

No prédio antigo, a estrutura permitia a oferta de quatro turmas de ensino médio à noite, o que comportava aproximadamente 80 alunos. Com a mudança de prédio foram registrados 122 alunos matriculados em fevereiro deste ano, fora os que ainda não constavam na lista de chamada. A ampliação ocorreu devido a melhoria na estrutura. O novo prédio conta hoje com três salas de aulas exclusivas para a escola – com 50 m² cada –, com oferta de turmas também no turno da tarde. Conforme o diretor Eli Pinheiro, se a procura por vagas continuar aumentando, a expectativa é que, em 2015, também sejam ofertadas turmas no turno da manhã.

Atualmente, a turno da noite, das 18h às 22h, abriga uma turma de primeiro ano, uma de segundo e outra de terceiro; enquanto à tarde, das 13h às 17h, existem duas turmas de primeiro ano e uma de segundo. O novo prédio, inaugurado em julho de 2013, ainda conta com cozinha, refeitório, três salas para a coordenação, sala dos professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, biblioteca e dois banheiros de uso exclusivo dos alunos. Além disso, o prédio foi projetado visando a acessibilidade, com rampa de acesso a cadeirantes, banheiros especiais e, até mesmo, um elevador voltado a Portadores de Necessidades Especiais (PNE).

Foto 3 - Refeitório da Escola



Fonte: Elaborada pelo autor.

Foto 4 - Cozinha da Escola



Fonte: Elaborada pelo autor.

Foto 5 - Laboratório de Ciências



Fonte: Elaborada pelo autor.

Foto 6 - Uma das três novas salas de aula



Fonte: Elaborada pelo autor.

2.6.1 Acesso à internet no ambiente escolar

Com relação à disponibilidade de internet na nova estrutura, o sinal ainda não atende a todas as dependências do prédio. Além de o laboratório de informática ainda não estar instalado, a internet sem fio abrange somente o primeiro andar e, teoricamente, pode ser utilizada pelos alunos apenas durante os intervalos, uma vez que as salas de aula estão situadas no terceiro andar. O sinal de internet é via rádio e durante as visitas à escola se

mostrou bastante estável. O serviço é prestado por uma empresa do município de Canguçu chamada Linytron, ao valor de R\$ 60 mensais.

Foto 7 - Secretaria da Escola, onde o roteador de internet sem fio está instalado



Fonte: Elaborada pelo autor.

Por telefone, realizou-se contato com a Linytron para se buscar mais informações sobre o sinal de internet disponibilizado na região e, principalmente, na Escola. Conforme seu diretor-técnico, a empresa disponibiliza internet à rádio para cerca de três mil clientes em 15 municípios da região. Embora não possa precisar números exatos, estima que destes, cerca de 250 estejam situados na zona rural de Pelotas.

A empresa disponibiliza internet à rádio com velocidades que variam de 512Kbps a 2Mb. Para adquirir o serviço, o usuário também precisa comprar o equipamento, que consiste em antena, suporte, rádio e cabeamento. Com a instalação, o serviço sai por cerca de R\$ 350, mais a mensalidade, dependendo do plano adquirido.

Ainda conforme o funcionário da empresa, para obter um bom sinal a antena precisa estar situada em um local alto, pois não podem haver obstruções. Em residências situadas na zona rural é comum, no entanto, que algumas propriedades estejam em lugares de relevo muito baixo ou que o crescimento da vegetação próxima atrapalhe a qualidade da internet de um ano para o outro.

A empresa possui diversas antenas espalhadas pela zona rural dos municípios os quais atende. O empregado não soube precisar quantas, mas informou que novas antenas são frequentemente instaladas em novos locais, contanto que hajam possíveis novos clientes,

tendo em vista o alto investimento da instalação por torre.

A noção de como funciona o serviço de internet prestado na zona rural, além de servir para subsidiar a descrição da estrutura da escola, também fornece indícios de como é o acesso nas residências do grupo estudado. Somando-se a tudo o que já foi desenvolvido até aqui referente à abordagem de diversos conceitos no âmbito das juventudes e da contextualização da região e do local específico de aplicação da pesquisa, passa-se então agora ao capítulo seguinte, tendo em vista os aspectos comunicacionais do problema de pesquisa em questão. Portanto, para se estudar a sociabilidade de um grupo de jovens moradores da zona rural por meio do *Facebook*, será feito, a seguir, um apanhado de teorias e conceitos que envolvem a cibercultura e as práticas de conversação e interação na internet.

3 PERSPECTIVAS COMUNICACIONAIS: CONVERSAÇÃO E SOCIABILIDADE NOS SITES DE REDES SOCIAIS

A partir deste capítulo serão abordadas as perspectivas comunicacionais de uso das tecnologias, tendo a conversação dos jovens moradores da zona rural de Pelotas através do *Facebook* como foco principal. Primeiramente, portanto, uma abordagem do conceito de redes sociais na internet, de maneira a contemplar suas características estruturantes, tendo em vista ainda a diferenciação do conceito de sites de redes sociais. Isto é importante porque busca servir de base para problematizar as redes de relacionamentos que esses jovens estabelecem através de um site de rede social como o *Facebook*.

Em seguida, busca-se tratar teoricamente o conceito de conversação, não apenas na internet, mas como característica fundamental da existência humana. Além disso, será desenvolvido o conceito de interação, principalmente no contexto dos sites de redes sociais. Finalmente, o capítulo abriga uma breve descrição e problematização do *Facebook* enquanto suporte para formação/manutenção das redes sociais dos jovens na internet, contendo dados a respeito de seu uso.

De partida, tem-se que a internet transformou diversos aspectos da sociedade moderna e da interação social (ELLISON; BOYD, 2013). Para as autoras, um dos pontos relevantes da internet é o surgimento dos sites de redes sociais que, embora tenham ganhado relevância cultural como um fenômeno social apenas em 2003, começaram a emergir, principalmente, em 1997. Mas, antes, o surgimento das comunidades virtuais, no início da década de 1990, já iniciava a moldar o comportamento e a organização social na internet. (CASTELLS, 2003).

Ao abordar a sociabilidade, Baechler labora o conceito mediante a visão de diversos autores, indicando três noções do termo: a capacidade de se estabelecer relação entre as pessoas e a capacidade de formação de laços; a capacidade associativa em geral tendo em vista o relacionamento com os semelhantes; e a formação de redes espontâneas a partir das relações que cada indivíduo mantém com o outro. Tendo em vista estas definições e a relevância sociológica das mesmas, o autor sugere três definições: *sodalidade*, *sociabilidade* e *socialidade*.

A primeira, *sodalidade*, estaria relacionada à capacidade humana de formar grupos em torno de uma “unidade de atividade”, como a família, a empresa, as igrejas, as equipes esportivas etc. Já a *sociabilidade* diz respeito à capacidade humana de estabelecer redes através das quais as “unidades de atividade” fazem circular as informações que exprimem

seus interesses, gostos etc, como vizinhos, civilizações, mercados, classes sociais etc. Por fim, a *socialidade*, seria a capacidade humana de manter coesos os grupos e as redes, como a cidade, a nação. Para o autor, se constituiria na morfologia das demais definições (BAECHLER, 1995, p. 66).

Para Simmel, a noção de sociabilidade é fundamental para se pensar a estrutura da sociedade, permitindo a compreensão das formas sociais, já que a sociabilidade deixa mais claros os princípios e os responsáveis pela organização das estruturas sociais (ALCÂNTARA JUNIOR, 2005). Alcântara Junior indica ainda que existem diversos motivos os quais acionariam as interações – sendo estas responsáveis pelo desencadeamento de redes de reciprocidades e, por sua vez, das associações em si.

A sociabilidade, portanto, seria resultado de combinações interacionais entre indivíduos ou grupos no seio social, sendo que o conteúdo destas interações determinariam as relações sociais. Além disso, sociabilidade se daria a partir de “jogos sociais”, ou seja, de artifícios de negociação socialmente construídos por meio das interações, para formação da própria sociedade (ALCÂNTARA JUNIOR, 2005, p. 33). Diferente da sociação, que seria uma qualidade referente ao entrelaçamento das interações na formação de uma forma social qualquer (ALCÂNTARA JUNIOR, 2005, p. 34). “A sociabilidade é uma forma de se juntar as ações humanas e o resultado é a formação das próprias relações sociáveis, são os arquétipos sociais, que produzem as estruturas, que são alimentados pelos conteúdos sociais”(ALCÂNTARA JUNIOR, 2005, p. 36).

Por fim, tem-se que, para tornar viáveis as operações sociais, os indivíduos se apropriam de tecnologias sociais, ou seja, práticas e artifícios sociais de comum conhecimento pelos indivíduos. Desta forma, aqueles que pretendem se inserir em determinada sociedade precisam adotar seus “tatos sociais”: “o conjunto de maneiras, atitudes e trejeitos socialmente sancionados, prestando-se à efetivação das conexões das interações e relações sociais, o que permitirá aglutinar determinados indivíduos em torno de indeterminados interesses motivacionais (ALCÂNTARA JUNIOR, 2005, p. 34). E os site de redes sociais, com a evolução das formas de socialização, acabam se inserindo no contexto destas práticas comuns, como será visto a seguir.

3.1 REDES SOCIAIS NA INTERNET

As transformações tecnológicas ocorridas no final do século XX modificaram

completamente a forma como a sociedade se organiza em todas as esferas. No âmbito da comunicação e da informação, Castells (1999) pontua algumas características deste novo paradigma. A primeira afirma que informação se torna matéria-prima da sociedade e a segunda sugere que a informação e o novo meio tecnológico moldam os processos de existência individual e coletiva. Aspectos relevantes, mas insuficientes se não fosse a terceira característica: a existência de uma lógica de rede em qualquer conjunto de relações.

“A morfologia da rede parece estar bem adaptada à crescente complexidade de interação e aos modelos imprevisíveis do desenvolvimento derivado do poder criativo dessa interação” (CASTELLS, 1999, p. 108). Segundo o autor, o crescimento da rede é exponencial, uma vez que estar na rede apresenta cada vez mais vantagens na medida em que aumentam o número de conexões. Em contrapartida, as desvantagens de se estar fora da rede também aumentam com o seu crescimento, conforme as oportunidades de alcançar elementos fora da rede diminuem.

Em quarto lugar entra o aspecto da flexibilidade, que diz respeito à possibilidade de reconfiguração das estruturas, de processos e, até mesmo, das organizações e instituições, sem destruição das mesmas. E em quinto, a convergência de tecnologias desenvolvidas em áreas distintas do conhecimento tendo em vista um único sistema integrado, o que resultaria numa lógica compartilhada na geração da informação.

Se compreender estas modificações é importante porque ajuda a demonstrar que o novo paradigma da tecnologia da informação, conforme aborda Castells, não está se desenvolvendo em torno de um sistema fechado, mas em uma rede de acessos múltiplos (CASTELLS, 1999, p.113). O que significa dizer que a rede possibilita a criação de pequenos mundos, ou seja, de conexões entre elementos que, mesmo sem comunicação direta, se relacionam por meio de uma cadeia pequena de intermediários menores. E isso pode também ser observado nas redes sociais presentes na internet.

Dentre os desafios da sociedade em rede apontados pelo autor (CASTELLS, 2003, p. 226), um chama atenção no contexto deste trabalho: a exclusão. Embora as redes proporcionem uma comunicação relativamente livre e global, onde o acesso à várias coisas importantes depende destas redes, estar à parte, nas palavras do autor, é ser condenado à marginalidade – ou ter de encontrar formas alternativas de integrar este processo. A exclusão pode ser reflexo da falta de infraestrutura, de restrições econômicas ou institucionais ao acesso às redes, ou de limitações culturais ou educativas para utilizar a internet de forma autônoma. Independente se acumuladas ou não, para Castells, estas causas dividem as pessoas

em todo o planeta, da mesma forma como antes era feito com a polarização Norte e Sul. A pobreza agora, no entanto, não é relativa ao acesso ao capital, mas no acesso à informação.

No que tange à formação específica de redes sociais na internet, é importante se desenvolver também algumas noções sobre as redes sociais especificamente, até porque as pessoas, de modo geral, tendem a confundir o conceito de redes sociais com os sites onde essas redes podem se manifestar na internet. Mas há grandes diferenças. Conforme Raquel Recuero (2014, p. 4), os sites de redes sociais não são as redes em si, mas um suporte que é apropriado de diferentes maneiras pelos indivíduos e grupos mediante negociações de normas e formas de interação. E as redes sociais uma metáfora que representa o conjunto de relações dos indivíduos de determinado grupo, não apenas no ciberespaço, mas em todos os demais espaços onde essas relações se constituem. “(...) é uma metáfora para observar padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores” (RECUERO, 2009, p. 24).

Num trabalho que problematiza as manifestações de usuários do *Twitter*²² sobre os protestos que ocorreram no Brasil em junho de 2013, Recuero (2014) afirma que o conceito de redes sociais não surgiu com os estudos do ciberespaço, mas ao longo de pesquisas nas áreas da antropologia, psicologia e sociologia realizadas no início do século XX (RECUERO, 2014, p. 3). Foi a partir das possibilidades de interação e socialização através de ferramentas de Comunicação Mediada pelo Computador (CMC), na década de 90, que os estudos de redes sociais voltaram ao centro dos debates, principalmente numa perspectiva cibercultural.

Para a autora, as redes sociais no ciberespaço apresentam características um pouco diferentes daquelas mantidas no espaço off-line. Principalmente porque as conversações no ciberespaço deixam rastros online, que são publicados e arquivados e que, portanto, podem ser recuperados. E, segundo, porque as representações dos grupos sociais alteram o grupo em si, uma vez que sofrem menos desgastes em decorrência da temporalidade, como ocorre nas relações off-line. “Constituem-se em redes mais estáveis e, com isso, mais complexas, maiores e compreendendo uma pluralidade de relações mais ampla que aquela das redes off-line” (RECUERO, 2014, p. 3).

Para se compreender melhor o que representa a inserção das redes sociais no ciberespaço, este trabalho se propõe a resgatar algumas conceituações importantes, como a noção de interação, laço social e capital social. A partir disso, será possível imergir, então, nas definições de sites de redes sociais e nas conversações mantidas nestes ambientes. Como o

²² Disponível em: <www.twitter.com>

site de análise deste trabalho é o *Facebook*, ao final será desenvolvido um breve histórico a respeito desta ferramenta²³, contextualizando sua criação e seu uso nos dias de hoje.

3.2 INTERAÇÃO

Conforme observado, um conceito bastante importante de ser abordado neste trabalho é o de interação. Conforme Primo (2007, p. 7), uma rede social não é qualquer rede, mas uma rede de pessoas (ou entidades) conectadas por uma série de interações entre seus componentes. Por este motivo, o autor não foca seus estudos nos participantes individualmente – os quais chama de interagentes – mas no processo de relação estabelecido entre eles. Para ele, uma rede social não pode ser avaliada levando em consideração apenas uma das partes. No entanto, Primo considera como interagentes não apenas participantes humanos, mas também os aparatos tecnológicos.

Interação, portanto, seria uma ação entre dois (ou mais) participantes, voltada para a relação estabelecida entre os interagentes (PRIMO, 2005). O que viria a diferir da interatividade, uma noção de cunho mecanicista, criada no estudo da telefonia, que se restringiria à ideia transmissionista de uma comunicação focada em estruturas pré-estabelecidas e de respostas programadas. Tal conceito seria restritivo, segundo o autor, para análise de uma conversa, por exemplo, pois estaria limitado à emissão e à recepção (PRIMO, 2005, p. 4). Para Lévy, a interatividade “em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação da informação” (1999, p.79), ou seja, mesmo de maneira programada (ou reativa), o indivíduo interpreta, ressignifica e participa do processo interativo.

Primo ainda divide a interação mediada por computador em dois tipos: interação mútua e interação reativa. No primeiro caso, tem-se uma constante negociação entre os interagentes, ou seja, “o relacionamento entre os participantes vai se definindo ao mesmo tempo em que acontecem os eventos interativos (nunca isentos dos impactos contextuais)” (p. 13). O termo mútuo pressupõe a participação recíproca dos interagentes durante o processo de interação, sendo a construção do relacionamento imprevisível. Além disso, o relacionamento afeta o comportamento de ambos. A interação reativa, em contraste, está relacionada à previsibilidade e à automação nas trocas (PRIMO, 2005, p. 14), estando diretamente ligada a relações de estímulo e resposta – tendo relação direta, também, com a noção de interatividade

²³ Neste trabalho iremos tratar os sites de redes sociais também como ambientes, ferramentas etc; enquanto sinônimos, sem entrar na discussão das peculiaridades de cada um desses termos.

desenvolvida aqui.

Em adição, Primo sugere ainda que o relacionamento comunicacional pode ocorrer por meio de uma multi-interação, não se limitando a um único canal. Para exemplificar, menciona a comunicação presencial, que não se limita à fala, mas também a gestos, expressões e a outros recursos paralinguísticos existentes no ato das conversações. As interações ainda ocorreriam individualmente, considerando-se que cada interagente se relaciona também com seu contexto pessoal e de maneira interna, intrapessoal. No caso de comunicações mediadas, o autor ainda aponta mais um tipo de interação: com as interfaces tecnológicas, sejam elas materiais ou metafóricas (PRIMO, 2005, p. 14).

No âmbito da formação das redes sociais na internet, Recuero (2009, p. 30) corrobora que a interação seria a matéria-prima das relações e dos laços sociais. Neste processo, a alteridade serve de orientação para as ações comunicativas de determinado interagente – e vice-versa: é uma relação de empatia, composta por ações, expectativas e reações. E um dos movimentos onde as interações podem se manifestar são as conversações, já que o ato de fala de determinado ator depende da percepção do que ou outro diz, da mesma forma que gera uma expectativa sobre o que o outro deverá ouvir. “São partes de suas percepções do universo que os rodeia, influenciadas por elas e pelas motivações particulares destes atores”(RECUERO, 2009, p. 31).

Mas a autora ressalta particularidades do processo de interação mediado pelo ciberespaço. O primeiro é que os atores não interagem pessoalmente e, muitas vezes, nem se conhecem, o que restringe a presença de indícios de linguagem não verbal ou de interpretações do contexto da interação. O segundo aspecto característico é a estrutura das ferramentas de comunicação, que em alguns casos permite formas não convencionais de interação – se pensado o contexto presencial –, como é o caso das interações assíncronas.

3.3 LAÇO SOCIAL

Conforme visto, uma rede social é constituída pelos atores sociais, que representam os nós, os pontos de conexão. Numa perspectiva off-line, esse nós são os próprios indivíduos, mas no ciberespaço os atores interagem através de suas representações, como perfis, fotos ou até mesmo blogs. Neste caso específico, um único nó tem a capacidade de representar vários atores, em exemplo aos perfis de casais no *Facebook*. De qualquer maneira, sejam coletivas ou não, essas representações tendem a simular características pessoais para conferir

individualidade na construção de si mesmo no ciberespaço.

As conexões que esses atores estabelecem entre si, por sua vez, são constituídas de laços sociais e estes, formados através da interação. “De um certo modo, são as conexões o principal foco dos estudos das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos” (RECUERO, 2009, p. 30). No entanto, os laços que conectam as pessoas, nem sempre são construídos única e exclusivamente de maneira *relacional* (ou *dialógica*), num processo *mútuo* de interação. Os indivíduos podem ainda estabelecer conexões mediante laços *associativos*, que dependem apenas de vínculos formais ou do pertencimento comum a determinado espaço, instituição ou grupo (RECUERO, 2009, p. 39). Embora, para a autora, todo laço social seja resultado de um processo relacional, mesmo que *reativo*. Além disso, os laços sociais ainda podem ser classificados como *forte* ou *fracos*.

Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. Laços fortes constituem-se em vias mais amplas e concretas para as trocas sociais, enquanto os fracos possuem trocas mais difusas (RECUERO, 2009, 41).

No entanto, essas denominações são consideradas reducionistas, porque indicam que um laço será sempre forte ou sempre fraco quando, na verdade, existem diferentes níveis de intensidade desses laços de acordo com o tempo e a quantidade das interações. Mas, de modo geral, os laços relacionais tendem a serem fortes porque são consequência da interação, enquanto os associativos tendem a ser mais fracos em função do baixo nível de trocas.

Outro aspecto interessante é que nem todos os laços são recíprocos, já que a força do laço também depende da percepção e do interesse de cada usuário participante da relação. “Quando os laços que conectam dois indivíduos possuem forças diferentes nos dois sentidos, tratam-se de laços *assimétricos*. Já os laços são considerados *simétricos* quando têm a mesma força nos dois sentidos” (RECUERO, 2009, p. 42). Além disso, os laços podem ainda ser multiplexos quando formados por vários tipos de relações sociais, mantidas em diferentes ambientes. Esse tipo de laço tende a indicar laços mais fortes e é bastante comum em relações mediadas pelo computador.

A sociabilidade através da internet e a criação de novos espaços de interação também geram contextos importantes, como a possibilidade de se manter laços sociais à distância. Mas essas relações nem precisam estar muito distantes. Às vezes, a relação de pessoas próximas também pode melhorar com o advento da internet. Foi o que apontou uma pesquisa

(WELLMAN; BOASE; CHEN, 2002) realizada em um bairro de Toronto, Canadá – denominado pelos autores de *Netville* –, indicando que pessoas conectadas com internet têm muito mais contato informal com seus vizinhos do que os não conectados, apresentando um número de conexões muito maiores.

Além disso, mostrou também que aqueles conectados mantinham muito mais relações a longa distância com amigos e parentes do que os demais. Um aspecto interessante de ser considerado no contexto de análise das conversações entre os jovens moradores da zona rural que, segundo dados da pesquisa exploratória realizada em Pelotas, também encontraram na internet uma forma de aproximação com os colegas de sala de aula – com quem, pela distância entre as propriedades, até então mantinham relações no espaço físico da escola, basicamente.

3.4 CAPITAL SOCIAL

A noção de capital social, por sua vez, não é um consenso entre os autores, já que o termo é abordado em diferentes campos do conhecimento. O ponto comum é que “o conceito refere-se a um valor construído a partir das interações entre os atores sociais” (RECUERO, 2009, p. 45) e que indica a existência de conexão entre esses pares. A autora ainda define o capital social “(...) como um conjunto de recursos de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade” (RECUERO, 2009, 50).

Para Bertolini e Bravo (2004) a definição de capital social de Coleman – um valor obtido na estrutura social que pode ser utilizado pelos atores como recurso para identificar seus interesses – ainda constitui o ponto de partida para muitas das discussões do assunto. Além disso, os autores diferenciam o conceito de capital social de acordo com o número de atores que se apropriam destes valores, mediante o termo “dimensões”, em que “capital social individual” seria quando um indivíduo usaria recursos pessoais para suas próprias finalidades, ou “capital social coletivo”, quando haveria um maior número de atores envolvidos no uso desses valores.

Bertolini e Bravo (2004) ainda mencionam cinco categorias que consideram enquadrar os elementos que tornam visíveis os diferentes aspectos do capital social: relacional, normativo, cognitivo, confiabilidade/ambiente social, e institucional. O tipo relacional diz

respeito à soma das conexões de relacionamento e troca – as quais podem variar em estabilidade, valor e nos conteúdos destas trocas – que unem os diferentes indivíduos inseridos em um mesmo contexto.

O normativo tem relação com as normas de comportamento e os valores internalizados pelos atores em determinado grupo - não os valores explícitos, mas os valores internos do grupo. Para os autores, este processo de normatização se inicia na infância e continua sendo construído ao longo da vida social. No entanto, estas normas internalizadas não representariam formas de controle inflexíveis, que direcionariam as ações dos sujeitos, mas como componente da construção da percepção individual dos sujeitos sobre determinadas ações, principalmente no que tange à tomada de decisões (BERTOLINI; BRAVO, 2004, p. 3).

O tipo cognitivo, por sua vez, estaria relacionado aos conhecimentos e às informações compartilhadas em relação aos problemas que o ator ou seu grupo de referência enfrentam. Nesta categoria, segundo os autores, se inserem as capacidades e percepções individuais de maneira a contribuir para a resolução de problemas novos.

Os tipos anteriores, segundo os autores, seriam as formas mais básicas de capital social, dependentes de laços fracos – identificados como de nível 1; enquanto os próximos consistiriam em formas mais complexas, geralmente associadas à mais laços fortes – tidos como de nível 2 (BERTOLINI; BRAVO, 2004, p. 4). A confiabilidade/ambiente social, por exemplo, diria respeito à confiança geral dada ao comportamento dos indivíduos inseridos em determinado sistema. Um alto nível deste tipo de capital social reduziria as incertezas com relação às ações e à vontade de cooperação de outros membros do grupo. O que aumentaria as possibilidades de colaboração entre os atores.

E, finalmente, o tipo institucional, incluindo instituições formais e informais, consistiria em formas de capital social capazes de reduzir as incertezas de comportamento dos atores, criando assim incentivos em direção a níveis maiores de coordenação e interação. Isto porque, conforme os autores, as instituições seriam construções informais, de regras e mecanismos formais, que constituem as regras da interação humana. Por isso, concluem que esta seria uma das principais forças para influenciar o comportamento humano (BERTOLINI; BRAVO, 2004, p. 4).

Além destes tipos, Recuero (2009, p. 107) ainda afirma que, para se perceber o capital social de determinado grupo, é importante se identificar os tipos de *valores* construídos, principalmente considerando-se os sites de redes sociais. Identificar esses valores também pode ajudar os pesquisadores a perceber a influência do capital social na estrutura das redes.

“O que é diferencial nos sites de redes sociais é que eles são capazes de construir e facilitar a emergência de tipos de capital social que não são facilmente acessíveis aos atores sociais no espaço *off-line*” (RECUERO, 2009, p. 107).

Uma característica importante dos sites de redes sociais é que eles permitem a ampliação do número de conexões entre os atores, aspecto que dificilmente seria mantido na vida *off-line*. No entanto, o aumento da conectividade online pode tornar os atores mais visíveis em suas redes sociais e, inclusive, fazer com que essa visibilidade também se reflita no espaço *off-line*. A visibilidade, portanto, é um dos primeiros valores trabalhados pela autora. “Quanto mais conectado está o nó, maiores as chances de que ele receba determinado tipos de informação que estão circulando na rede e de obter suporte social quando solicitar” (RECUERO, 2009, p. 108).

A visibilidade, além de complexificar a rede, também é base para a criação de outros valores, como a reputação, que consiste na percepção que os demais atores fazem de alguém, a partir de suas características e ideologias. É um julgamento. E isso é importante no contexto dos sites de redes sociais porque essas ferramentas permitem um maior controle das informações emitidas por determinado indivíduo sobre ele mesmo e, portanto, permitem um relativo controle das impressões que as demais pessoas têm sobre esse indivíduo. “Uma das grandes mudanças causadas pela internet está no fato de que a reputação é mais facilmente construída através de um maior controle sobre as impressões deixadas pelos atores. Ou seja, as redes sociais na internet são extremamente efetivas para a construção da reputação (RECUERO, 2009, 110). Mas, ainda que a visibilidade ajude a criar reputação, não são os números de conexões que a definem. A reputação é uma percepção qualitativa presente em todos os usuários da rede em diferentes graus.

A popularidade, sim, tem relação direta com a audiência e pode ser medida quantitativamente. Quanto mais central é um nó em sua rede – quanto mais conectado ou acessado – mais popular ele é. “Como a audiência é mais facilmente medida na rede, é possível visualizar as conexões e as referências a um indivíduo, a popularidade é mais facilmente percebida” (RECUERO, 2009, p. 111). Portanto, por ser mais conectado, esse nó também pode ter a capacidade de ser mais influente que os demais nós da rede. Mas, ao mesmo tempo, a popularidade também pode ocorrer em função de algum aspecto negativo, o que não necessariamente vai tornar este nó um centro de influência perante os demais.

Essa influência mencionada acima diz respeito, então, ao próximo valor enumerado pela autora: a autoridade. Quanto mais influente é determinado ator, mais autoridade ele

possui. “A autoridade é uma medida de influência, na qual se depreende a reputação” (RECUERO, 2009, p. 113). Mas a autoridade não se resume à reputação, vai além. Não se limita ao mero reconhecimento de alguém como interessante ou relevante, mas como alguém relevante e com certo grau de autoridade em determinado assunto. Por isso a questão da influência: seu discurso tem capacidade de influenciar opiniões e estimular conversações. “A autoridade de um ator no *Twitter*, outro exemplo, poderia ser medida não apenas pela quantidade de citações que um determinado ator recebe, mas principalmente pela sua capacidade de gerar conversações a parti daquilo que diz” (RECUERO, 2009, p. 114).

3.5 SITES DE REDES SOCIAIS

De acordo com Recuero (2014, p. 1) as redes sociais não representam um fenômeno novo, mas sua reinserção no ciberespaço, sim, cria novos elementos e novas dinâmicas de estudo. É o caso dos sites de redes sociais que, a partir de sua criação, permitiram novos fenômenos comunicacionais, sociais e discursivos. “Consideraremos como sites de redes sociais toda a ferramenta que for utilizada de modo a permitir que se expressem as redes sociais suportadas por ela”, (RECUERO, 2009, p. 102). Nestes ambientes, específicos para formação das redes no ciberespaço, as conexões ficam registradas, permitindo, assim, acesso facilitado pelos pesquisadores às informações dos atores sociais. Ainda segundo a autora, são esses registros que permitem que as interações e conversações sejam mapeadas e estudadas.

Conforme Boyd (2007), no estágio inicial do fenômeno, vários termos foram utilizados para identificar esses ambientes, desde “sites de redes sociais”, a “redes sociais online” ou, até mesmo, “redes sociais”, de maneira a se referir a uma gama enorme de sites e serviços. Naquele período, para a autora, os sites de redes sociais consistiam em:

(...) serviços baseados em web que permitem os indivíduos (1) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema conectado, (2) articular uma lista de outros usuários com quem compartilham uma conexão e (3) ver e cruzar sua lista de conexões e aquelas realizadas por outros fora do sistema. A natureza e a nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site. (BOYD, 2007, p. 211)²⁴

Mas, com a atualização do conceito ao longo dos anos, a autora conclui atualmente

²⁴ Tradução do autor para: (...) web-based services that allow individuals to (1) construct a public or semi-public profile within a bounded system, (2) articulate a list of other users with whom they share a connection, and (3) view and traverse their list of connections and those made by others within the system. The nature and nomenclature of these connections may vary from site to site.

que um site de redes sociais é:

(...) uma plataforma de comunicação em rede onde os participantes 1) possuem perfis únicos de identificação que consistem de conteúdo fornecido pelo usuário, conteúdo fornecido por outros usuários e/ou informações fornecida pelo sistema; 2) podem articular publicamente suas conexões, que podem ser vistas e cruzadas por outros; e 3) podem consumir, produzir e/ou interagir com uma gama de conteúdo gerado por outros usuários, sendo disponíveis por meio de suas conexões estabelecidas no site (ELLISON e BOYD, 2013).²⁵

Os indivíduos participam deste sites, principalmente, para se articular e tornar visíveis redes sociais já existentes. E isso que, para Boyd, as torna tão interessantes: a intenção primária das pessoas é interagir com quem já faz parte de suas redes sociais fora dos sistemas. (BOYD, 2007, p. 211) Mas, em seu trabalho mais recente, Ellison e Boyd (2013) indicam que alguns usos se modificaram, já que os usuários também estão utilizando os sites para descobrir mais informações sobre conhecidos ou pessoas recém apresentadas, com quem ainda mantêm um baixo nível de interação.

Justamente por isso o termo amizade, comumente utilizado pelos sites para indicar os contatos de cada usuário, não necessariamente significa a amizade no senso cotidiano. Boyd (2007, p. 213) indica que os motivos pelos quais as pessoas se conectam umas às outras é variado. E acrescenta que, embora as relações transpostas para esses sites possam representar laços fracos, geralmente apresentam um elemento off-line em comum – como frequentar a mesma sala de aula, por exemplo (BOYD, 2007, p. 220). O que, como visto, pode ser considerado um laço relacional.

Outro aspecto interessante é o fato de que muitos destes sites atraem inicialmente públicos homogêneos, “(...) então não é muito incomum encontrar grupos utilizando sites para se separarem por nacionalidade, idade, nível educacional, ou outros fatores que tipicamente segmentam a sociedade, mesmo que esta não tenha sido a intenção dos designers²⁶” (BOYD, 2007, p. 214). É comum, portanto, criarem-se segmentações de acordo com preferências ou características identitárias de determinados grupos, que predominam nos sistemas por

²⁵Tradução do autor para: (...) a networked communication platform in which participants 1) have uniquely identifiable profiles that consist of user-supplied content, content provided by other users, and/or system-provided data; 2) can publicly articulate connections that can be viewed and traversed by others; and 3) can consume, produce, and/or interact with streams of user-generated content provided by their connections on the site.

²⁶ Tradução do autor para: (...) so it is not uncommon to find groups using sites to segregate themselves by nationality, age, educational level, or other factors that typically segment society, even if that was not the intention of the designers.

determinado período.

Os sites de redes sociais, de acordo com Boyd (2007, p. 219), servem ainda como importantes ferramentas para os pesquisadores da área que trabalham investigando processos de gerenciamento de impressão, apresentação do *self* e performance de amizade. Em referência a seus trabalhos anteriores, a autora aponta que a “exibição pública de conexões” (*public displays of connection*) – ou seja, a visibilidade das relações de cada um – serve como forma importante de construção identitária, validando as informações de identidade presentes nos perfis e permitindo a negociação de apresentação do *self* - da apresentação de si mesmo nesses sites. A escolha de se conectar com algumas pessoas em detrimento de outras também seria motivada pelo gerenciamento de impressão – segundo indica uma pesquisa realizada pela autora no *Friendster*²⁷. “(...) amigos geram contexto ao oferecerem aos usuários uma audiência imaginada, que guia as normas de comportamento²⁸” (BOYD, 2007, p. 220).

Os sites de redes sociais, na visão de Boyd são redes públicas que são suporte à sociabilidade da mesma maneira que os espaços públicos não mediados. Em diversos países, como é o caso da Coréia do Sul, esses sites se tornaram bastante presentes na vida das pessoas, virando parte integral da vida cotidiana. E, por esse motivo, reforçam, para autora, a ideia de que seu uso está fortemente balizado pela manutenção e fortalecimento de conexões previamente existentes (BOYD, 2007, p. 221).

Recuero (2009, p. 102) define os sites de redes sociais como uma categoria do grupo de *software social* – programas voltados à comunicação mediada pelo computador – e afirma que a apropriação é o aspecto-chave desses ambientes, embora sejam mais comumente identificados pela sua estrutura. Por esse motivo, a autora divide esses sites em dois tipos: os estruturados e os apropriados. Os estruturados – ou os sites de redes sociais propriamente ditos – são aqueles que têm como finalidade tornar visíveis publicamente as redes sociais dos atores. Já os sites de redes sociais apropriados, por sua vez, “são aqueles sistemas que não eram originalmente, voltados para mostrar redes sociais, mas que são apropriados pelos atores com este fim” (RECUERO, 2009, p. 104).

Outro aspecto importante dos sites de redes sociais é que eles são constituídos por “públicos em rede” (*networked publics*), ou seja, uma audiência mediada pelas tecnologias digitais. O conceito remete a um público diferenciado, que suporta a sociabilidade da mesma forma que os públicos não mediados, mas com algumas características próprias como:

²⁷ Disponível em: < <http://www.friendster.com/>>

²⁸ Tradução do autor para: “Friends provide context by offering users an imagined audience to guide behavioral norms.”

persistência, buscabilidade, replicabilidade e audiências invisíveis (BOYD, 2007b, p. 2).

A persistência indica que o que é publicado permanece ali, permitindo, por exemplo, que as conversações sejam realizadas de maneira assíncrona, ou seja, em espaços de tempo diferentes. Aspecto que difere da conversação presencial, que possui uma natureza mais instantânea. A buscabilidade permite que as informações sejam resgatadas mediante mecanismos de busca. Já a replicabilidade significa dizer que as informações são copiáveis e reproduzíveis – mas sem a garantia de que ela não tenha sido modificada. Finalmente, as audiências invisíveis, como será visto mais adiante, indicam que determinado conteúdo estará disponível por audiências que não estavam necessariamente presentes no momento de criação das mesmas. Em públicos não mediados, em contrapartida, a audiência de um acontecimento se limita ao espaço físico onde este ocorre.

Outra característica importante levantada por Recuero (2012c, p. 44) é que os espaços digitais, como os sites de redes sociais, são fundamentalmente anônimos em função da mediação. Por esse motivo, as audiências seriam, a princípio, invisíveis. As formações de identidade que ocorrem para representar o corpo físico são construções que buscam dar visibilidade e estreitar os laços entre aqueles que interagem. “Assim, é comum que a linguagem e os contextos utilizados para a comunicação neste ambiente sejam apropriados pelos atores como elementos de construção de identidade (RECUERO, 2012c, p. 44)

No contexto atual, Ellison e Boyd apontam uma proliferação e uma evolução nos sites de redes sociais, em comparação aos trabalhos anteriores. As autoras abordam também o conceito de *social media*, já que diversos tipos de “meios” foram apropriados de maneira a abrigar um caráter social, como sites de compartilhamento, sites de jogos e mídias locativas – que incentivam os participantes a fazer uma lista de contatos e “amigos”, dificultando a distinção entre sites de redes sociais e outros gêneros (ELLISON; BOYD, p. 2). Além disso, as interfaces de programação também evoluíram de maneira a permitir maior integração destes sites com uma infinidade de ferramentas e outros sites, o que tornaria mais difícil identificar os aspectos que definiriam este ou aquele site de rede sociais. Finalmente, as práticas, expectativas e regras sociais dos usuários também teriam evoluído junto das características técnicas e das oportunidades de interação social.

3.6 CONVERSAÇÃO

De acordo com Recuero (2012, p. 1) sites de redes sociais como o

Facebook representam formas de Comunicação Mediada pelo Computador (CMC), ou seja, que viabilizam práticas interacionais entre as pessoas. “Essa perspectiva de estudos abarca todo um conjunto de práticas sociais decorrente das apropriações comunicativas das ferramentas digitais” (RECUERO, 2012c, p. 22).

Esses sites têm ganhado cada vez mais adeptos, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro. O *Facebook*, por exemplo, registrou a marca de 1,23 bilhão de usuários ativos mensais e uma média de 757 milhões de usuários diários em dezembro de 2013.²⁹ A popularização destes espaços no cenário mundial fez com que fossem utilizados também como espaços conversacionais entre as pessoas no dia a dia. A interação nesses sites passou a apresentar aspectos semelhantes à conversação, de maneira a manter ou construir laços sociais, do mesmo modo como ocorre nas relações presenciais. “Esses espaços são decorrentes de práticas sociais que vão reconstruir sentidos e convenções para a conversação online”, (RECUERO, 2012, p. 1).

A autora ainda afirma que a conversação é comumente vista pelos autores da área como parte importante da comunicação entre dois indivíduos e que seria por onde ocorreriam as interações e através da qual seriam formadas as relações sociais (RECUERO, 2012, p. 3). A conversação também seria composta não apenas pela fala –, mas pelos diversos elementos da comunicação que, em conjunto, ajudariam a construir o sentido da mensagem. Surdos-mudos, por exemplo, conversam, mas com algumas limitações quanto ao ato de falar. “Não é apenas constituída de linguagem oral, mas, igualmente, de uma série de elementos como tom de voz, entonação, silêncios e elementos não verbais que vão delimitar o sentido daquilo que é dito, fornecendo pistas do sentido” (RECUERO, 2012, p. 3).

Ainda assim, um dos pontos marcantes da conversação nos sites de redes sociais é a predominância da linguagem textual, embora sites cada vez mais populares, como o *Youtube* e, mais recentemente, o *Instagram*³⁰ e o *Vine*³¹, estejam mudando esta perspectiva, trabalhando essencialmente com audiovisuais. Além dessa percepção, Recuero (2012) aponta ainda alguns padrões de uso nas conversações online, observados por diversos autores ao longo de suas pesquisas com base em redes sociais na internet.

A utilização de uma escrita oralizada é o primeiro ponto. Consiste na adaptação de recursos linguísticos da oralidade, através de onomatopeias e *emoticons*³², por exemplo, para

²⁹ Fonte: < <https://newsroom.fb.com/Key-Facts>>

³⁰ Disponível em: < www.instagram.com>

³¹ Disponível em: < www.vine.co>

³² Smiley, carinhas... caracteres do teclado combinados, geralmente, para exprimir uma expressão facial.

representar aspectos da linguagem não-verbal, de maneira a exprimir sentimentos e sensações de expressão geralmente limitada através do texto. “Sem o contato direto com os interagentes, a falta de contexto é um problema sério da conversação online. Para auxiliar nessa construção, a criação de convenções para elementos paralinguísticos também é comum” (RECUERO, 2012, p. 5). A definição de turnos para a fala também ajudam a identificar a conversação online como uma simulação que se assemelha à conversação presencial.

O segundo ponto importante é a noção de uma unidade temporal elástica (RECUERO, 2012, p. 5-6). Em geral, as trocas entre os indivíduos tendem a ocorrer em uma unidade temporal definida pelo contexto da conversação. Em processos interativos presenciais, por exemplo, as conversações tendem a ser síncronas por ocorrerem de maneira instantânea, em “tempo real”: os turnos de fala dos interagentes ocorrem na sequencia imediata um do outro. Mas, nos sites de redes sociais essa noção de temporalidade se altera, já que os fluxos comunicacionais podem ocorrer sem a coo-presença de todos os sujeitos da interação. As informações publicadas por um indivíduo ficam armazenadas e podem ser acessadas em um segundo momento – horas ou até dias depois – pelos demais participantes para a continuidade da conversação, caracterizando um processo assíncrono.

O terceiro ponto discutido é a representação de presença dos indivíduos no ciberespaço, que pode ser construída através de perfis em sites, *nicknames*³³ em sala de bate-papo, fotos etc. São formas de representar o indivíduo mesmo que ele não esteja presente ou conectado ao site em determinado momento. Segundo Recuero existem várias formas de se fazer essa construção, dependendo do tipo de site utilizado. “São cuidadosamente montadas como espaços personalizados, que trazem impressões construídas para dar uma ou outra impressão na possível audiência, através de pequenas pistas. É uma reinscrição de elementos, que são característicos dos indivíduos, no ciberespaço” (RECUERO, 2012, p. 8).

A construção de contexto, por sua vez, é delimitada de acordo com as restrições e possibilidades técnicas dos sites onde são mantidas as conversações. “Cada forma de CMC oferece características próprias que, quando envolvidas nas praticas cotidianas, vão gerar esse contexto da conversação” (RECUERO, 2012, p. 8). Mas, ao mesmo tempo, é definida pela negociação entre os interagentes durante a conversação, tendo em vista as possibilidades oferecidas pelas ferramentas. Um exemplo mencionado é o uso de *hashtags* (#) seguidas de alguma palavra para delimitar algum contexto conversacional, indicando sobre o que a mensagem trata. A compreensão das conversações, portanto, deve levar em consideração o

³³ Nome de usuário.

contexto onde as mesmas estão inseridas. Para participar de uma conversação no ciberespaço, o indivíduo deve ser capaz de compreender o contexto e se apropriá-lo dele, caso contrário, não conseguirá estabelecer uma comunicação eficiente.

Finalmente, a conversação em rede em si é um aspecto importante em função da conectividade dos atores durante a interação e pela consequente visibilidade diante das “audiências invisíveis” (BOYD, 2010, p. 10). Conforme já visto em Boyd, em espaços não mediados é relativamente fácil perceber quem está presente e pode testemunhar determinado acontecimento. Mas, no ciberespaço e, principalmente, em sites de redes sociais, essa perspectiva muda. Pessoas que não necessariamente participam das conversações, mas frequentam o mesmo espaço virtual apenas observando – conhecidas como *Lurkers* –, podem ter acesso às informações e são potenciais audiências. “In theory, people can access content that is persistent, replicable, scalable, and searchable across broad swaths of space and time”³⁴ (BOYD, 2010, p. 10).

Características como a persistência, a replicabilidade e a buscabilidade permitem que os conteúdos sejam acessados até mesmo por quem não esteve presente no momento da publicação, seja por uma questão de permanência do conteúdo ou de alcance da conversação. Além disso, segundo Recuero (2012), as conversações em rede permitem que as redes sociais de cada indivíduo fiquem explícitas no ciberespaço e, portanto, sejam acessíveis para análise.

Essa capacidade da conversação online de permanecer implica também na capacidade de envolver muito mais do que apenas dois interagentes, multiplicando a participação. A conversação, no ambiente online, acontece em rede. Ela pode migrar entre os vários ambientes (Recuero, 2009a), espalhar-se entre as várias redes sociais e acontecer em escalas que só são possíveis porque é possível buscar aquilo que foi dito (RECUERO, 2012, p. 10-11).

Além das cinco características mencionadas acima, Recuero, em seu livro “Conversação em Rede” (2012c, p.56 e 60), ainda aponta mais duas perspectivas de análise: a distinção entre conversações públicas ou privadas e a migração e multimodalidade. A primeira indica que as conversações mediadas pelo computador podem ocorrer de forma pública ou privada, embora uma linha tênue faça esta separação. Nas conversações mediadas as pessoas não têm ideia de quem constitui sua audiência, apenas supõe. Além disso, a privacidade de uma conversação é limitada, geralmente, pela ferramenta. O que não impede

³⁴ Tradução livre: Em teoria, as pessoas podem acessar conteúdo persistente, replicável, escalável e buscável através de largo trecho de tempo e espaço.

que a informação seja copiada e replicada abertamente em função de sua permanência.

As conversações privadas são aquelas que acontecem em espaços delimitados, fechados, que envolvem apenas os atores participantes da conversação e deixam-na visível apenas para estes. (...) Já as conversações públicas são aquelas que podem ser vistas, em princípio, por qualquer ator que esteja vinculado a mesma ferramenta. (RECUERO, 2012c, p. 56)

A multimodalidade diz respeito ao fato de a comunicação se utilizar de várias interfaces, como aspectos audiovisuais, por exemplo. “(...) compreenderia os vários modos sobre os quais uma conversação se estrutura” (RECUERO, 2012c, p. 60). E isso é bastante comum na comunicação mediada pelo computador. A integração entre imagem e texto, mesmo que muitas vezes dependa da disponibilidade da ferramenta, por exemplo, é bastante presente em sites de redes sociais como o *Facebook*.

A característica da migração, por sua vez, está diretamente ligada a multimodalidade, porque, em função das conversações poderem se utilizar de diversos modos para se constituírem, podem também migrar para outros ambientes de maneira a constituir uma mesma mensagem na conversação. “Refere-se à capacidade das conversações de se espalharem entre as várias ferramentas, sofrendo alterações na sua estrutura e organização, mas permanecendo como um único evento de fala” (RECUERO, 2012c, p. 63).

Conforme visto, a conversação mediada pelo computador possui características próprias, embora simule vários aspectos da conversação presencial e, principalmente, da conversação oral. Tais características, segundo aponta Recuero (2012, p. 12), são formadas pela apropriação dos sites pelos interagentes em função das finalidades conversacionais. A autora indica, portanto, que essa conversação é resultado mais das práticas dos interagentes do que de determinismos tecnológicos das ferramentas em si. Tanto que ambientes onde a finalidade primária não era a conversação podem acabar ganhando esse fim em função do uso que os indivíduos fazem deles. “(...) a conversação no ciberespaço possui elementos típicos da conversação oral e que, portanto, é e deve ser compreendida como conversação e não como simulação ou metáforas.” (RECUERO, 2012c, p. 32)

Importante neste ponto explicitar a existência de dois diferentes tipos de apropriação: a técnica e a simbólica, segundo explica Lemos (2004). Ambas exprimem o resultado do uso da tecnologia pelas pessoas, mas enquanto a primeira diz respeito ao aprendizado e uso de determinada ferramenta conforme ela foi pensada; a segunda vai além, se referindo aos sentidos que os usuários fazem dessas ferramentas, principalmente de maneira a subverter as

finalidades primárias destas, criando novos usos.

A apropriação é assim, ao mesmo tempo, forma de utilização, aprendizagem e domínio técnico, mas também forma de desvio (*desviance*) em relação às instruções de uso, um espaço completado pelo usuário na lacuna não programada pelo produtor/inventor, ou mesmo pelas finalidades previstas inicialmente pelas instituições. (LEMOS, 2004, p. 239).

Esta definição é importante no contexto do uso dos sites de redes sociais uma vez que as conversações ocorrem, muitas vezes, a partir do desvio, ou seja, da apropriação de ferramentas que não tinham a finalidade conversacionais em sua concepção original. “A apropriação, em sua dimensão simbólica é, portanto, criativa, inovadora e capaz de suplantar os limites técnicos da CMC” (RECUERO, 2012c, p. 36).

Para Marcuschi (2003, p. 14) a conversação é uma das primeiras formas de linguagem a que as pessoas estão expostas, envolvendo geralmente perguntas e repostas ou então afirmações e réplicas. Para propor uma análise da organização das conversações o autor aponta cinco características básicas: interação entre pelo menos dois falantes; ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; presença de uma sequência de ações coordenadas; execução numa unidade temporal; e envolvimento numa “interação centrada”. As duas primeiras características apontam para a natureza dialógica da fala, enquanto as demais demonstram a construção de um contexto para viabilização das interações.

A abordagem do autor desenvolve o conceito mais enquanto prática falada, mas tais características também podem ser observadas na conversação enquanto comunicação mediada pelo computador, considerando-se algumas ressalvas. Nos sites de redes sociais, por exemplo, é possível identificar a interação entre dois ou mais falantes e a ocorrência de turnos para a organização das falas. Também percebe-se a questão ritualística, de ações coordenadas, presentes em toda a conversação – como o ato de se dar “oi”, para abrir um bate-papo, e o “tchau”, para fechá-lo. Embora, neste caso, essas marcações também possam ser criadas pelas próprias ferramentas, como o ato de se abrir uma janela de conversa ou de um tópico sobre determinado tema, sem necessariamente a presença de um elemento linguístico que determine o início da conversação. A interação também ocorre de maneira centrada, ou seja, a partir e em torno de um tema de interesse comum. A grande diferença da conversação mediada pelo computador aparenta estar na execução de uma unidade temporal, que neste caso, como já observado, é elástica e não tem necessidade de ser instantânea (embora também o possa ser).

Iniciar uma interação significa, num primeiro momento, abrir-se para um evento cujas expectativas mútuas serão montadas. Em certos casos há alguém que inicia com um objetivo definido em questão do tema a tratar e então supõe que o outro esteja de acordo para o tratamento daquele tema, o que indica que além do tema em mente ele tem também uma pressuposição básica, que é a aceitação do tema pelo outro. Iniciada a interação, os participantes devem agir com atenção tanto para o fato linguístico como para os paralinguísticos, como os gestos, os olhares, os movimentos do corpo e outros (MARCUSCHI, 2003, p. 15-16).

Com base na definição de Marcuschi, volta-se a apropriação dos sites para simulação das conversações. Como no ciberespaço nem sempre é possível contemplar todos os elementos da conversação presencial – os paralinguísticos –, os interagentes muitas vezes se utilizam de recursos adaptados para expressar sentimentos, sensações etc; que não são possíveis de serem reproduzidos em uma conversação baseada apenas num texto, como num bate-papo, por exemplo. O uso de *emoticons* – as carinhas – já levantado neste trabalho, é um desses elementos, embora existam outros. Mas, para que esses recursos sejam substitutos competentes, é necessário que os interagentes dominem mutuamente o significado desse tipo de linguagem.

Para sustentar uma conversação eficiente, ainda segundo Marcuschi, os atores devem partilhar de conhecimentos comuns, como a mesma aptidão linguística, o envolvimento cultural e o domínio das situações sociais. “Os esquemas comunicativos e a consecução de objetivos exigem partilhamentos que superam em muito o simples domínio da língua em si” (MARCUSCHI, 2003, p. 16). Interagentes que dominem a mesma língua, por exemplo, mas com referências culturais distintas, podem enfrentar obstáculos para manter uma conversação eficaz.

As práticas conversacionais no ciberespaço são alteradas e negociadas pelos interagentes a todo o momento de maneira a criar novas convenções e novas formas de expressões. O contexto da rede também auxilia na estruturação deste processo comunicacional, uma vez que também tem influência nessas apropriações. Por isso, a partilha por conhecimentos comuns se faz importante na conversação mediada pelo computador. “Interconectados, os atores precisam, também, aprender a conversar em rede” (RECUERO, 2012c, p. 36).

3.7 FACEBOOK

Em 2014 o *Facebook* completou 10 anos desde sua tímida criação, em um dormitório

de Harvard – universidade norte americana –, em 4 de fevereiro de 2004. Inicialmente, o site era denominado *the facebook* e destinado apenas a universitários da própria Harvard, sendo, aos poucos, aberto a estudantes de outras universidades, depois a estudantes do ensino médio e, finalmente, em 2006, ao público em geral. O principal responsável pela idealização do site foi um dos próprios alunos, Mark Zuckerberg, à época com apenas 20 anos.

A inspiração para criação do site veio do *Facemash*, criado pelo próprio Zuckerberg em 2003, para que os estudantes de Harvard pudessem escolher seus amigos mais atraentes. De acordo com Recuero (209 p. 172), no entanto, a intenção com a idealização do *Facebook* estava mais focada na criação de uma rede de contatos, tendo em vista as mudanças e a formação de novas relações sociais na vida de um universitário norte americano.

O *Facebook* é um site de rede social que funciona através da conexão entre os atores mediante um perfil e, mais recentemente, uma linha do tempo de cada indivíduo. Também possui grupos de discussão, páginas voltadas a empresas, marcas e/ou pessoas e, principalmente, um *feed* de publicações onde estão concentradas as principais informações publicadas pelas conexões de cada ator.

De acordo com dados da *Digital Insights*³⁵, o *Facebook* atingiu a marca de 1,5 bilhões de usuários cadastrados em 2013, sendo que 751 milhões acessam o site através de aparelhos móveis, como celulares e *tablets*. A pesquisa aponta ainda que 23% dos usuários acessa sua conta no *Facebook* mais de cinco vezes ao dia. Além disso, mostra também que, cerca de 350 milhões de fotos são publicadas diariamente pelos usuários do site.

Mas, segundo dados de uma pesquisa publicada em maio de 2013 pela *Pew Research Internet Project*³⁶, o uso do *Facebook*, especificamente entre os jovens norte-americanos, está diminuindo. Não porque eles estejam fechando seus perfis no site, mas porque estão diversificando sua presença online mediante outros sites de redes sociais como *Instagram* e *Twitter* – direcionando um tipo de atividade para cada site – ou porque estão “dando um tempo”.

Os principais motivos apontados para esse desinteresse seriam a crescente presença de adultos, a alta necessidade de gerenciamento de sua apresentação no site, o estresse em função de interações sociais negativas e o sentimento de insatisfação com relação aos amigos que publicam demais. Ainda assim, em geral, esses jovens afirmam continuar no site porque a

³⁵ Disponível em: <<http://blogmidia8.com/2013/11/infografico-traz-os-dados-mais-recentes-sobre-redes-sociais-em-2013.html>>

³⁶ Disponível em: <<http://www.pewinternet.org/2013/08/15/teens-havent-abandoned-facebook-yet/>> e <<http://www.pewinternet.org/2013/05/21/teens-social-media-and-privacy/>>

participação seria uma parte importante da socialização nessa faixa etária. Cerca de 94% dos entrevistados da pesquisa disseram ter um perfil no *Facebook* e 81% afirmaram que, dentre os sites de redes sociais, é o perfil que utilizam com mais frequência.

Adolescentes – jovens entre as idades de 13 e 19 anos – foram identificados como a geração com o maior uso de internet desde o fim dos anos 90. Enquanto “nativos digitais” que nasceram e foram criados na era dos computadores e da comunicação online, os adolescentes de hoje compartilham conteúdo criado por eles, publicam suas opiniões, e linkam para outros conteúdos mais do que qualquer outro grupo demográfico. (HERRING, 2014, p. 1).³⁷

Em termos de Brasil, dados do *TIC Kids Online Brasil* (2012, p. 51) indicam que cerca de 70% do público infanto-juvenil entre 9 e 16 anos possui perfil em algum site de rede social, sendo 61% no *Facebook* e 39% no Orkut. As principais ações dentro desses sites dividem-se em: publicar fotos, vídeos e músicas (40%); postar mensagens (24%); criar *avatares* (16%); e participar de bate-papos (12%). A pesquisa ressalta ainda que o relacionamento interpessoal, independente das ações, é a atividade mais frequente nesses sites, sendo realizada praticamente todos os dias.

Mas, considerando-se o uso da internet de modo geral, a pesquisa verifica que a principal finalidade desses jovens é realização de trabalhos escolares (82%). Visitar páginas/perfis em redes sociais aparece em segundo lugar (68%), seguido por assistir vídeos em sites como o *YouTube* (66%). Jogar *games* com outras pessoas e usar mensageiros instantâneos com amigos ou contatos aparecem em quarto e quinto lugar, respectivamente, ambos com um índice de 54% de uso.

A escolha do *Facebook* enquanto objeto desta pesquisa se deu, principalmente, em função do expressivo uso apontado pelos próprios jovens rurais entrevistados na pesquisa exploratória, principalmente como meio de comunicação entre eles, conforme será melhor abordado no próximo capítulo. De acordo com Ellison *et al.* (2007, p. 1144) o *Facebook* representa uma ponte entre o off-line e o online, de modo a sugerir que o site é primeiramente utilizado para fortalecer laços geograficamente estabelecidos. Ou seja, usuários tendem a estabelecer conexões com pessoas com quem já possuem relações off-line mais do que navegam a procura de conhecer estranhos. Embora uma ação não exclua a outra.

³⁷ Tradução do autor para: Teenagers – young people between the ages of 13 and 19 – have been identified as the generation with the highest internet use since the late 1900s. As “digital natives” who were born and raised in the age of computers and online communication, today’s teens share self-created content, post their opinions, and link to other content online more than any other demographic group.

Essa ideia é apontada tendo em vista que o *Facebook* surgiu, de fato, para aproximar um público universitário restrito e geograficamente delimitado, embora estas limitações tenham sido expandidas aos poucos para outras universidades, até chegar ao grande público. Por esse motivo os autores acreditam que o site, e as tecnologias da informação de modo geral, contribuam para desenvolver as comunidades locais e facilitem a geração de capital social. (ELLISON *et al.*, 2007, p. 1144)

O uso de sites de redes sociais como ambiente de interação com indivíduos de fora das localidades ou dos grupos sociais pré-existentes, acabaria girando, portanto, em torno de uma rede de interesses comuns. E o resultado dessas interações online, segundo indicam os autores, em maior parte dos casos acabaria gerando um encontro presencial. Embora essas relações tenham se alterado a medida em que os sites de redes sociais foram evoluindo no ciberespaço.

Para os autores, as formas de uso do *Facebook* e da formação de capital social diferem de indivíduo para indivíduo, de acordo com os níveis de autoestima e de satisfação com a vida, já que alguns sites de redes sociais podem diminuir as barreiras da interação e, assim, promover uma promoção individual nas redes para quem buscar utilizar esses recursos. Ainda de acordo com Ellison, Steinfield e Lampe, já na época da pesquisa verificava-se que o *Facebook* estaria integrado às práticas cotidianas das pessoas.

Em seu trabalho sobre a relação entre o uso do *Facebook* e popularidade, Zywica e Danowski (2008) obtiveram que a questão da personalidade, da autoestima, está relacionada à popularidade off-line, mas não à popularidade no *Facebook*, a qual teria maior relação com aspectos da sociabilidade. Desta forma, os autores indicam que os usos do *Facebook* por pessoas mais jovens diferem dos mais velhos e que esses jovens, principalmente, podem estar utilizando os sites de redes sociais de maneira a construir uma representação diferente daquela existente off-line, inclusive, com tendências ao exagero ou à invenção completa de informações para construção de uma imagem socialmente engajada no *Facebook*.

Tendo visto os conceitos desenvolvidos até aqui, seja no que diz respeito ao contexto social dos jovens, ou no âmbito da sociabilidade nos sites de redes sociais, parte-se agora para o desenvolvimento metodológico deste estudo, que abriga uma série de questões pertinentes para a construção do trabalho de pesquisa como um todo. Na sequência, estão detalhados os movimentos exploratórios e de pesquisa da pesquisa, a fundamentação do método proposto para a colheita de dados, bem como a descrição da coleta sistemática em si, tendo em vista suas potencialidades e limitações.

4 PERCURSO METODOLÓGICO: DA EXPLORAÇÃO À PESQUISA SISTEMÁTICA

Este presente estudo busca investigar as conversações de um grupo de alunos da Escola Elizabeth Blaas Romano via *Facebook*. Mas, para chegar a esta delimitação de pesquisa e a seus resultados, um trabalho de construção teórico-metodológico foi sendo desenvolvido ao longo de 2013 mediante uma pesquisa da pesquisa e um trabalho de cunho exploratório. Também, para elaboração do texto de qualificação, foi construído um blog³⁸ de pesquisa, o qual ajudou na organização das ideias e dos dados levantados. A definição do foco de pesquisa partiu, então, do desenvolvimento da exploratória e foi redirecionada mediante as considerações da banca de qualificação. Todos estes aspectos estão descritos no capítulo a seguir, mas antes, é importante se ter em mente a configuração metodológica que baliza esta pesquisa.

4.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS: ESTUDO DE CASO

Para o desenvolvimento deste estudo optou-se por trabalhar-se com um estudo de caso – “(...) uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de realidade, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente evidenciados”³⁹ (YIN, 1994, p. 13). Ou seja, a escolha pelo estudo de caso se dá quando o pesquisador pretende levar em conta as condições de contexto, de maneira que estas sejam pertinentes para o fenômeno estudado. Portanto, ao se abordar o uso de internet – e mais precisamente de sites de redes sociais – por jovens rurais, é importante se considerar o contexto sócio-econômico-geográfico, uma vez que estes tendem a incidir em inúmeros aspectos deste uso.

Conforme Becker (1997, p. 117), o estudo de caso vem tradicionalmente da área média e psicológica e consiste numa “análise detalhada de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma doença dada; o método supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de um único caso”. No caso das ciências sociais, o estudo de caso se aplica a uma organização ou comunidade, embora casos individuais também possam ser explorados. Como objetivos do estudo de caso

³⁸ Disponível em: <<http://disserchico.tumblr.com/>>

³⁹ Tradução do autor para: (...) an empirical inquiry that investigates a contemporary phenomenon within its real-life context, especially when the boundaries between phenomenon and context are not clearly evident.

o autor aponta dois: a compreensão abrangente do grupo/fenômeno estudado; ou o desenvolvimento de declarações teóricas mais gerais sobre os processos e estruturas sociais estudadas (BECKER, 1997, p.118).

Além disso, este tipo de estudo contribui para compreensão de situações distintas, onde podem existir variáveis que não podem ser observadas apenas mediante dados quantitativos. Seus resultados dependem do cruzamento de várias fontes de evidência, além de se beneficiar do desenvolvimento teórico prévio para guiar a coleta e análise de dados (YIN, 1994, p. 13). Com isto pontuado, o autor afirma ainda que um estudo de caso não é uma forma de coleta de dados ou um desenho de pesquisa, mas uma estratégia de pesquisa que engloba diversos métodos, considerando-se as especificidades do fenômeno.

Vale ressaltar neste ponto as dificuldades da pesquisa aqui proposta, principalmente no que se refere à fundamentação teórica para posterior problematização dos conceitos pertinentes a este estudo. Claro, todo trabalho de pesquisa apresenta seus altos e baixos, tendo em vista a realidade da pesquisa e dos pesquisadores. No entanto, deve ser ressaltado que este trabalho pode ter tido perdas em termos de construção teórica tendo em vista o acesso à literatura, dificultado pelo fechamento da biblioteca da Universidade de onde parte este estudo, por um período de três meses, em função de reorganização do acervo. Além disso, as bibliotecas locais da cidade onde o pesquisador reside e onde a pesquisa foi proposta não dispunham alguns dos materiais que poderiam ter sido relevantes na construção deste trabalho.

Para Gil (1999, p. 73) o estudo de caso pode ser utilizado tanto para pesquisas exploratórias, como pesquisas descritivas ou explicativas. Todavia, de acordo com o autor, existem alguns preconceitos contra este método. O primeiro seria a falta de rigor metodológico, já que em sua execução, diferentemente de experimentos, por exemplo, não haveria essa rigidez. A crítica tem em vista percepções equivocadas do fenômeno por parte dos pesquisadores. Mas Gil aponta que isto pode ocorrer em diversas modalidades de pesquisa, estando mais relacionado ao compromisso com a coleta e análise de dados.

Outro ponto é a dificuldade de generalização, já que um único caso forneceria bases frágeis para isto. No entanto, um estudo de caso não tem o objetivo de expandir seus resultados a uma população inteira, mas busca expandir proposições teóricas. Além disso, critica-se também o tempo destinado à pesquisa, principalmente levando-se em consideração o cruzamento tempo versus consistência dos dados. Mas, conforme o autor, a experiência neste tipo de pesquisa tem demonstrado que é possível se realizar estudos de caso em

períodos mais curtos e com resultados passíveis de confirmação por outros estudos (GIL, 1999, p. 74).

4.1.1 Problema a ser investigado

Conforme constantemente reforçado ao longo deste trabalho, a presente pesquisa busca estudar as conversações entre os jovens rurais de Pelotas no *Facebook*, tendo como problema principal verificar se o acesso a este site de rede social modificou a sociabilidade destes jovens, principalmente entre eles mesmos. Mas, para esta compreensão, também se considera necessária a compreensão de aspectos do contexto destes jovens, justamente porque tais características podem incidir sobre os usos sociais da internet. A intenção é coletar elementos que identifiquem aspectos pessoais dos indivíduos integrantes do grupo estudado e também aspectos referentes ao uso e acesso de internet e tecnologia. Além, é claro, de sondar como e porquê estes jovens interagem e sobre o que conversariam no *Facebook*.

Para isso, Gil (1999,p. 43) aponta três diferentes níveis de pesquisa: a exploração, a descrição e a explicação. A primeira tem como finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”, movimento que de fato foi realizado para estruturar este estudo.

A pesquisa descritiva, por sua vez, tem como característica a descrição de determinada população ou fenômeno ou a relação entre variáveis, de maneira a levantar opiniões, atitudes e crenças de um determinado grupo (GIL, 1999,p. 43). Além disso, é bastante utilizada por pesquisadores preocupados com a atuação prática. Finalmente as pesquisas explicativas tendem a identificar fatores responsáveis pela ocorrência de determinados fenômenos, por isso são consideradas mais complexas.

A visualização destes níveis é importante, tendo em mente os objetivos deste trabalho, porque demonstra possibilidades a serem pensadas para estruturação do método e desenvolvimento das análises do material coletado. Além do mais, foram pontuadas neste momento porque o caráter da pesquisa aqui proposta permite que o estudo se baseie nestes diferentes níveis. Portanto, a intenção é que os dados apresentados ao final do trabalho – juntamente à teoria discutida anteriormente –, bem como sua discussão, levem em conta aspectos descritivos da realidade estudada, mas também, tentem dar conta de explicarem porque determinadas situações ocorrem.

4.1.2 Seleção da amostra

A escolha da amostra desta pesquisa – a qual opta-se por não se chamar de amostra, mas de apenas grupo, tendo em vista que este estudo não pretende dar conta de representar uma macrorrealidade, mas apenas busca fornecer elementos para compreensão de um fenômeno específico – se deu de maneira não probabilística e, mais especificamente, por acessibilidade/conveniência. Conforme Gil (1999, p. 104) este tipo de amostragem é escolhido pelo pesquisador mediante a facilidade de acesso, considerando que o grupo possa, de alguma forma, representar o universo estudado – no caso, os jovens rurais de Pelotas. Para o autor, este tipo é mais aplicado em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido alto nível de precisão. Mas, embora Gil indique que este tipo de amostragem constitua um tipo menos rigoroso, a escolha do grupo específico de estudo deste trabalho se deu mediante diversas considerações pertinentes, conforme será observado na trajetória da pesquisa nos subcapítulos a seguir.

4.1.3 Técnicas e instrumentos de pesquisa

De acordo com Yin (1994, p. 79), por sua vez, um estudo de caso pode se apoiar em diferentes fontes de evidência na construção de seu material de pesquisa. Deste modo, aponta seis principais fontes para realização da coleta de dados: documentação, documentos de arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos; embora existam diversas outras. No entanto, o autor afirma que nenhuma destas fontes apresenta uma vantagem sobre a outra, sendo, como já afirmado, métodos complementares de compreensão de determinado fenômeno.

No caso específico desta pesquisa foram utilizadas, principalmente, fontes como a documentação, as entrevistas e a observação direta, com algum resgate de documentos de arquivos. O caráter documental da pesquisa parte do resgate de estudos anteriores com foco na zona rural de Pelotas, conforme já descrito no capítulo dois. O objetivo com essa revisão foi caracterizar o jovem estudado, não apenas quantitativamente, mas em relação a suas características, principalmente no âmbito do lazer – momento diretamente ligado à sociabilidade. “Para estudos de caso, o uso mais importante dos documentos é voltado à corroborar e argumentar evidências de outras fontes” (GIL, 1994, p. 81).

Da mesma forma, o uso de documentos de arquivos ocorreu pra ajudar na

caracterização do grupo estudado, mediante dados do Censo brasileiro, dados do governo do Estado referentes às escolas locais etc. Este material teve grande valia, principalmente, na definição do local e do grupo estudado. Além disso, diferentes tipos de materiais cartográficos, como mapas, serviram para localizar a região e o local onde o estudo foi realizado. De caráter mais interno, o pesquisador também teve acesso aos dados de controle da escola, como a lista de estudantes matriculados, de maneira a orientar a realização das entrevistas. Finalmente, o resgate de uma matéria jornalística sobre a construção da escola ajudou a levantar dados sobre a contextualização histórica da mesma.

A observação direta do fenômeno, por sua vez, ocorreu de maneira menos sistematizada, tendo sido realizada, majoritariamente, previamente à estruturação da pesquisa. Tal observação se deu, principalmente, nas visitas informais à casa de produtores rurais da região de Pelotas ao longo dos anos de 2012 e 2013, onde foi verificado um alto uso de internet e *Facebook*, principalmente pela juventude rural e, curiosamente à época, mediante o celular. No entanto, a visitação a algumas escolas da zona rural, já em fase de delimitação da pesquisa, e o contato com jovens e profissionais da área da educação, também serviu como insumo, ao menos, para delimitação dos objetivos deste trabalho.

Para Yin, mediante observação direta, “(...) alguns comportamentos relevantes e as condições ambientais estarão disponíveis para avaliação. Tais observações servem também como outra fonte de evidência no estudo de caso” (YIN, 1994, p. 86). Para Gil(1999, p. 111), trata-se de uma observação simples que, embora considerada como espontânea, informal e não planejada, coloca-se num plano científico porque “é seguida de um processo de análise e interpretação, o que lhe confere a sistematização e o controle requeridos dos procedimentos científicos”.

Finalmente, e como principal fonte de coleta de dados deste trabalho, tem-se as entrevistas – uma das mais importantes fontes no estudo de caso. Conforme Yin, as entrevistas podem ser estruturadas de diferentes maneiras, mas o tipo mais comum no estudo de caso é a de *natureza aberta*, onde são realizados questionamentos a alguns entrevistados-chave sobre determinado assunto, ou são questionadas as opiniões destes entrevistados sobre este mesmo acontecimento. Da mesma forma, pode-se perguntar os próprios *insights* deste grupo sobre determinado fenômeno. O interessante, segundo Yin, é que os indivíduos se tornem mais informantes do que entrevistados. Foi o que ocorreu durante a realização da pesquisa exploratória deste trabalho, que, conforme será observado adiante, foi desenvolvida em cima de um roteiro flexível de perguntas voltado à jovens rurais selecionados mediante

dados oficiais, aspectos geográficos e disponibilidade da escola.

Outra forma de entrevista apontada pelo autor envolve a utilização de perguntas mais estruturadas, como um estudo formal, de maneira a contribuir com um estudo de caso, contato que seja como um insumo extra. Deste modo, o autor sugere que sejam realizados os procedimentos padrão para coleta de dados, como seleção de amostragem. No entanto, os resultados deste tipo de material servem apenas como subsídio para compreensão de um determinado objetivo, e não de maneira totalizante ao grupo estudado.

No caso específico deste trabalho, a coleta de dados nesta etapa da pesquisa se consistiu de um questionário fechado, com perguntas qualitativas e quantitativas. A elaboração das perguntas se deu com base na fundamentação teórica e mediante os movimentos exploratórios de pesquisa. A opção por este tipo de método teve em vista as limitações com o tempo para aplicação da pesquisa e a questão do deslocamento. Visava-se, portanto, realizar as entrevistas por meio da internet, na inserção do pesquisador em um grupo da escola no *Facebook*. No entanto, esta opção se mostrou inviável, tendo em vista a baixa interação desses jovens neste ambiente. Por este motivo optou-se por uma coleta presencial, mesmo considerando-se as limitações previamente conhecidas.

Conforme aponta Gil, um questionário é “uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc” (GIL, 1999, p. 128). Como no caso foram respondidos pelos próprios sujeitos, consistem em formulários auto-aplicados. Dentre as principais vantagens do questionário no contexto deste trabalho, conforme aponta Gil, estão a participação de um grande número de pessoas e a preservação dos entrevistados das opiniões do pesquisador.

A construção do questionário desta pesquisa se deu ainda mediante questões fechadas – com um número limitado de respostas –, mas, também, mediante questões abertas – onde os entrevistados podem responder com suas próprias palavras. O conteúdo, de modo geral, esteve balizado para identificar fatos (pessoas e sobre o acesso à internet e ao *Facebook*), preferencias (de uso do *Facebook*) e comportamentos (também referente ao site).

Outro ponto relevante, tendo em vista que Yin (1994, p. 94) indica o desenvolvimento de um banco de dados referente ao estudo de caso, de maneira a organizar e documentar a coleta de dados, foi a criação de um diário de pesquisa online pelo pesquisador. De fato, a ferramenta se mostrou bastante útil, principalmente nos momentos iniciais da pesquisa, em termos de organização das informações coletadas e de seu posterior resgate, bem como no que

diz respeito à organização e lucidez dos insights do pesquisador. No entanto, embora o diário tenha sido relevante, principalmente na fase exploratória, acabou sendo deixado um pouco de lado ao longo da pesquisa, tendo em vista as restrições de tempo e as demais atividades do pesquisador. Além disso, o diário apresenta caráter totalmente informal, tendo como objetivo o uso estritamente interno.

4.1.4 A pesquisa no campo

O contato com o público, ou com a problemática estudada, se deu em diversos momentos, seja na realização das exploratórias, seja mediante a coleta de dados mais aprofundados, diretamente na escola. Para isso, houve a realização de entrevistas informais, durante a exploratória, que consistem em um tipo pouco estruturado de entrevista, se diferenciando da conversa apenas pelo fato de que tem como objetivo a coleta de dados (GIL, 1999, p. 119). Mas, as entrevistas realizadas, não se limitaram a uma coleta aleatória, pois também tiveram um caráter focalizado, tendo em vista que estavam voltadas sempre ao acesso à internet na zona rural e ao uso de tecnologias pelos jovens. Claro, para deixar informantes mais à vontade – e por isso mesmo mantiveram o caráter de conversa –, as entrevistas permearam diversos assuntos, mas sempre mantiveram o mesmo objetivo em mente.

Durante a exploratória na escola com uma turma de jovens, a coleta se deu mediante uma entrevista por pautas – ou semi-estruturada – pois mantinha um roteiro de temas a serem abordados, mas com certa flexibilidade conforme o andamento da interação com os alunos. A aplicação de um questionário, num segundo contato com esses jovens, já apresentou uma entrevista de caráter estruturado, onde a ordem e a redação dos questionamentos permaneceram inalterados para todos os entrevistados (GIL, 1999, p.121). Este método foi utilizado tendo em vista, principalmente, a rapidez e alguma abordagem estatística dos dados.

4.1.5 Apresentação e análise de dados

Para análise das evidências coletadas, Yin (1994, p. 103-105) sugere duas estratégias gerais, as quais devem acompanhar o pesquisador desde o início: “confiar em proposições teóricas” e “desenvolver uma descrição do caso”. A primeira significa levar em consideração as hipóteses iniciais que balizaram os objetivos e o desenho da pesquisa, uma vez que estas proposições refletiram na construção das perguntas da pesquisa, na revisão de literatura e nos

novos *insights*. Portanto, tais proposições moldaram a coleta de dados e, por isso, podem ajudar na priorização de algumas estratégias analíticas dos dados coletados.

Desenvolver uma descrição do caso, por sua vez, tem mais valia para quando o estudo de caso tem como objetivos a descrição do fenômeno estudado. Ainda assim, mesmo que a descrição não seja um dos objetivos principais, uma abordagem descritiva, segundo Yin, pode ajudar a identificar quais conexões podem ser analisadas – mesmo que essa descrição seja realizada quantitativamente.

Dentre os modelos de análise dominantes apontados por Yin, o que melhor se aplica a este trabalho é a “construção de uma explicação” (YIN, 1994, p. 110), ou seja, de um trabalho explicativo sobre determinado fenômeno. O que significaria estipular uma série de relações causais, na maioria dos casos, de maneira narrativa. Como características do método explicativo tem-se, principalmente, a comparação dos resultados com a proposição inicial sobre o tema – neste caso, a melhoria na sociabilidade dos jovens rurais mediante as conversações via *Facebook* –, também levando em consideração resultado de outros casos. A intenção é que este movimento seja realizado repetidamente.

4.2 PRIMEIRA MUDANÇA DA PESQUISA

Conforme abordado na introdução deste trabalho, a presente pesquisa sofreu algumas mudanças durante seu desenvolvimento. A intenção de estudar a articulação de fãs de cantoras pop na internet foi posta de lado para dar lugar a uma pesquisa sobre os usos de internet por um grupo de jovens moradores da zona rural de Pelotas. Troca significativa tendo em vista que excluiria todos os esforços de pesquisa já realizados conjuntamente às disciplinas cursadas no primeiro semestre de 2013, além de apresentar temáticas não tão familiares à orientadora, como a questão da ruralidade.

Conforme também consta na introdução, a reconfiguração da pesquisa em estágio intermediário do mestrado foi motivada por mudanças de cunho profissional. A escolha pela problemática da comunicação rural através da internet foi o primeiro *insight* tendo em vista os esforços de instituições de pesquisa, como a Embrapa, para fazer o conhecimento científico chegar ao conhecimento daqueles que irão por os resultados em prática: os agricultores. Além disso, a crescente abrangência do canal do *Programa Terra Sul* no *YouTube* e as consequentes interações de agricultores, têm demonstrado o crescente interesse de conteúdos rurais em sites de redes sociais. Embora nem todos aqueles que visualizam o conteúdo publicado estejam

ligados à atividade agropecuária.

A mudança de projeto, portanto, ocorreu ao final do segundo semestre de 2013, tendo sido melhor elaborada apenas no início de 2014. Mas, chegar à problemática do uso de internet pelos jovens não foi uma conclusão óbvia, sendo iniciada com base em diversos fatores. O relato de pesquisadores da Embrapa Clima Temperado sobre o crescente uso de internet na zona rural foi um deles. Soma-se a isto a experiência empírica do pesquisador no contato com os jovens diretamente nas propriedades no desenrolar de suas atividades profissionais e seus relatos de uso do *Facebook*, principalmente pelo celular.

A escolha por um grupo jovem foi feita a partir do pressuposto de maior familiaridade com tecnologia por parte deste público, embora, conforme afirmado por Pereira e Polivanov (2012, p. 79), essa ideia de afinidade natural dos jovens com tecnologia seja questionável, estando relacionada principalmente à funcionalidade. De fato, muitos dos entrevistados não sabiam direito como se portar frente ao computador, embora isto esteja, aparentemente, mais associado à questão do acesso neste caso.

Da mesma forma, a escolha por adolescentes entre 15 e 20 anos foi feita tendo em vista a centralidade deste público nas escolas de ensino médio. Jovens de mais idade, fora de ambientes centralizadores como a escola, precisariam ser identificados e abordados individualmente em diversas localidades, o que atrasaria a coleta de dados. Além disso, conforme os autores que problematizam a juventude, as incertezas com relação à vida profissional e adulta e o caráter de transição são alguns dos elementos que ajudariam a identificar a juventude hoje (embora isto possa ser bastante relativo dependendo dos aspectos culturais de cada região).

Tais características são observadas no grupo específico trabalhado, considerando-se a significativa intenção de êxodo indicada nas exploratórias descritas abaixo, a proximidade com a zona urbana – que, como visto, incide seus valores sobre esses jovens – e, principalmente, que este grupo insere-se na fase final da formação escolar básica, momento de tomada de decisões. Mas, antes de sair a campo para sondar o comportamento destes jovens, foi feito um trabalho de caráter bibliográfico para identificar outras pesquisas relativas a este mesmo tema, de maneira a contribuir com a construção deste trabalho.

4.3 PESQUISA DA PESQUISA

A fim de tomar conhecimento sobre o que estava sendo pesquisado com relação ao

comportamento do jovem rural na internet, de maneira a ajudar na delimitação teórico-metodológica a ser desenvolvida no trabalho, realizou-se uma pesquisa da pesquisa no Banco de Teses da Capes e nos sites do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom e do Encontro Anual da Compós. Esta abordagem é importante, pois “toda pesquisa que se compromete efetivamente com o avanço do conhecimento necessita colocar-se em diálogo com a produção do campo onde se insere no que concerne à problemática investigada, nos vários âmbitos da sua fabricação” (BONIN, 2011, p.31).

Considerando-se que a temática da comunicação mediada por novas tecnologias tem uma evolução muito rápida, então foi definido como critério de seleção trabalhos desenvolvidos dentro dos últimos cinco anos. Esta delimitação, além de filtrar o número de publicações, também restringe pelo viés da relevância no contexto atual. No entanto, esta pesquisa foi realizada num momento em que o objeto e a problemática de pesquisa ainda não estavam totalmente definidos, o que resultou na exclusão de algumas temáticas que não vieram a se tornar tão relevantes com o avanço do trabalho.

4.3.1 Intercom

Dentre os artigos do Intercom, a pesquisa foi feita visando a encontrar trabalhos que abordassem temáticas as quais, de certa maneira, unissem ruralidades na comunicação e/ou estudos etnográficos e/ou comportamento jovem. Para tanto, mostrou-se relevante apenas o Grupo de Pesquisa “Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local“, onde foram coletados quatro artigos, dos quais destaco três: “Ciberextensão” (CALLOU, 2011); “Juventude Rural em Tempo de Redes Sociais” (TAUK SANTOS, 2011); e “A Internet na comunidade rural: Primeiras notas de uma pesquisa” (MAIA e COSTA, 2009).

O trabalho de Callou (2011) mostrou-se relevante naquele momento por problematizar a extensão rural numa perspectiva da cibercultura, o que o autor chama de ciberextensão. Pensou-se que o estudo da navegação dos jovens rurais na internet poderia contribuir para identificar novos formatos para a comunicação com as comunidades rurais e, como consequência, promover o desenvolvimento agrário dessas localidades. Portanto, o conceito de ciberextensão poderia ter contribuído a esta proposta. No entanto, no decorrer da pesquisa, e também por orientação da banca de qualificação, optou-se por deixar de lado os conceitos de extensão rural, já que estas noções não apresentaram tanta relevância para os objetivos finais do trabalho.

Em seu trabalho, Callou faz uma breve retomada da Extensão rural e era tecnológica no contexto dos anos 1990 e explica porque retoma a temática 15 anos depois, considerando a rápida evolução dos meios. É importante levar em conta que o autor considera como sinônimos os termos extensão rural e comunicação rural, argumentando que grande parte das Universidades brasileiras e estrangeiras insere a extensão rural nas matrizes curriculares dos programas de graduação e pós-graduação em comunicação. Segundo ele, extensão rural atualmente é “o esforço das organizações governamentais e não governamentais para promover o desenvolvimento local sustentável dos contextos populares do meio rural, mediante atividades agrícolas e não agrícolas” (CALLOU, 2011, p. 2).

Através deste trabalho o autor nos dispõe de subsídios para pensar a conceituação da extensão rural, oferecendo uma série de indicação de autores para problematizar a questão, como Cabral, Callou, Passos, Spenillo, Souza e Neves. Também menciona o Projeto Rurbano, de José Graziano da Silva, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Um dos trabalhos deste autor, inclusive, foi utilizado para ajudar a pensar as noções de um novo rural.

Callou também menciona diversos autores como Mills (1964), Jameson (1985), Giddens (1991) etc; para pensar o papel das tecnologias de informação e comunicação na sociedade contemporânea. E neste contexto, estabelece uma relação entre extensão/comunicação rural, educação e sociabilidade, pois, para ele, a extensão, nos processos de socialização, assume um caráter de interdependência no campo da educação e da cibercultura.

Outro aspecto relevante da pesquisa do autor para este trabalho é a noção de dromoaptidão, que “diz respeito à capacidade dos indivíduos de acompanhar a velocidade das mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, a partir da aceleração e expansão das novas tecnologias” (CALLOU, 2011, p. 12). O autor se apropria do conceito de Trivinho e busca pensá-lo no contexto jovem, principalmente para o desenvolvimento de comunidades regionais. Enxerga, portanto, na ciberextensão – “a socialização secundária⁴⁰ das populações rurais por meio das novas tecnologias de informação e comunicação, levadas pelas agências de Extensão Rural ou solicitadas pelas próprias comunidades rurais” (CALLOU, 2011, p. 14) – uma via para se pensar a extensão rural.

O trabalho de Tauk Santos, “Juventude Rural em Tempo de Redes Sociais”, como o próprio título sugere, também tem interesse na juventude rural, mas por uma perspectiva dos sites de redes sociais. Com um objetivo em consonância ao trabalho aqui proposto, a pesquisa

⁴⁰ Socialização secundária é um conceito apropriado de Berger e Luckmann o qual diz que as regras de socialização dos indivíduos são interiorizadas com base nas instituições que os rodeiam.

da autora buscou analisar as apropriações dessas ferramentas de redes sociais pelos jovens rurais desfavorecidos e verificar de que forma essa imersão repercutiu em suas realidades. Assim como Callou, Tauk Santos também se insere no contexto pernambucano, representando o Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural do Pernambuco (UFRPE).

A autora utiliza-se de autores como Martín-Barbero (2008) para abordar a juventude e, com isso, afirma que os jovens hoje desempenham um novo papel como atores sociais, principalmente através dos sites de redes sociais, tornando-se, assim, menos reivindicativos e mais propositivos. Ainda ressalta que os jovens em contextos populares mais conectados se tornam formadores de opinião em suas realidades sociais (CALLOU, 2011, p. 4).

Outra contribuição importante da Tauk Santos é de base metodológica. Para verificar como as apropriações das ferramentas de redes sociais ajudariam os jovens a exercer melhor a cidadania em suas comunidades, a autora saiu do ambiente escolar – onde fora realizado o primeiro contato – e se propôs a observá-los no contexto mais amplo de suas comunidades.

A pesquisa utiliza técnicas combinadas de coleta de dados como pesquisa bibliográfica sobre os temas redes sociais, culturas populares e juventude. Além disso, foram elaborados roteiros de entrevista semiestruturadas para aplicação aos jovens das duas comunidades em estudo, compostos de quatro blocos. O primeiro bloco destinava-se à identificação do entrevistado; o segundo era voltado ao cotidiano de trabalho e participação política do entrevistado; o terceiro bloco trazia questões sobre as apropriações das redes sociais, materiais e virtuais, e usos dos meios de comunicação pelo entrevistado; e o quarto bloco voltava-se às aspirações dos jovens pesquisados para o futuro (TAUK SANTOS, 2011, p. 6).

A pesquisa não especifica o período de coleta de dados, mas como resultados significativos no contexto deste trabalho, a autora aponta que o grande sonho de consumo dos jovens é o aparelho celular, seguido do computador pessoal. E ainda afirma que a ferramenta de rede social predominante entre os jovens estudados é o *Orkut*⁴¹, muito utilizado, principalmente, em *lanhouses* situadas em centros urbanos próximos.

Tal trabalho tem relação direta com a pesquisa aqui realizada e, portanto, oferece diversos subsídios para a construção deste trabalho. Mas, ao mesmo tempo, também se difere por realizar um mapeamento das apropriações dos sites de redes sociais por jovens desfavorecidos, enquanto que o trabalho aqui proposto se insere especificamente nos aspectos de sociabilidade mediante sites de rede social dentro do contexto rural – que, embora

⁴¹ Disponível em: <http://www.orkut.com>

apresente suas familiaridades a comunidades carentes, também apresenta características bastante distintas. Além disso, o contexto de inserção da pesquisadora está situado no nordeste, enquanto a atual pesquisa busca compreender um grupo específico de jovens da região Sul do Rio Grande do Sul. Conforme visto anteriormente, os grupos juvenis se diferem entre si em função de diversos aspectos – incluindo habitat e realidade socioeconômica –, portanto, enquadrar o conceito de juventude enquanto homogeneizante é ignorar as peculiaridades de cada grupo social.

Finalmente, dos artigos coletados no Intercom, temos o trabalho de Maia e Costa (2009), que faz um estudo inicial sobre os possíveis impactos dos usos de internet em uma comunidade rural, mais especificamente de um assentamento, no Estado do Rio Grande do Norte. Os autores ainda não apresentam dados completos da pesquisa, mas fazem um levantamento teórico sobre “modernidade e globalização”, onde se verifica o uso de autores como Thompson e Canclini, bem como de dados sobre os usos de internet no meio rural coletados em instituições como o Comitê Gestor da Internet no Brasil⁴² (CGI.br), o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia⁴³ (IBICT) e o Observatório Nacional de Inclusão Digital⁴⁴.

No que tange às “navegações” e as possibilidades de usos da internet, os autores mencionam Canclini para abordar os elementos interativos da internet e, em especial, as transformações na sociabilidade de jovens mediante adoção de novas tecnologias de comunicação. Fazem referência também a Wolton sobre as convergências tecnológicas e a Anderson e Tracey no que diz respeito aos hábitos de usuários britânicos de internet, que não criam processos novos no seu cotidiano em função da internet, mas apenas modificam os antigos. Finalmente, com base nos estudos de Hampton e Wellman num subúrbio canadense, afirmam que os usuários conectados à internet melhoram suas relações, tanto com amigos e parentes distantes, como com vizinhos de quarteirão.

Novamente, um trabalho que ajudou na construção deste, principalmente mediante fontes de dados quantitativos sobre usos de internet no Brasil e com a indicação de uso de alguns autores, como Canclini, para a abordagem de consumo e sociabilidade dos jovens na internet. Além disso, as referências a outros estudos sobre a inserção de internet no cotidiano também contribuiriam de maneira provocar o autor deste trabalho a observar de maneira mais rigorosa as mudanças de comportamento no que diz respeito aos relacionamentos off-line.

⁴² Disponível em: <http://www.cgi.br/>

⁴³ Disponível em: <http://www.ibict.br/>

⁴⁴ Disponível em: <http://www.governoeletronico.gov.br/acoes-e-projetos/onid>

Finalmente, deve-se considerar as distinções entre as pesquisas realizadas, não apenas de caráter geográfico, mas também no ambiente estudado – um assentamento, espaço bastante peculiar – e no tipo de abordagem, no caso de Maia e Costa, mais ampla e voltada à influência da internet no cotidiano de maneira geral.

4.3.2 Compós

Para levantamento dos artigos da Compós foram utilizados critérios semelhantes aos adotados no site do Intercom. Seis trabalhos foram pré-selecionados, mas para as possibilidades teóricas aqui propostas destacam-se dois: “Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção” (TOALDO; JACKS, 2013) e “Consumo de mídias, interações e valores entre jovens rurais mineiros” (SILVA; SOARES, 2012).

Em seu trabalho, Toaldo e Jacks (2013) apresentam definições, especificidades e articulações entre consumo cultural, consumo midiático e estudos de recepção. O texto chamou atenção no âmbito desta pesquisa porque, para se estudar o uso de internet pelos jovens rurais, também é importante se considerar aspectos do consumo.

No desenvolvimento do conceito de consumo cultural, as autoras se utilizam de Garcia Canclini por sua relevância no cenário brasileiro da pesquisa em comunicação, embora tenham também mencionado autores como Featherstone, Barbosa, Rocha e Baccega.

No decorrer do artigo, agregando ao que já fora abordado sobre consumo, fazem um breve resgate das seis teorias que Canclini considera mais significativas sobre o debate em torno do consumo e a partir das quais o conceitua como “o conjunto de processos de apropriação e usos de produtos nos quais o valor simbólico prevalece sobre os valores de uso e de troca, ou onde ao menos estes últimos se configuram subordinados à dimensão simbólica” (CANCLINI, 1993, p. 34).

Segundo as autoras, Canclini defende que o consumo é a dimensão com mais condições de dar conta de aspectos como recepção, apropriação, audiências e usos. Isso porque o consumo não se limitaria apenas a troca de mercadorias. Mas, a “interações socioculturais mais complexas, produzidas em torno de bens e objetos simbólicos que produzem significados, representam diferenciação, compartilhamento, comunicam escolhas, posicionamentos da situação dos indivíduos no mundo, satisfazem desejos” (FEATHERSTONE; BARBOSA; ROCHA; BACCEGA, 2013, p. 5).

O consumo midiático, de acordo com as autoras, pode ser pensado a partir do consumo cultural, já que seria uma vertente deste. Em seu texto, apontam duas possibilidades: os estudos de consumo e mídia, a partir de Silverstone, onde se avalia a influência da mídia no comportamento de consumo; e o consumo midiático propriamente dito, a partir de Morley, onde é estudado o consumo da mídia.

Neste último aspecto é que as autoras inserem os estudos de recepção, considerando a problemática de como a experiência da mídia afeta as percepções que o próprio indivíduo tem de si e do mundo (SILVERSTONE *apud* JACKS, 2013, p. 7). No entanto, as autoras fazem uma diferenciação: o consumo midiático teria uma relação mais ampla com os meios de comunicação; enquanto os estudos de recepção estariam ligados de maneira mais específica ao conteúdo midiático em si.

As contribuições de Silva e Soares para esta pesquisa são mais afins à amostra aqui pensada, entrando no âmbito do consumo de mídias, das formas de interação e da formação de valores, principalmente urbanos, através da aceleração da inserção dos meios de comunicação na realidade dos jovens rurais mineiros. Os autores apontam uma discrepância entre o que circula nos meios massivos em relação às possibilidades de consumo de jovens situados em contextos rurais muito afastados dos centros urbanos. Insumo que também ajuda a problematizar neste trabalho o consumo de mídia dos jovens rurais estudados em relação a seus anseios de futuro, embora, novamente deva ser frisado, a realidade local apresente características próprias e a zona rural pelotense aparente estabelecer um contato bem mais próximo com o urbano do que outras realidades rurais.

Ainda segundo os autores, “a presença e a influência da mídia se aceleram no rural, modificam hábitos e possibilitam novas maneiras de ser e de fazer cotidianas da juventude rural que demandam interpretação através de pesquisa” (SILVA; SOARES, 2012, p. 2). De fato, na decorrer do trabalho, os autores chegam a afirmar que a presença dos meios eletrônicos influencia e modifica algumas normas de conduta e as relações sociais, permitindo ao jovem atualizar, ressignificar, reconverter ou, pelo menos, por em dúvida suas normas e valores (SILVA; SOARES, 2012, p. 2).

Neste contexto, os autores discutem a importância do conceito de valor em função de dois motivos: porque os valores se misturam à cultura, definindo normas de conduta e atividades cotidianas; e porque muitos dos valores e do conhecimento adquirido pelas comunidades rurais sobre o mundo externo a suas realidades ocorrem, predominantemente, de maneira mediada. Os autores observam um caráter educacional na comunicação: de educação

para a vida. Aspecto que instituições como a escola e os agentes sociais nem sempre conseguem oferecer (SILVA; SOARES, 2012, p. 3).

Através de entrevistas semiestruturadas com vinte jovens rurais da zona da mata, em Minas Gerais, os autores buscaram identificar se, entre o consumo de mídia e as interações, havia indivíduos que conseguiam perceber quais de seus valores foram construídos sob influência dessa mídia “metropolitana”. No entanto, nas análises, concluem que não se verifica o reconhecimento desses valores, o que os leva a partir para uma análise das práticas de interação comunicativa desses sujeitos com a mídia.

No que diz respeito à mídiatização, Silva e Soares afirmam que este processo tende a aumentar a interação dos jovens com a tecnologia, o que possibilita uma ampliação dos conhecimentos desses jovens sobre o mundo. No entanto, ao fazer referência à Santaella, os autores afirmam que as tecnologias da informação, ao mesmo tempo em que retiram os jovens rurais do isolamento, tanto da formação de opinião sobre famosos e assuntos em destaque expostos na mídia, quanto de um espaço virtual de interações coletiva; se tornam um espaço vazio de sentidos, uma vez que raramente carregam as linguagens que fazem sentido e circulam nos ambientes rurais (SILVA; SOARES, 2012 p. 6). Portanto, o jovem rural reinterpretaria estes contextos inflacionados de valores urbanos de acordo com seus traços culturais e referências sociais, como vínculo com a terra, meio ambiente e produção agropecuária etc (SILVA; SOARES, 2012, p. 12).

Tal realidade seria possível em função de uma recepção mais difusa, considerando que a presença de diferentes mídias eletrônicas está se tornando mais intensa no meio rural, permitindo uma maior oferta de informações. Especificamente no que diz respeito ao consumo dos produtos televisivos, a gama de informações disponibilizada na internet sobre os produtos midiáticos e os novos processos de circulação por parte dos jovens contribuem ainda para a geração de uma recepção, além de difusa, também mais ativa (SILVA; SOARES, 2012, p 6-7).

Este aspecto, segundo os autores, tenciona as modelos metodológicos que dão conta de compreender as interpretações e os usos na recepção. Em referência a Rocha e Marques, apontam também as possibilidades de investigação dos significados que circulam nos processos comunicativos situados “no meio do processo”, entre produtor e receptor (SILVA; SOARES, 2012, p. 7). Pois, assim como os receptores, os emissores também interagem com outros emissores e receptores a fim de modelar seus valores enquanto produtores de informação.

No que tange o consumo, se utilizam Canclini (2012, p. 9) para afirmar que seria “um conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos culturais de maneira desigual, além do simples exercício de comprar ou do desejo de consumir”. Esse consumo é apropriado como forma de distinção entre os indivíduos. A interação comunicativa, então, seria o *lugar de enlace dos desiguais* [grifos dos autores] entre produção e consumo, entre o conteúdo midiático com ênfase nos valores urbanos e as formas de apropriação e experiências de uso das mensagens pelos jovens rurais.

4.3.3 Banco de Teses da Capes

A pesquisa da pesquisa dentre as publicações indexadas no Banco de Teses da Capes foi selecionada sob o mesmo critério de temporalidade dos demais congressos já abordados, no entanto, mediante maior restrição por palavras-chave. Foram pesquisadas teses e dissertações, sem delimitação de área do conhecimento, através da combinação das palavras-chave “rural” e “internet”. Esta busca resultou na pré-seleção de seis trabalhos, sendo uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); uma dissertação em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA); duas dissertações em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); e uma dissertação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local pela UFRPE.

Este último merece maior destaque por ter sido desenvolvido sob orientação de Tauk Santos, autora anteriormente citada na pesquisa da pesquisa realizada nos textos do Intercom. Outro ponto relevante de ser considerado é a relativa diversidade de programas de pós-graduação pesquisando a temática – sugerindo a multidisciplinaridade do assunto, que perpassa desde às ruralidades à educação – e a escassez de pesquisas recentes sobre o tema nos programas de comunicação. No entanto, a disponibilidade de trabalhos nos anais de congressos de comunicação, de certa maneira, demonstra a familiaridade da temática com a área. Por intermédio do levantamento feito até aqui, também destaca-se a produção deste tipo de pesquisa na região nordeste do país.

Considerando-se apenas os resumos dos trabalhos levantados, o trabalho “Quem está online? Um estudo de caso sobre o uso e apropriação da internet por agricultores familiares de Estrela/RS” (CONCEIÇÃO, 2012) tem relação direta com a pesquisa aqui proposta. Nesta dissertação, a autora aborda as transformações ocorridas no meio rural, ressaltando um

processo chamado “rurbanização”, principalmente considerando o uso de internet na agricultura familiar. Os objetivos da autora foram norteados pela identificação dos usos e apropriações de internet pelos agricultores familiares do município de Estrela, no Rio Grande do Sul. Conceição verificou que tais usos modificaram o cotidiano dos moradores, ampliando o acesso à comunicação e informações relevantes à atividade agropecuária e, conseqüentemente, proporcionando melhorias nas práticas e maior eficiência de produção. Para isso, no âmbito das ruralidades, utilizou-se de autores como Abramovay (2005, 2007), Kageyama (2008), Graziano da Silva (2000) e Wanderley (2000); e no âmbito da “Internet, identidade e multiculturalismo”, fez referência à Bauman (2005), Santos (2003), Chauí (2006) e Castells (2003, 2005).

No âmbito da educação, destaca-se o trabalho “Jovens no campo e novas tecnologias: tessituras de modos de vida” (ALMEIDA, 2012), onde a autora visa a conhecer o modo de vida de jovens de um assentamento rural localizado em Santana do Acaraú, Ceará, e verificar a influência das novas tecnologias em seu cotidiano. A pesquisa foi realizada com base etnográfica através do uso de um diário de campo, da observação, da entrevista e da realização de um grupo de discussão.

Dentre os algumas impressões, a autora destaca o papel do celular, que significa para os jovens “uma nova forma de tecer modos de vida no campo”, seja escutando música, jogando ou conversando via mensagens de texto. O uso de sites de redes sociais também é destacado como forma de ampliar as relações de amizade além das fronteiras territoriais onde vivem. O âmbito da educação entra neste ponto, na ampliação do aprendizado mediante compartilhamento de experiências e viveres novos. Este contato, segundo a autora, sugere uma ruptura ao estilo de vida próprio do campo.

Finalmente, retorna-se à produção pernambucana com destaque ao trabalho “Juventude Rural, Agricultura Familiar e Inclusão Digital: as apropriações do Programa IPA Conectado pelos agricultores familiares do município de São João – PE” (SOUTO, 2012). O objetivo foi analisar as apropriações do projeto – que dispunha de centros de inclusão digital – pelos jovens agricultores familiares do município e verificar como eles utilizam estes conhecimentos em seu cotidiano. A autora justifica a escolha do público jovem porque estes fazem parte da continuidade e sustentabilidade do campo e, conseqüentemente, da agricultura familiar. A base teórica fundamenta-se em autores como Castells e Lévy no que diz respeito à inclusão digital; Wanderley e Abramovay, na agricultura familiar; e Wanderley e Stropasolas na juventude rural. A pesquisa é descrita como um estudo de caso realizado com alunos de

Escola Pública daquele município.

Tais trabalhos coletados no movimento denominado “pesquisa da pesquisa” foram fundamentais para se tomar conhecimento a respeito de estudos familiares realizados nas mais diversas áreas do conhecimento, de maneira também a fornecer pistas sobre as possíveis abordagens teórico-metodológicas utilizadas em contextos similares ao trabalho proposto. No entanto, é importante se reforçar as peculiaridades de cada pesquisa de acordo com seu objeto, seu método, sua abrangência geográfica e seu público estudado.

O trabalho aqui proposto se diferencia por apresentar um estudo de caso junto um grupo de jovens rurais sobre o uso específico do *Facebook* no que tange à conversação e à sociabilidade, embora, para isso, também não possa deixar de considerar aspectos do acesso e uso de internet e das ferramentas de redes sociais. Afinal, conforme indica a pesquisa publicada pela *Pew Research Internet Project*⁴⁵, a tendência identificada entre os jovens norte-americanos é a diversificação do uso desses sites.

Além disso, conforme já abordado, os jovens estudados estão situados no município de Pelotas, onde a realidade rural aparenta ser bastante característica, tendo em vista seu histórico de colonização, suas possibilidades de lazer – o que incide nos aspectos de sociabilidade – e sua proximidade com diversos centros urbanos.

Finalmente, a definição do *Facebook* enquanto objeto demonstra um interesse específico no surgimento de um novo tipo de sociabilidade com relação direta ao site, embora o trabalho também objetive observar mudanças que se mostrem significativas nos modos de vida e no cotidiano dos jovens estudados. Bem como, busca levantar insumos para identificar como esses jovens estão se comunicando entre si e com o mundo através da internet.

4.4 EXPLORATÓRIA

Após a problematização de alguns trabalhos inseridos no contexto desta pesquisa, parte-se agora à descrição detalhada de como foram realizadas as diferentes etapas da pesquisa exploratória. Um movimento que contribuiu, não apenas para melhor compreensão do fenômeno e do grupo estudado, mas que também ofereceu insumos para redirecionamento mais objetivo da pesquisa final.

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.pewinternet.org/2013/08/15/teens-havent-abandoned-facebook-yet/>> e <<http://www.pewinternet.org/2013/05/21/teens-social-media-and-privacy/>>

4.4.1 Parte I: Primeiro contato

Para estudar o comportamento de um determinado grupo de jovens rurais frente à internet, primeiramente pensou-se na realização de entrevistas em profundidade, que, conforme Duarte (2005, p. 1), “é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. A intenção era visitar algumas famílias moradoras da colônia de Pelotas e região e acompanhar a navegação online dos jovens moradores destas residências. Mas, antes, para fazer a seleção das famílias, realizou-se um estudo exploratório, o qual “implica um movimento de aproximação ao fenômeno concreto a ser investigado buscando perceber seus contornos, suas especificidades, suas singularidades” (BONIN, 2011, p.39).

Primeiramente, se estabeleceu um primeiro contato por telefone, com 16 agricultores indicados por um pesquisador da Embrapa Clima Temperado (Pelotas, RS). Nesta aproximação, buscou-se verificar algumas informações pontuais, como tamanho da propriedade, localização, membros da família, presença de jovens adolescentes na residência, principais culturas produzidas na propriedade e conexão à internet. Deste contingente, 4 não possuíam acesso à rede, 5 não atenderam as tentativas de contato e, dos 7 restantes, 3 apresentaram perfis relevantes para este trabalho.

O primeiro produtor colocou internet há pouco mais de um mês em função do filho, 16, que está no segundo ano do ensino médio e usa a rede - quando funciona - para os estudos. A segunda família despertou atenção porque já possui internet há cinco anos. E, também, porque abriga três residentes jovens: filha 1, 20, filha 2, 19, e filha 3, 9. Além disso, a família difere da anterior porque se tratam de meninas, o que pode apontar resultados diferentes.

Finalmente, a terceira família abriga um rapaz de 15 anos, que é o principal usuário do computador. A justificativa para a instalação, como no primeiro caso, também diz respeito aos estudos. Chamou atenção, neste caso, a prestatividade dos membros da família durante as conversas por telefone, coisa não muito comum entre os produtores, que geralmente interagiram de forma desconfiada. Outro fato importante verificado é que, dentre os produtores entrevistados, todos os conectados diretamente em suas propriedades possuíam internet à rádio.

Tabela 1 - primeira exploratória

Agricultor	HA	Moradores	Internet	Tempo	Tipo	Motivo
Agricultor 1	60 ha	produtor e esposa	sim	1 mês	rádio	pessoal da Embrapa avisava reuniões via e-mail
Agricultor 2	12 ha	produtor, esposa, filho (16) e neta (03)	sim	1 mês e meio	rádio	Escola do filho. Fazer deveres
Agricultor 3	-	esposa e três filhos (20, 19 e 9)	sim	5 anos	-	-
Agricultor 4	-	-	não	-	-	-
Agricultor 5	-	produtor, esposa, pai e mãe	sim	1/2 ano	celular	Ajuda na previsão do tempo
Agricultor 6	-	-	-	-	-	-
Agricultor 7	-	-	-	-	-	-
Agricultor 8	-	-	-	-	-	-
Agricultor 9	17 ha	produtor, esposa e dois filhos (10 e 11)	sim	3 anos	rádio	Todo mundo usa pra tudo: estudar, pesquisar, trabalhar...
Agricultor 10	-	-	não	-	-	-
Agricultor 11	-	-	não	-	-	-
Agricultor 12	22 ha	produtor, esposa, sogra e filho (15)	sim	3 anos	rádio	"Botei pro moleque ter mais possibilidade de estudar, fazer trabalhos. Eu uso poquinho, depende do tempo."
Agricultor 13	-	-	-	-	-	-
Agricultor 14	18 ha	produtora, marido e sogra	sim	7 anos	rádio	Em função do trabalho
Agricultor 15	-	-	-	-	-	-
Agricultor 16	-	produtor (28) e esposa	não	-	-	Usa na cidade, na casa de um cunhado. Pesquisa, rede social, coisas de campo, inovação, produtos...

Em vermelho, produtores com os quais não se conseguiu fazer contato.

4.4.2 Parte II: Escolas rurais em pelotas

Outra possibilidade para a exploratória foi a realização de uma conversa diretamente

nas salas de aula com os estudantes, nas escolas rurais. Para isso, fez-se uma varredura das instituições de ensino da zona rural de Pelotas. As do município foram descartadas porque, das 22 existentes, a única que possui ensino médio está localizada em zona urbana.

Considerando que este trabalho tem como foco os jovens adolescentes na faixa etária entre 15 e 20 anos, idade quando, geralmente, se cursa o ensino médio; então se optou por desconsiderar alunos do ensino fundamental. Outro ponto importante para a escolha do ensino médio é sua característica centralizadora: devido a escassez de escolas com esse perfil na zona rural – apenas duas, em Pelotas –, o ensino médio centraliza jovens de diferentes localidades e de distintas realidades.

Dentre as escolas Estaduais, um levantamento da Secretaria de Educação do Governo do Estado em 2012 aponta a existência de 53 instituições em Pelotas. Mas, destas, apenas quatro são consideradas rurais: Escola Estadual de Ensino Fundamental Dirceu Moreira, Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Rondon, Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Eulália e Escola Estadual de Ensino Médio Elizabeth Blaas Romano. Considerando-se, então, apenas o Ensino Médio, restaram apenas duas instituições para a aplicação da pesquisa.

O contato por telefone foi feito com ambas. A Escola Marechal Rondon possui cerca de 80 alunos à noite e seis turmas de quase 30 alunos pela manhã, totalizando cerca de 260 estudantes. Em sua estrutura há um laboratório de informática com oito computadores conectados à internet. Segundo a diretora, a conexão à rede é maior dentre os alunos da manhã. A Escola Elizabeth Blaas Romano e suas características, por sua vez, já foram abordadas no capítulo anterior.

4.4.3 Parte III: Primeira visita

A decisão entre uma das instituições para visita se deu em função da distância da zona urbana, resultando na escolha da Escola Elizabeth Blaas Romano, distante cerca de 40 km da cidade de Pelotas. O primeiro contato presencial com os jovens rurais ocorreu no dia 06 de junho de 2013. Na ocasião foi realizada conversa com uma turma de 25 alunos do segundo ano do ensino médio. A entrevista seguiu um roteiro de questionamentos previamente esquematizados, que foram sendo utilizados sem ordem rígida, mas de acordo ao andamento da interação.

O encontro durou uma hora e meia e foi todo gravado em vídeo. A intenção foi registrar os depoimentos e, também, captar as reações desses jovens. Tal abordagem contou

com a ajuda do pesquisador da Embrapa Clima Temperado e doutor em Comunicação, Antônio Heberlê, que possui familiaridade com esse público e com a metodologia de pesquisa devido aos inúmeros trabalhos similares já realizados, no interior do município de Canguçu, sobre a cultura do fumo na região.

Os contatos por telefone com a escola foram feitos por meio do diretor Eli Pinheiro, mas na data das entrevistas ele não pode estar presente por motivos de saúde. A recepção foi feita pelo vice-diretor, Luiz Sabino. Segundo ele, os alunos ainda não têm costume de utilizar computador em aula, embora uns 5 ou 6 o carreguem algumas vezes para a escola. Como já mencionado anteriormente, a falta de sinal em parte do ambiente escolar pode ser um dos motivos para este baixo uso.

Outro aspecto que chamou atenção na conversa com o vice-diretor foi o fato de a escola possuir um grupo para discussões no *Facebook*. Além disso, desde 2012, todas as turmas do terceiro ano do ensino médio criam um grupo na mesma ferramenta para comunicação entre os participantes.

4.4.3.1 Conversas

A entrevista com os alunos iniciou às 20h30 e se estendeu por cerca de uma hora e meia, até às 22h. Ocupou todo um período de uma disciplina em função da ausência de um professor naquele dia. O vice-diretor introduziu brevemente a presença dos pesquisadores e o professor Antônio Heberlê seguiu para os questionamentos, que depois de um preparo inicial de terreno, tiveram início por volta dos quatro minutos de gravação do vídeo.

O primeiro resultado obtido com a conversa foi que, dos 23 alunos presentes, seis não possuíam computador em casa. A primeira aluna deste contingente (sujeito 1) informou que sabe mexer nesse tipo de tecnologia, inclusive no *Facebook*, porque teve acesso através de outros lugares, como na casa de amigos. Outro aluno (sujeito 2), não costuma utilizar, mas acredita saber como porque fez um curso sobre o assunto. O próximo (sujeito 3) utiliza o computador na casa do colega Lucas (sujeito 4), quando necessário. E a última aluna (sujeito 5), informou utilizar a internet via celular.

A quinta (sujeito 11) e a sexta (sujeito 13) alunas a não possuírem computador em casa apenas se acusaram quando perguntadas diretamente. A primeira era uma menina tímida, monossilábica, que informou não saber utilizar nada de tecnologia, embora tenha concordado com a pergunta de que um computador poderia ajudá-la nas tarefas. Parecia uma estudante carente, em vulnerabilidade social que, inclusive, possuía uma ferida marcante na região da

cabeça. A segunda estudante apenas afirmou que não possui computador, mas, raras vezes, acessa internet através do celular.

Os próximos questionamentos foram voltados àqueles que possuíam computador. E quando indagados se algum deles não usava a internet para navegação em ferramentas de redes sociais, um sujeito não identificado afirmou: difícil. De fato, a primeira estudante a ser questionada individualmente (sujeito 6) disse que utiliza o computador cerca de sete horas ininterruptas para navegar no *Facebook* e realizar trabalhos de aula.

Em meio a essa abordagem, uma estudante (sujeito 7) sugeriu, em tom de brincadeira, que a colega (sujeito 8) passa 24h por dia conectada. A manifestação chama atenção porque, ao longo das conversas, há clareza entre os estudantes de que há determinados sujeitos que utilizam o computador em casa de maneira mais intensa que os demais.

Na sequência, um estudante (sujeito 9) disse que passa umas doze horas conectado por dia, entre celular e computador. Afirma que seu uso se divide entre *Facebook* e trabalhos de aula, mas mais voltado à sites de rede social. Realiza um curso de Jovem Aprendiz em turno inverso à escola, onde fica online durante todo o tempo via celular. “Mas, não fico mexendo direto, fico online só”, disse. No curso, segundo o estudante, alguns trabalhos têm como proposta utilizar esses sites. Ainda assim, o estudante afirmou que o *Facebook* atrapalha bastante seus estudos.

Outra estudante (sujeito 8), apontada pela colega (sujeito 7) como *heavy user*⁴⁶, afirma que utiliza o computador cerca de cinco horas diárias durante a semana e umas dez horas, ou mais, em fins de semana. Mas, somente à noite. Seu uso majoritário é para sites de redes sociais como *Facebook* e *Twitter* e alguma coisa de trabalhos escolares.

A próxima estudante (sujeito 10) tem computador, mas não possui internet em casa. Conecta-se à rede nos fins de semana na casa do namorado, essencialmente para trabalhos ou para entrar no *Facebook*. Seu uso é considerado baixo, em comparação aos demais. Afirma se conectar cerca de duas horas por semana.

Na sequência, uma estudante (sujeito 12) informou que fica no computador umas cinco horas por dia, também para trabalhos e *Facebook*. Mesmo caso do próximo estudante (sujeito 14), que afirma utilizar o computador cerca de duas horas por dia. Mas, ao contrário do depoimento dos demais, disse abrir o *Facebook* deixá-lo aberto para fazer outras tarefas. Também levantou outro aspecto importante: os trabalhos escolares não são realizados “todos os dias”. O que aponta para um uso majoritário do *Facebook*.

⁴⁶ É o usuário viciado, que passa muito tempo em determinada atividade.

Uma estudante mais velha (sujeito 15) possui computador, mas não internet. Seu modem 3G não é utilizado porque raramente funciona. Afirmou utilizar muita internet pelo celular. E, quando precisa pesquisar para trabalhos vai à casa de amigos ou em *lanhouses* na cidade. Também faz pesquisa pela internet do celular e, dependendo do conteúdo, coloca no cartão de memória e depois transfere para o computador. Ainda assim, seu uso é classificado pela estudante como baixo.

Caso semelhante é o da próxima estudante (sujeito 16), que possui um computador sem conexão em função da precariedade do sinal. Geralmente, vai à casa de colegas ou na rádio próxima à escola, onde o marido trabalha, caso precise se conectar à internet. Seu uso também é baixo e ela não possui perfil no *Facebook*.

O próximo estudante (sujeito 17), coincidentemente, foi um dos entrevistados por telefone na etapa inicial da coleta de dados. Possui computador com internet e se diz viciado. Utiliza logo após o almoço e à noite, quando chega da aula. Afirmo não priorizar o *Facebook*, pois se dedica mais a jogos off-line. Estima sua média de uso diário em cinco horas para jogos e em quatro para *Facebook*. Não especifica se concomitantemente. Mas, nos fins de semana, essa média sobe consideravelmente: segundo o estudante, cerca de dezoito horas em frente ao computador.

A estudante seguinte (sujeito 7) aponta uma utilização importante no contexto deste trabalho: a conversação. Utiliza o computador conectado à rede por cerca de seis horas diárias, majoritariamente, para se conectar aos amigos via *Facebook*. Trabalhos, realiza apenas quando existe a demanda.

A próxima estudante (sujeito 18) foi a única que especificou o sistema operacional utilizado no celular: *Windows Phone*. Possui computador, mas está sem internet no momento. Afirmo navegar umas quatro horas por dia no *Facebook* via celular. No entanto, não gosta muito de internet no celular porque acha ruim de utilizar. Para realizar trabalhos, vai à casa de amigos.

Também com foco nos jogos, a o estudante seguinte (sujeito 19), afirmou com orgulho a posse de um notebook e acesso à rede. Mas, acessa apenas quando tem tempo. Deu a entender que trabalha na lavoura com os pais. Também reclama da qualidade da conexão, que é lenta. “Para fotos nem tanto, mas para jogos é bem demorado”, disse.

O próximo estudante entrevistado (sujeito 20), afirmou se conectar em casa pela manhã, depois do almoço e à noite, totalizando umas cinco horas diárias em frente ao computador. Mas, como no caso anterior, apenas quando não há muitas tarefas na

propriedade. Por isso, há dias em que só se conecta à noite. Ou, deixa conectado durante o dia, mas não fica em frente à tela. Foi um dos poucos casos em que ficou claro o conflito do uso de internet com o trabalho na lavoura. Seu principal uso é para bate-papo. Mas, por brincadeira de um colega, também surgiu o uso de sites pornô, como o *RedTube*⁴⁷.

Com um uso estimado de doze horas diárias, o próximo aluno (sujeito 21) foi um dos que apresentou maior tempo de uso durante a semana. Considera que fica umas cinco horas jogando, mas sempre conectado ao *Facebook*. E apontou o download de músicas também, mas não especificou preferências.

Outro caso interessante é do aluno (sujeito 22) que adquiriu computador há apenas um mês. Nunca havia mexido na internet antes e afirmou saber pouco sobre os usos das tecnologias. No entanto, já possui perfil no *Facebook* e está aprendendo a mexer na ferramenta.

O próximo estudante (sujeito 4) informou uma média de quatro horas diárias de uso. Neste momento os colegas caíram na risada, indicando um uso muito maior. “Fim de semana nem dorme”, entregou outro colega. Seu horário principal de acesso é do meio dia às 14h e à noite, quando chega da escola. Nos fins de semana “fica direto”, principalmente em jogos e sites de redes sociais.

Finalmente, o último aluno indagado individualmente possui computador, mas sem internet. Situação recorrente entre o grupo. A falta de acesso em casa, segundo o estudante, é em função da baixa qualidade do sinal. Portanto, conecta-se via celular ou através de *lanhouses* próximas. Contrariando a sujeito 15, afirma que há uma *lanhouse* numa localidade da região chamada “Santa Helena”. Seu uso estimado é de seis horas por semana, entre sites de redes sociais e jogos.

Quando perguntados sobre a posse de *tablets*, o sujeito 14 foi o único que se manifestou. Durante a conversa pareceu um dos alunos com a melhor realidade socioeconômica. Afirmou utilizar o aparelho majoritariamente para jogos, escutar músicas, assistir filmes e navegar em redes sociais. Afirmou também não utilizar o *Twitter*. E sobre suas preferências musicais ou cinematográficas, disse gostar de tudo, menos rock.

Com relação ao local das residências onde está localizado o computador, a grande maioria respondeu “quarto”. E alguns fizeram piada que com notebook podem carregar o computador para o banheiro. Apenas duas pessoas responderam possuir o aparelho na sala.

Sobre há quanto tempo possuem acesso, o sujeito 14 afirmou já estar conectado há

⁴⁷ Disponível em: <http://www.redtube.com/>

mais de dez anos. Os sujeitos 9, 21 e 4 afirmaram ter acesso há cerca de cinco anos. A partir deste momento, as respostas já não foram tão claras pela dubiedade da pergunta: os alunos não compreenderam se era sobre o tempo de acesso à internet ou de posse de um computador. Mas, a média estimada de acesso à rede, mesmo sem possuir computador em casa, ficou em cerca de três anos.

Os alunos também afirmaram que praticamente todo o serviço de internet disponível na colônia é por sinal de rádio. E as principais operadoras de celular seriam Tim e Oi, nesta ordem. Claro e Vivo, segundo eles, não têm sinal na maioria das localidades.

Os motivos que levaram os estudantes (ou pais) a colocar internet nas propriedades não ficou muito claro. O sujeito 21 informou que pediu para os pais o acesso em função dos trabalhos da escola. Todos riram e a sujeito 1 completou: todo mundo.

A pergunta sobre quem mais nas residências utilizava o computador não obteve muitas respostas. Um sujeito não identificado disse que sua irmã utilizava. E outros dois (dentre eles o sujeito 9) informaram que os pais também se conectam. Principalmente as mães, que, inclusive, teriam perfis no *Facebook*.

A média estimada de idade do grupo ficou entre 16 e 17 anos. Apenas um (sujeito 20) possui 15 anos e outro (sujeito 14), 18. A partir desta faixa etária não se perguntou porque alguns alunos mais velhos apresentaram certo desconforto em revelar suas idades.

A maior parte afirmou utilizar internet em casa. Alguns também aproveitam o sinal sem fio da escola. Mas, informaram que o roteador seria ruim e inviabilizaria o acesso em todas as salas de aula, conforme descrito anteriormente.

Alguns também mencionaram o consumo de música e filmes pela internet. Mas, esse uso não pareceu muito difundido em função, provavelmente, da precariedade da velocidade das conexões. Apenas uma menina (sujeito 18) disse utilizar a internet para se informar a respeito de um ídolo: *30 Seconds To Mars*. Inclusive, possui foto da banda na capa de seu perfil no *Facebook*. No entanto, apenas pesquisa sobre a vida do líder do grupo e não conversa com outros fãs através da internet.

Para o sujeito 9, a internet “abriu mais a comunicação entre nós mesmos.” Os principais assuntos de discussão apontados por ele são trabalhos de aula e festas. Chamou atenção no depoimento do estudante o fato de a conexão ter aproximado os colegas. Porque, por mais que existam vizinhos na localidade, cada residência fica, em média, cerca de 3 km de distância uma da outra, segundo o estudante. A sujeito 7 mencionou que gosta de utilizar o bate-papo do *Facebook* para fazer fofoca. E a 18 disse que usa para fuçar nos perfis dos

demais colegas.

O ambiente rural foi definido por eles de diversas formas. Para o sujeito 17 a conceituação foi “difícil”, em função do trabalho pesado. A sujeito 1 define como “tranquila”. E o sujeito 14 complementa dizendo que é mais segura do que com relação à cidade.

Para a sujeito 15, os moradores da zona urbana têm uma visão errada e ruim do rural. Que quem mora para fora é colono, ignorante e sem acesso a nada. Mas, para ela, ocorre o contrário: acredita que hoje a grande maioria da população rural tenha acesso as mesmas coisas. E afirmou se deslocar à cidade entre duas e três vezes por semana. Inclusive, não acredita que o ambiente que vivem é completamente rural, como antigamente, em função da facilidade de acesso.

Grande parte dos alunos, em uma pergunta específica, afirmou trabalhar na lavoura, mesmo que seja só para ajudar os pais na época de safra. A maioria dos presentes produz pêssego e sete apontaram o cultivo do fumo. Além disso, foram mencionadas também culturas como o tomate, a uva, o milho e a pecuária de corte.

Aproximando-se ao final do período, os alunos começaram a se dispersar e a falar ao mesmo tempo, o que comprometeu o andamento da conversa. Mas, ainda foi possível identificar que poucos acessam notícias via internet. Apenas os sujeitos do sexo masculino se manifestaram no que diz respeito a futebol e mencionaram o site Cartola. O sujeito 9 informou que em dia de jogo costuma escutar rádio pela internet.

Numa sondagem rápida sobre os usos de outras mídias, comentaram da televisão, que costuma ficar ligada nas residências, mas sem estar necessariamente sentado em frente. É concomitante a outras atividades. Os sujeitos do sexo feminino foram os que mais se manifestaram, principalmente sobre novelas. E no que diz respeito ao rádio, apenas o sujeito 2 disse escutar de maneira considerável enquanto trabalha com o fumo. A rádio preferência é a da localidade por ser uma das únicas que pega. Uma menina não identificada mencionou que gostaria que o “Show das Poderosas” tocasse na rádio.

Finalmente, para encerrar os questionamentos, verificou-se quantos dos estudantes pretendiam continuar no campo e apenas sete foram afirmativos. A sujeito 15 pretende estudar algo relacionado à atividade agrícola e depois retornar ao campo. E três estudantes – incluindo um sujeito do sexo feminino – disseram ter intenção de seguir carreira militar.

Pelo uso de internet verificado entre este público, pensou-se na possibilidade de se aplicar pesquisas via *Facebook*. Além dos grupos da escola na ferramenta, os perfis dos estudantes e o bate-papo – bastante utilizado por eles – podem servir de canal mais eficiente,

que além superar o quesito deslocamento, pode, talvez, apontar resultados bastante interessantes sobre as conversações online.

4.4.4 Parte IV: Sondagens

Na terça-feira, 11 de junho de 2013, realizou-se mais uma ida à campo na companhia do professor Antônio Heberlê. Mas, apenas para uma sondagem sem sistematização, onde não foram gravados registros. O objetivo foi visitar algumas escolas da colônia para conversar sobre as diferentes realidades rurais. O alto uso de internet verificado na primeira visita poderia ser em função da facilidade de acesso ao meio urbano. De fato, a zona rural de Pelotas atualmente é relativamente pequena, já que o município sofreu muitas emancipações ao longo dos anos.

A primeira visita foi feita à escola Marechal Rondon, uma das únicas de ensino médio nesta região, apenas com o objetivo de conhecer o ambiente e verificar a disponibilidade para uma conversa posterior com os alunos. Distante 25 km da cidade de Pelotas, a escola pareceu bem mais urbanizada do que a Escola Elizabeth Blaas Romano, onde foi realizada a primeira visita. Ainda assim, o ensino médio se confirmou como um bom ambiente para a sondagem porque, em conversa com os funcionários, foi confirmada a hipótese de que reúne estudantes de diversas áreas e realidades da zona rural.

Logo em seguida, rondando pela localidade, parou-se numa escola de ensino fundamental próxima com o mesmo objetivo anterior: conhecer. A recepção foi feita pelas merendeiras da escola, que conversaram bastante tempo sobre questões relativas ao uso de internet e sobre outras questões ligadas ao rural. Neste contexto, foi verificado o mesmo: presença de internet à rádio em diversas partes da localidade. E que nessa região muitas famílias moram na zona rural, mas não trabalham com a terra.

Uma coincidência percebida durante as conversas foi o fato de que uma das senhoras ser mãe do sujeito 9, entrevistado na Escola Elizabeth Blaas Romano. Portanto, a entrevistada já sabia alguns aspectos sobre a pesquisa em andamento porque o filho havia comentado sobre a visita. Despertou atenção o fato de que sua família mudou-se para a zona rural há alguns anos e que o sujeito 9 cresceu na cidade e inseriu-se no meio rural já criança. Fato que pode ter certa influência em seu comportamento e sua visão de mundo.

Para tentar fugir desse ambiente mais “urbanizado”, na quinta-feira (13) optou-se por se realizar uma visita, pela manhã, a uma escola rural de Canguçu – considerado o município

com maior número de minifúndios do Brasil. O objetivo foi verificar se haveria uma realidade muito diferente da observada na zona rural de Pelotas. A visita ocorreu à escola Carlos Meskó, uma das quatro de ensino médio localizadas na zona rural daquele município.

4.4.5 parte V: Segunda visita

A escolha pela Escola Estadual de Ensino Médio Carlos Meskó foi, de certa forma, arbitrária. A partir de uma relação⁴⁸ de escolas estaduais feita pela Secretaria de Educação do Estado, contatou-se as duas primeiras da lista consideradas rurais. Em conversa com os funcionários, perguntou-se qual instituição do município teria um perfil mais rural, com estudantes que trabalhassem no campo. Em ambos os casos as respostas foram que as escolas possuíam perfis semelhantes. A diferença é que o acesso a uma delas era totalmente via asfalto, enquanto a outra possuía boa parte de seu trajeto em estrada de chão. Optou-se pela visita à escola com acesso mais dificultado.

A escola Carlos Meskó está localizada a 25 km da área central de Canguçu e a 80 km de Pelotas, de acordo com informações da diretora – confirmadas através de mapeamento via *Google Maps*. Apesar de sua proximidade à zona urbana semelhante a da escola Marechal Rondon, em Pelotas, leva-se em consideração as diferentes urbanizações destes municípios.

Em função do curto tempo, a visita à escola foi breve e a conversa com a direção levou mais tempo que o contato com os alunos. Na estrutura da instituição existe um laboratório de informática com dez computadores, mas onde a conexão raramente funcionou. O acesso à rede é controlado e existem apenas dois computadores ligados à internet: um na sala dos professores e outro na biblioteca. E o uso do celular é proibido em sala de aula.

A escola está situada numa região predominantemente produtora de fumo, o que garante uma condição socioeconômica um pouco melhor às famílias. São cinco turmas de ensino médio, somando cerca de 150 estudantes, oriundos de diversas localidades do município. Alguns pegam o ônibus às 5h da manhã para chegar a tempo em aula. A diretora estima que 10% dos estudantes sejam carentes e que 85% dos jovens trabalhem na agricultura.

Ainda segundo a diretora, há alguns alunos que levam notebook para a aula. E, quando é necessário fazer um trabalho no computador, os grupos são divididos em torno

⁴⁸ Disponível em: http://www.educacao.rs.gov.br/dados/cadastro_est_2012.pdf

destes. Também foi informado que a escola possui um blog⁴⁹ (bastante desatualizado) e as turmas, assim como na Escola Elizabeth Blaas Romano, possuem grupos⁵⁰ no *Facebook*.

4.4.5.1 Conversas

Para estabelecer contato com os alunos, a diretora fez uma rápida apresentação. A conversa durou em torno de 15 minutos. A turma também se apresentou mais tímida e menos falante se comparada a da outra escola visitada. E as perguntas foram elaboradas de maneira mais quantitativa em função da escassez de tempo.

Dos 37 alunos presente, cerca de dez indicaram não possuir computador em casa. Mas, apenas seis disseram não ter perfil no *Facebook*. Três alunos ficam, em média, 2h por dia no computador. Enquanto seis afirmaram entre 2h e 3h e sete cerca de 5h. Apenas um informou ficar mais de 7h. Algum colega brincou dizendo “o dia inteiro” e outro falou “nem dorme.”

Apenas um estudante levantou a mão quando perguntados sobre o uso de jogos. De maneira tímida, confirmaram que utilizam a internet, principalmente o *Facebook*, todos os dias para se comunicar com os colegas. E vários indicaram que utilizam a internet via celular. A melhor operadora de, segundo eles, é a Oi.

Grande parte dos que possuem computador, assim como na outra escola, afirmam que o equipamento está localizado no quarto. Em contrapartida à presença de computador nas residências, que é bastante comum, a conexão à internet é mais rara: apenas sete disseram possuir internet em casa. Embora a grande maioria possua perfil em sites de redes sociais.

Mais da metade da turma – 18 alunos – trabalha com agricultura. E, como esperado, a cultura principal apontada é o fumo. Mas, dos 37, apenas três afirmaram que pretendem continuar trabalhando no campo.

Neste caso específico, a conversa foi bem mais rápida, mas o objetivo foi alcançado. Verificar se a realidade de uma região mais afastada de um grande centro seria muito diferente. E a resposta obtida foi não. A penetração dos computadores, e da internet, parece estar avançando aos poucos de acordo com cada realidade local.

⁴⁹ Disponível em: <http://dr-carlosmesko.blogspot.com.br/> Acessado em: 17 jun. 2013.

⁵⁰ Grupo das turmas 101 e 102 disponível em: <http://www.facebook.com/groups/477437732323891/>, das turmas 301 e 302 em: <http://www.facebook.com/groups/283041631826578/> e da turma 201 em: <http://www.facebook.com/groups/612652108749606/>. Acesso em: 17 jun. 2013.

4.5 QUALIFICAÇÃO E RECONFIGURAÇÃO DA PESQUISA

A partir dos dados apresentados, conforme descrito na introdução deste trabalho, foi elaborado o texto de qualificação, apresentado em setembro de 2013. Mediante a apresentação deste estágio da pesquisa e as considerações das professoras componentes da banca, foram reconfigurados alguns aspectos do trabalho, tendo em vista uma maior objetivação e foco do problema a ser investigado. Dos usos de internet pelos jovens, o foco da dissertação passa a estar mais centrado agora em aspectos de sociabilidade via sites de redes sociais.

Uma das observações relevantes obtidas com a exploratória foi a afirmação, por parte dos jovens, que a internet, e mais especificamente o *Facebook*, mudou a forma como os jovens se comunicam entre si. Considerando que, de modo geral, o vizinho mais próximo na zona rural está situado a três quilômetros de distância, em média, e nem todos dispõem de transporte, esses jovens apontam que o *Facebook* permitiu que eles mantivessem contato com os colegas fora do ambiente escolar de maneira mais frequente. Por esse motivo, as considerações da banca sugeriram que o trabalho fosse direcionado nesse sentido, abordando as conversações dos jovens moradores da zona rural de Pelotas por meio do *Facebook*. Aspecto que, de fato, foi considerado junto a orientadora e deu os novos moldes à pesquisa.

Da mesma forma, as professoras sugeriram que a problematização metodológica fosse repensada. Primeiro, para abrir mão de enquadramentos metodológicos muito antecipados. E segundo, porque etnografia e etnometodologia, pensados num estágio inicial, não se enquadrariam na proposta da pesquisa. Conforme Ribeiro (2010, p. 85), a principal forma de coleta de dados para este método é a observação-participante, caracterizada pela presença física e de longa duração do pesquisador no campo. O preceito da técnica é permitir uma observação em profundidade para coleta qualificada de informações sociais que constituem o grupo estudado. O que não seria o caso da coleta proposta, já que não seria possível a imersão contínua do pesquisador a campo.

Outro ponto importante apontado pela banca, por se tratar de uma pesquisa realizada com alguns sujeitos menores de idade, foi a necessidade de avaliação do trabalho pelo Comitê de Ética da Universidade. A submissão, portanto, foi realizada ao final de outubro. Mas, com a solicitação de novos documentos por parte do Comitê e mediante os redirecionamentos da pesquisa, tal avaliação foi comprometida, visto que, em decorrência das férias acadêmicas, a reunião do Comitê mais próxima iria ocorrer após a data máxima de depósito da dissertação na secretaria do PPG.

Portanto, tendo em vista o curto prazo, optou-se por levar a pesquisa adiante sem essa avaliação. Em contato com representantes do Comitê de Ética da Unisinos foi constatado que toda pesquisa envolvendo seres humanos deveria ser submetida a uma avaliação ética, mas antes da aplicação da mesma, de maneira a constatar problemas éticos na futura fase de coleta. No entanto, segundo informado, se o pesquisador prezar pela integridade dos sujeitos entrevistados, evitando que estes se comprometam pessoal e profissionalmente, a pesquisa pode ser desenvolvida sem grandes restrições. Cabe apenas ao pesquisador, portanto, a responsabilidade sobre a exposição destes sujeitos.

Tendo isto em mente, a pesquisa foi realizada e descrita visando ao anonimato total dos sujeitos com relação às informações fornecidas. Além disso, a aplicação de questionário foi realizada posteriormente à leitura e concordância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos sujeitos e contou, ainda, com a assinatura de uma carta de anuência pelos representantes da Embrapa Clima Temperado, devido as informações fornecias, e da Escola onde a pesquisa foi realizada – todos disponível nos anexos deste trabalho.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: CONVERSAÇÃO E SOCIABILIDADE ENTRE OS JOVENS RURAIS POR MEIO DO FACEBOOK

Neste capítulo constam os resultados da aplicação dos questionários entre 54 alunos do ensino médio da Escola Elizabeth Blaas Romano. O trabalho foi realizado nos dias 26 e 27 de fevereiro, nos turnos da tarde e da noite e contou com o apoio do diretor da escola e dos professores, que receberam o pesquisador, cederam dois computadores para uso da pesquisa, disponibilizaram sinal de internet e, ainda, liberaram os alunos durante alguns minutos de sala de aula – quinze minutos, em média – para que pudessem responder às questões.

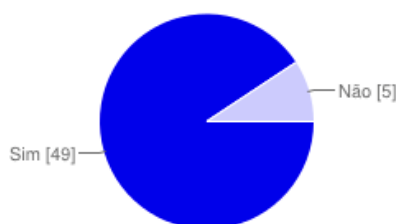
5.1 CARACTERÍSTICAS DO GRUPO ESTUDADO

A aplicação do questionário entre os estudantes teve como objetivo principal verificar os usos do *Facebook* com finalidades sociais dentre os jovens entrevistados, mas antes, buscou-se levantar também alguns dados relativos ao contexto em que este público da zona rural de Pelotas está inserido, tendo em vista aspectos como idade, série, renda familiar, localidade de moradia e envolvimento com a atividade rural. Esta primeira etapa também realizou uma sondagem sobre os momentos de sociabilidade fora do ambiente escolar.

A fim de delimitar o direcionamento da pesquisa, logo no início do questionário uma pergunta dividiu os entrevistados em dois grupos: aqueles que possuíam perfil no *Facebook* – foco principal do trabalho – e aqueles que não utilizavam o site. Dos 54 entrevistados, apenas cinco informaram não possuir perfil. O que se mostrou diferente de não navegar pelo site, tendo em vista que uma estudante perguntou se poderia responder que sim, já que, embora não possuísse perfil, navegava através da conta da irmã.

Gráfico 1 - possui perfil no *Facebook*?

Você possui perfil no Facebook?



FONTE: *Google Drive*

Aqueles que responderam “não” não tiveram acesso ao questionário completo. Portanto, responderam ao questionário completo 49 alunos. Os demais foram encaminhados direto ao final da pesquisa, onde havia uma caixa de texto com espaço para considerações pessoais dos entrevistados. A primeira experiência com os estudantes sem perfil foi relativamente negativa, resultando numa sentimento de frustração, tanto para o entrevistado quanto para o pesquisador. A primeira aluna que respondeu “não” e foi encaminhada diretamente ao fim do questionário demonstrou certo constrangimento perante o pesquisador e os colegas presentes por não estar inserida no mesmo contexto de grande parte dos demais. Em conversas informais com outros alunos da mesma turma, constatou-se certa vulnerabilidade econômica da estudante.

A situação demandou que a aplicação fosse repensada para casos similares. Até porque a visível frustração desta estudante pode ter comprometido a participação, e consequente exposição, de outros alunos que também não possuíam perfil no *Facebook*. De fato, durante a aplicação do questionário, dois estudantes demonstraram pouquíssima familiaridade com computador, internet e com o próprio *Facebook* – inclusive fazendo perguntas que usuários do site saberiam responder – indicando que alguns estudantes podem ter mentido para evitar constrangimento perante os demais colegas. Ao mesmo tempo, no entanto, houve sujeitos que demonstraram pouca familiaridade com o computador porque o acesso à internet seria realizado estritamente através de *tablet* e/ou celular.

De qualquer forma, a partir deste momento a aplicação nesses casos foi repensada e todos os alunos que responderam “não” ao questionamento inicial foram convidados a escrever, na caixa das considerações finais, se já haviam mantido contato com internet e, especificamente, com *Facebook*; como havia sido essa experiência; e quais teriam sido suas impressões. Este grupo específico poderia ser interessante de ser entrevistado para indicar os motivos os quais impedem esses jovens de ter acesso à internet e a sites de redes sociais. Mas, como este não é o objetivo deste trabalho e para evitar modificações no questionário com a aplicação já em andamento, então esta opção não foi considerada.

5.1.1 Eu não possuo perfil no *Facebook*

Deste contingente, especificamente, é interessante se pontuar algumas considerações. As respostas dissertativas, como esperado, foram bastante resumidas e pobres. Mas, pode-se destacar a declaração de um dos sujeitos que afirmou não utilizar o *Facebook* porque “isso

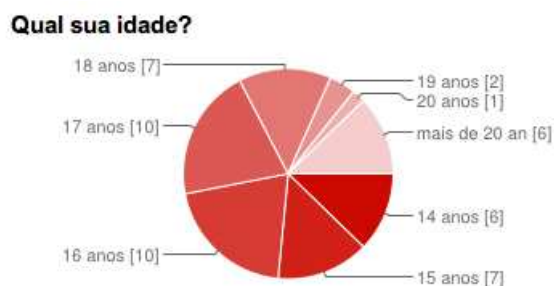
causa muita briga e dor de cabeça”. Afirmou ainda ter terminado muito namoro em função de sites de redes sociais e disse que utiliza a internet muito pouco, apenas pelo celular e, principalmente, para pesquisar assuntos relativos à escola. Aspecto interessante neste depoimento é o fato de o sujeito utilizar expressões abreviadas, típicas da internet, como “mt”, representando a palavra “muito”; “pq”, representando os “porquês”; e “fk” para “ficar”; entre outros. O que indicaria uma certa familiaridade com esse universo.

Outros dois depoimentos, no entanto, demonstraram baixa afinidade com internet e sites de redes sociais. O primeiro dos sujeitos afirma apenas que “o *Facebook* é uma rede social de relacionamento com outras pessoas”. Já o segundo, disse achar importante ter acesso e afirmou que gostaria de utilizar, tanto a internet como o *Facebook*, mas não pode. Não especificou o porquê. Apenas reafirma o interesse em ter mais acesso: “acho muito legal e bom. usei a internet poucas vezes na escola para fazer trabalhos mas gostaria de usar mais vezes.” Além disso, dentre estes teve um estudante que sequer sabia que era necessário clicar dentro do box para escrever, o que indica um uso muito baixo de computadores.

5.1.2 Nível de idade

Com relação a idade, grande parte dos entrevistados está na faixa entre 16 e 17 anos, totalizando 40% do total. Em seguida, tem-se estudantes com 15 e 18 anos, representando, cada idade, 14%. Os estudantes com mais de 20 anos representavam 12% do total, sendo que apenas um deste contingente ultrapassava 29 anos – idade limite definida pela Unesco para caracterizar a juventude. Embora, como visto anteriormente, o conceito de juventude possa ser flexível, dependendo de diversos contextos. A idade média dos 49 entrevistados é de 17,6 anos. Um dado complicado de se obter tendo em vista que, como a pergunta foi “qual a data do seu aniversário” e não “qual a data do seu nascimento”, alguns sinalizaram o ano como 2014. Além disso, o navegador *Google Chrome*, instalado num dos computadores utilizado na aplicação dos questionários, apresentava o formato de data invertido, o que confundiu alguns dos entrevistados.

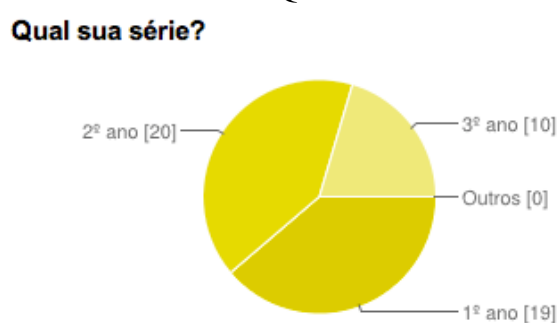
Gráfico 2 - Qual sua idade?

FONTE: *Google Drive*

5.1.3 Nível de escolaridade

Em relação à escolaridade, 41% dos entrevistados frequenta o segundo ano, 39% o primeiro e apenas 20% o terceiro ano. Embora este último representasse, caso todos tivessem sido aprovados e tivessem se matriculado, os estudantes entrevistados durante a realização da exploratória, quando havia 25 alunos, este ano o quórum presente em sala de aula durante a aplicação das pesquisas foi bem menor, o que resultou em menor número de entrevistados desse nível escolar. No terceiro ano havia 15 matrículas na data da coleta. Além disso, enquanto a escola oferece três turmas de primeiro ano e duas de segundo, a oferta do terceirão se reduz a apenas uma turma, disponibilizada no turno da noite.

Gráfico 3 - Qual sua série?

FONTE: *Google Drive*

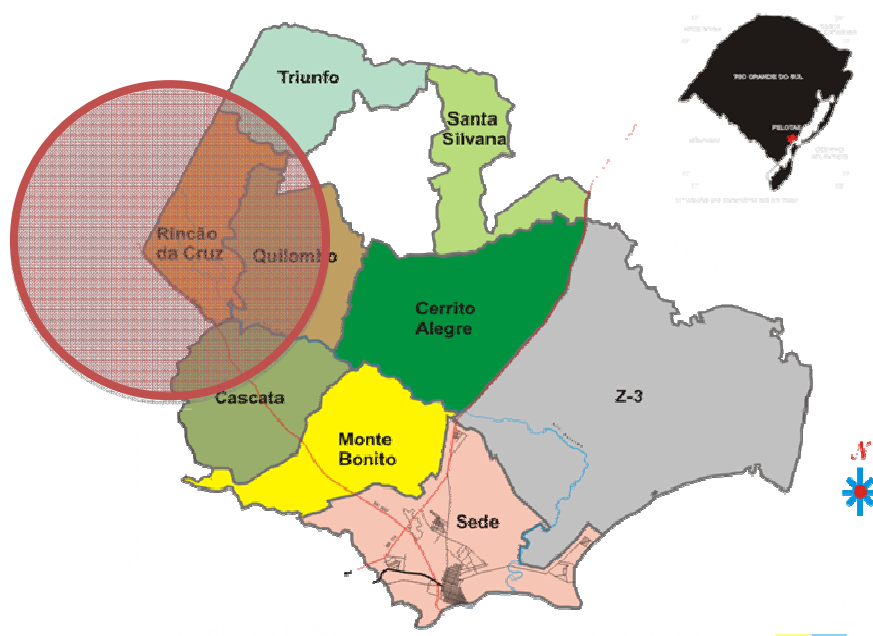
5.1.4 Origem dos estudantes

Os alunos entrevistados são oriundos de apenas dois municípios: Pelotas (84%), onde a escola está situada, e Canguçu (16%). Mas, com relação às localidades, as respostas foram

diversas. Quem vem de Canguçu se divide entre as localidades de Glória e Ares Alegre. A título de contextualização, o município de Canguçu é composto por um único distrito, que se divide em 5 subdistritos. As localidades, por sua vez, são regiões menores dentro destes subdistritos. Outro aspecto importante é que, por maior parte da população de Canguçu morar na zona rural, sua densidade demográfica é de apenas 15,11 hab/km², enquanto que em Pelotas a densidade demográfica é de 196,18 hab/km².⁵¹ Aparentemente um dos motivos, além da proximidade, para que os jovens frequentem a escola no município vizinho.

Referente a Pelotas, os estudantes indicaram como localidades de origem a Colônia Maciel (8º distrito – Rincão da Cruz); a Colônia São Manoel (8º distrito); a Colônia Santa Helena (8º distrito); a Colônia Santa Áurea (7º distrito - Quilombo), a Colônia Zacarias (7º distrito); o Gruppelli (7º distrito); a Colônia Santa Maria (7º Distrito); a Colônia Santa Eulália (5º distrito – Cascata); e o Rincão da Caneleira (5º distrito). Mas, algumas regiões podem não ter sido contempladas nos resultados em função da ausência de alguns estudantes devido à dificuldade de transporte escolar no período de aplicação do questionário.

Figura 5 - residência dos estudantes da escola na zona rural de Pelotas



Fonte: <<http://2.bp.blogspot.com/-e4dmAqDo7ZY/Uq81LKIhXII/AAAAAAAAADg/IO75FSTeAUo/s1600/2.png>> Acesso em: mar. 2014.

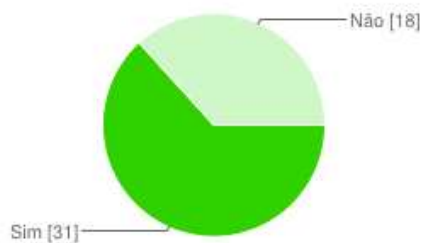
⁵¹Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cangu%C3%A7u>>, <<http://www.cangucu.rs.gov.br/>> e <<http://www.pelotas.rs.gov.br/cidade/dados-gerais.php>>.

5.1.5 Atividade rural e profissional

Dos entrevistados, 63% trabalha na propriedade da família. Dentre as atividades mencionadas estão, principalmente, as lavouras de pêssego, cultura bastante forte na região. O cultivo do fumo também foi recorrente entre as respostas. Além destas, o tomate foi citado em menor escala. Outras culturas fortes na região talvez não tenham sido indicadas porque vários entrevistados, quando perguntados em quais atividades trabalham, mencionaram apenas que trabalham com agricultura ou que ajudam a família na lavoura. Também, algumas respostas indicaram o trabalho doméstico nas residências.

Gráfico 4 - Costuma trabalhar na propriedade da família?

Costuma trabalhar na propriedade da família?



FONTE: *Google Drive*

Quando perguntados sobre as principais culturas/atividades mantidas na propriedade da família, o leque de respostas aumentou consideravelmente. No entanto, vários entrevistados ficaram com dúvida na formulação da pergunta, porque não entendiam o que significava cultura/atividades. A palavra cultivo se mostrou mais adequada, embora não represente atividades relacionadas à criação de animais, como a produção de leite. Mas o problema, aparentemente, foi corrigido pela intervenção do pesquisador ao longo das entrevistas. Outro aspecto importante é que, neste ponto, nove entrevistados afirmaram que a família não trabalha com agricultura, mesmo morando na zona rural, sendo que outros dois entrevistados afirmaram que a família mantém uma horta apenas para consumo próprio.

5.1.6 Renda familiar

No quesito renda na zona rural a obtenção de um dado se complexifica visto que os rendimentos das atividades são sazonais ou anuais, o que dificulta, tanto para o pesquisador

elaborar a pergunta, quanto para o entrevistado no momento de responde-la. Além disso, é preciso fazer o cálculo do valor líquido, excluindo os custos de produção. Por esse motivo, 29% dos entrevistados não soube informar a renda média mensal da família. Dentre aqueles com alguma ideia dos rendimentos familiares, 32% indicou valores entre mil e dois mil reais, 14% entre 500 e mil reais e 10% entre dois e três mil reais. Nos extremos, 4% informou renda abaixo de 500 reais, enquanto, do outro lado, 4% indicou renda superior a 5 mil reais. Tais informações financeiras são importantes pois indicam que grande parte das famílias destes jovens, aparentemente, têm condições para investir na aquisição de aparelhos eletrônicos e na contratação de serviços de internet.

Gráfico 5 - Qual renda estimada mensal de sua família?

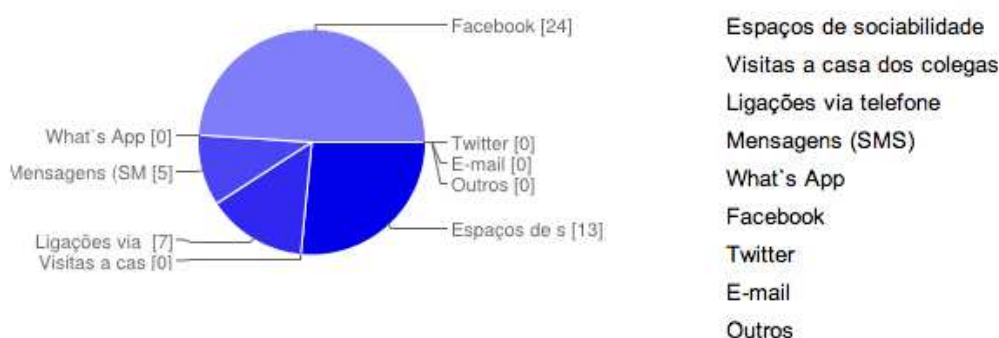


FONTE: *Google Drive*

5.1.7 Locais de sociabilidade

Finalmente, para sondar a respeito da sociabilidade para além do ambiente escolar, perguntou-se qual a principal forma de contato entre os colegas fora da sala de aula. Por se tratar da principal forma, a resposta deveria se limitar a apenas uma das alternativas (incluindo “outros”). No entanto, no decorrer da aplicação dos questionários, diversos sujeitos perguntaram se não seria possível marcar mais de uma alternativa. Um destes justificou que, embora seu principal contato com os colegas seja através do *Facebook*, ele ainda utiliza bastante o telefone ou o contato presencial para se comunicar com aqueles que não têm perfil no site. De fato, a principal forma de contato apontada foi o *Facebook*, com 49%, mas a sociabilidade presencial, através de encontros em praças, festas etc, também foi indicada como principal por 27% dos entrevistados, seguido por contato via telefone, com 14%, e via SMS, com 10%.

Gráfico 6 - Qual a principal forma de contato com os seus colegas?

Além do ambiente escolar, qual a principal forma de contato com os seus colegas?FONTE: *Google Drive***5.2 USO DE COMPUTADORES E CONSUMO DE INTERNET**

Na segunda parte do questionário, os estudantes foram convidados a responder questões referentes ao acesso e uso de internet. Embora os jovens não precisem possuir internet na residência para acessar sites de redes sociais, é importante se ter uma ideia deste contexto para se tentar compreender como essa realidade tem avançado (também) em meio à juventude residente na zona rural – mais especificamente do município de Pelotas. Além disso, a pesquisa buscou verificar onde seriam os ambientes de conexão alheios às residências e quais as materialidades utilizadas para estabelecer essas conexões, bem como buscou levantar as particularidades do uso de internet no contexto destes jovens rurais. Afinal, sem um sinal de internet e sem a mediação de um aparelho não há conexão no *Facebook*.

5.2.1 Posse de computadores e internet

Os primeiros dados levantados foram sobre a existência de um computador na residência, o tempo de posse e o local de instalação. Dos que mantem um perfil no *Facebook*, 92% possui computador em casa, sendo que 31% deste contingente possui o aparelho de um a três anos e 20% de três a cinco anos. Importante se considerar, no entanto, que 24% dos entrevistados adquiriu seu computador há menos de um ano, o que significa dizer que a posse de computador neste grupo cresceu significativamente há pouco tempo. De fato, 55% dos entrevistados adquiriu o aparelho nos últimos três anos, tempo que ainda pode ser considerado recente. Além destes dados, tem-se que o principal local onde fica o computador é no quarto, com 59%. Mas, 22% afirmou utilizar aparelhos móveis, como notebooks.

A presença de internet nas residências não se altera tanto em relação à presença do computador: 86% afirmou ter internet em casa. Sendo que 33% dos entrevistados está conectado entre um a três anos e 21% entre seis meses a um ano, o que também indica uma realidade recente.

Pensando-se no serviço de internet, perguntou-se aos jovens quais empresas seriam responsáveis pela instalação na residência, uma vez que, em conversas informais com diversos moradores da zona rural de Pelotas, sempre houve reclamações sobre as poucas opções de prestadoras deste serviço. Dentre as respostas, três empresas foram apontadas pelos estudantes: Lynitron, de Canguçu (37%); LaserSat⁵², de Pelotas (12%); e VentoSul.Net⁵³, de Canguçu (4%). A primeira já fora descrita neste trabalho no capítulo 2 por ser a mesma utilizada pela Escola Elizabeth Blaas Romano. A LaserSat, segundo o site da companhia, atua em 12 municípios da região, oferecendo serviço de internet de 150 Kbps a 1 Mbps, embora afirme também ter velocidades superiores. Já a VentoSul.Net, por sua vez, disponibiliza internet com velocidades entre 300 Kbps e 4 Mbps, abrangendo os municípios de Canguçu, Santana da Boa Vista, Piratini, Encruzilhada do Sul, Amaral Ferrador, Pelotas e São Lourenço do Sul (os quatro últimos apenas para a zona rural).

Um fato curioso, no entanto, é que, quando perguntados sobre as empresas prestadoras de internet nas residências, alguns estudantes responderam operadoras de celular, como Oi (12%), Tim (8%) e Vivo (4%), indicando o uso de celular e/ou *tablet* e/ou modems 3G como principal forma de acesso à internet. De fato, quando perguntados sobre o tipo de internet utilizada na residência, 12% indicaram modem 3G e 12% indicaram conexão via celular. Mas o tipo prioritário ainda foi o sinal via rádio (37%). Alguns estudantes responderam internet a cabo (14%), no entanto, no momento das entrevistas percebeu-se uma certa confusão, já que a instalação da internet, independente do tipo, exige cabos.

A velocidade baixa é vista pela maioria dos entrevistados como o principal fator limitantes para um bom uso da internet (58%), seguida pela instabilidade da conexão (23%). Em conversas informais com os alguns moradores da zona rural é comum se ouvir reclamações a respeito destes aspectos no que tange o serviço à rádio – tipo mais comum nessas localidades, segundo os moradores, e também a mais utilizada pelos entrevistados.

O principal local de acesso à internet pelo grupo de estudantes entrevistado ainda é a própria residência (88%). Até porque, embora exista sinal sem fio disponível na escola, o modem esteve sempre desligado até o momento em que foi solicitado acesso pelo

⁵²Disponível em: <<http://www.lasersat.com.br/home>>

⁵³Disponível em: <<http://ventosulnet.com.br/joomla2/>>

pesquisador. Além disso, a internet não é aberta e demanda senha para conexão, sendo que esta senha não estava disponível em nenhum lugar para acesso pelos alunos.

Ainda com relação à rede sem fio, quase metade (41%) dos entrevistados informou dispor de wireless em casa, possibilitando a mobilidade na residência. Um fato curioso com relação a esse aspecto foi o de um dos estudantes que, ao longo do questionário, ficou em dúvida sobre como responder sobre a posse de internet e de rede sem fio porque o sinal que ele usava em sua casa era dividido entre mais três residências próximas, provavelmente de parentes. Fato que demonstra que, mesmo com restrições orçamentárias, em alguns casos, é possível se viabilizar o serviço de maneira coletiva.

5.2.2 Uso de celulares e *smartphones*

Com relação aos dispositivos utilizados, 49% informou utilizar *notebooks* como principal aparelho para se conectar à internet. Curiosamente, ao longo das entrevistas foram disponibilizados um computador de mesa e dois *notebooks* e vários alunos preferiam utilizar a segunda opção pela familiaridade com o *touchpad*⁵⁴ em detrimento do *mouse*. O computador de mesa vem na sequência, com 29%, seguido pelo celular, com 22%. Além disso, 63% dos entrevistados disseram que eles mesmos optaram pela compra dos respectivos aparelhos.

Sobre o uso de celulares, 63% indicaram possuir a operadora Oi e 35% a Tim. No entanto, ao longo das respostas alguns estudantes perguntaram se seriam possível marcar mais de uma opção, já que possuíam dois aparelhos ou aparelhos com *chip* de operadoras diferentes. A operadora Vivo não foi mencionada, contrastando com os dados obtidos anteriormente sobre as empresas prestadoras de internet, o que indica sua contratação no que tange à conexão via modem 3G.

O uso de *smartphones*, em contrapartida, não foi muito expressivo. Quando perguntados sobre o sistema operacional utilizado, 43% afirmou não possuir esse tipo de aparelho. Dentre os demais, o sistema predominante foi o *Android*, com 31%. O restante não sabia informar ou indicou a opção outros, sendo mencionada a marca Nokia em algum destes casos (*Symbian* ou *Windows Phone*).

⁵⁴Dispositivo sensível ao toque geralmente utilizado em computadores portáteis em substituição ao mouse.

5.2.3 Tempo médio de conexão

Finalmente, a respeito do tempo de conexão diário, boa parte indicou navegar por menos de uma hora por dia na internet (29%), incluindo o uso do *Facebook*. Alguns entrevistados, no entanto, informaram no momento das entrevistas que essa média se alterava para mais em fins de semana, quando não há atividades escolares. Tal índice é mais baixo do que os dados brasileiros para uso de internet informados pela Pesquisa Brasileira de Mídia (2014, p. 48), que apresenta média de 3h30 de uso diário. Ainda assim, além de os dados aqui apresentados não levarem em conta o fim de semana, quando o tempo de uso é maior, aborda-se aqui a zona rural, onde o acesso ainda é mais precário, em comparação a todo o contingente nacional.

Na sequência sobre o tempo de uso de internet, 27% afirmou se conectar entre 1h e 2h por dia e 16% entre 2h e 3h. O uso extremo de internet, embora menos expressivo, também foi observado neste grupo: 8% indicou ficar conectado mais de 5h por dia. Especificamente sobre o tempo de conexão via celular, o tempo de adesão também se mostrou relativamente baixo neste grupo, sendo que 52% passa menos de 1h conectado via celular, 19% entre 1h e 2h e 13% entre 2h e 3h.

Dentre os entrevistados que indicaram utilizar a internet por mais de cinco horas, um dos sujeitos informou que se conecta todo esse tempo essencialmente para acessar ao *Facebook*. E embora a família trabalhe com agricultura, não costuma ajudar na lavoura, tendo mais tempo para se dedicar às atividades de lazer. Outro sujeito que também indicou um período significativo de conexão informou que seu principal local de acesso é uma *Lan House*, principalmente por meio de um *tablet*. Mesmo porque em sua residência existe apenas sinal de internet via modem 3G, nem sempre compatível com *tablets*. Além disso, também não trabalha na propriedade da família.

Um terceiro sujeito que também excede as cinco horas de acesso diário, por outro lado, informou que seu principal lugar de acesso é a casa de amigos/parentes, sugerindo que nem sempre é preciso internet na residência para permitir uma navegação intensa. Além disso, informou se conectar ao *Facebook* durante todo o dia. Finalmente, o quarto sujeito que informou passar mais de 5h conectado disse navegar em todos os horários disponíveis alternados à escola e, essencialmente, via celular. No entanto, mesmo sendo usuário assíduo, informou que a principal forma de contato com os colegas fora da sala de aula ainda é o telefone. Todos estes casos são de indivíduos do sexo feminino.

5.3 CONVERSÇÕES E EXPERIÊNCIAS DE SOCIABILIDADE

Até o momento foram apresentados dados que ajudam a delimitar alguns aspectos do acesso e do uso de internet pelo grupo de jovens estudados. Nesta última parte dos resultados, entra-se no âmbito do *Facebook*, dos sites de redes sociais e de seus usos voltados à conversação e à sociabilidade. Vale ressaltar que a conversação, da mesma forma que no contato presencial, não se resume a aspectos da fala. Se off-line a conversação é composta por diversos elementos que ajudam a construir o sentido da mensagem, nos sites de redes sociais não ocorre diferente. As interações online não se baseiam apenas no texto escrito – embora este ainda seja o principal artifício deste grupo no *Facebook*, conforme será visto a seguir – mas em diferentes elementos que ajudam a construir as mensagens, como fotos, imagens etc. Além disso, a conversação também não se restringe ao bate-papo, mas a diferentes formas síncronas e assíncronas de diálogo, em exemplo às curtidas, aos compartilhamentos e aos comentários.

5.3.1 Tempo médio de uso e hora de acesso ao *Facebook*

A primeira questão envolveu o tempo de uso do *Facebook*. A maioria, 37% do grupo entrevistado, respondeu que navega no site menos de uma hora por dia. Na sequência tem-se que 31% navega entre uma e duas horas e que 18% entre duas e três horas por dia. Mas, como observado anteriormente, já há casos de jovens rurais que utilizam o *Facebook* mais de cinco horas por dia. Apenas um dos entrevistados que apontou utilizar internet por mais de cinco horas, ao sinalizar o uso do site respondeu entre quatro e cinco horas, deixando um espaço para outras atividades. Nos demais casos, o uso intensivo de internet se equivale ao do *Facebook*, indicando uso exclusivo para o site.

Os períodos do dia dedicados à internet não foram questionados para quantificar o número de entrevistados para cada período, mas sim, indicar quais os períodos mais utilizados por esses jovens na hora de se conectar. Até porque cada entrevistado pôde selecionar mais de uma opção, indicando todos os momentos quando se conecta. O principal horário de uso de internet apontado, portanto, é entre 12h e 15h (25%), período após o almoço e antes das atividades escolares ou profissionais/agrícolas. Das 21h às 24h, geralmente também após uma refeição e, para os alunos que estudam à noite, após o período escolar, entra na sequência (22%). Já o período das 18h às 21h (14%) é realidade para aqueles que estudam à tarde – já

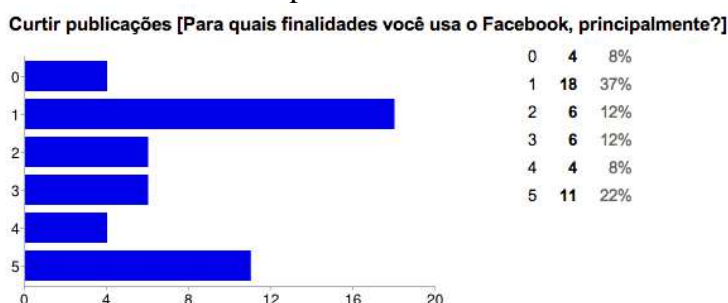
que os estudantes da noite estão em aula – e também representa um momento de intervalo após às atividades realizadas à tarde. Finalmente, vale ressaltar o período das 0h às 3h (12%) que indica o uso por parte de um contingente deste grupo durante a madrugada.

5.3.2 Finalidades de uso do *Facebook*

A sondagem a respeito das finalidades do uso do *Facebook* foi realizada mediante uma escala, de 0 a 5, em que 1 representa o menor uso, 5 o mais intenso e 0 quando determinada ação não é realizada. Considera-se uma escala de uso, portanto, em que 0 = nunca, 1 = muito baixo, 2 = baixo, 3 = médio, 4 = alto e 5 = muito alto. As questões sugeriram como usos compartilhar, curtir, conversar com amigos, fuçar nos perfis alheios, paquerar, jogar *social games*, informar-se, relacionar-se com celebridades e relacionar-se com empresas e marcas; embora também houvesse espaço para que os entrevistados contribuíssem com outras atividades não mencionadas nas perguntas.

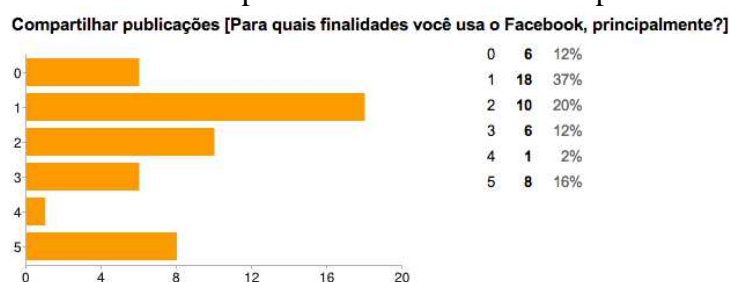
A opção “curtir” foi apontada por grande parte dos entrevistados como uma atividade de pouco uso, com 37% para muito baixo e 12% baixo, embora um contingente significativo (22%) também tenha indicado um uso muito alto com relação à função curtir das publicações de sua *timeline*⁵⁵. No que diz respeito ao uso da função compartilhar, os índices aparentemente se repetiram, onde 37% indica um uso muito baixo e 20% baixo, embora, novamente, parte significativa dos entrevistados tenha mencionado um uso muito alto (16%) desta atividade. Ainda assim, a opção curtir ainda aparece mais utilizada do que a compartilhar.

Gráfico 7 - Finalidades para uso do *Facebook*: curtir

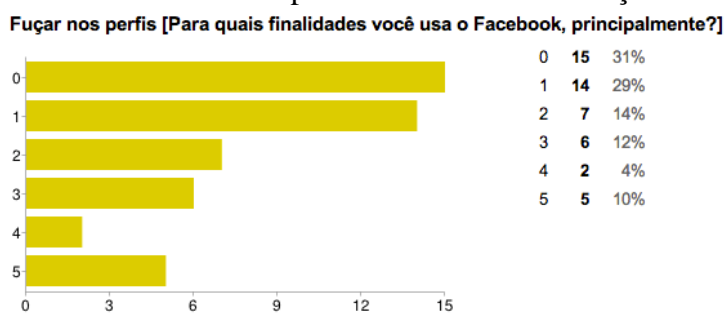


FONTE: *Google Drive*

⁵⁵ Linha do tempo, onde podem ser visualizadas as principais publicações dos amigos com os quais o usuário mais interage (embora outros elementos também contribuam para definir o conteúdo apresentado).

Gráfico 8 - Finalidades para uso do *Facebook*: compartilharFONTE: *Google Drive*

Usar o *Facebook* para bisbilhotar a vida de outros usuários foi pouco representativo entre os jovens entrevistados, já que grande parte indicou que nunca (31%) realiza esta atividade e, se a faz, pratica apenas num nível muito baixo (29%). Soma-se a isto o fato de apenas um dos entrevistados ter afirmado possuir um perfil falso, provavelmente para navegar anonimamente, sem desenvolver sobre os motivos para tal escolha. Neste aspecto da pesquisa podem-se considerar os *lurkers*– aqueles que acompanham as discussões, mas não interagem, conforme já mencionado neste trabalho – ou os *stalkers*⁵⁶, do inglês perseguidores, palavra que remete a um caráter bastante negativo e violento em seu sentido original, mas no contexto da internet faz referencia àquelas pessoas que espionam a vida de outros indivíduos – interagindo ou não – principalmente por meio dos sites de redes sociais.

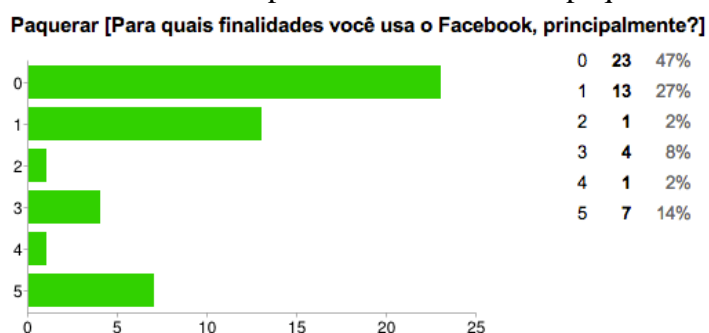
Gráfico 9 - Finalidades para uso do *Facebook*: fuçarFONTE: *Google Drive*

Igualmente, paquerar também é uma prática utilizada com baixa intensidade, já que quase metade (47%) dos entrevistados não utiliza o *Facebook* para insinuações amorosas ou o faz de maneira muito infrequente (27%). Jogar, finalidade indicada por alguns estudantes durante a exploratória, também não foi representativa no *Facebook*, sendo que grande parte

⁵⁶ Para uma noção mais clara do termo no contexto da internet: <http://www1.folha.uol.com.br/folhateen/868428-stalkers-sao-especialistas-em-fucar-a-vida-alheia-na-web.shtml>

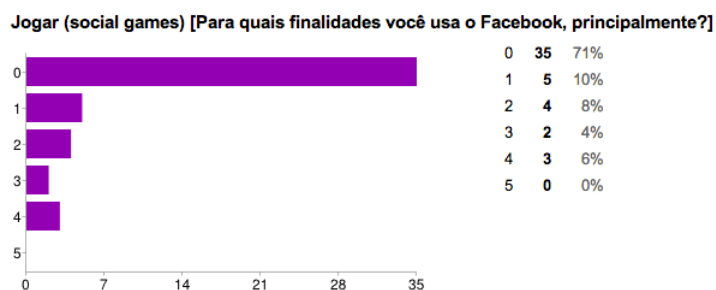
dos entrevistados (71%) afirmou nunca utilizar o site com este objetivo. O relacionamento com celebridades também não se mostrou muito expressivo, já que a maioria do grupo não usa o *Facebook* para interagir com seus ídolos (65%), embora esta realidade já possa ser verificada em menor escala, com alguns estudantes indicando um uso muito baixo do site (22%) para este fim. Da mesma forma, o relacionamento com empresas e/ou marcas também foi tido como fraco, sendo que boa parte dos entrevistados (71%) não realiza esta prática.

Gráfico 10 - Finalidades para uso do *Facebook*: paquerar



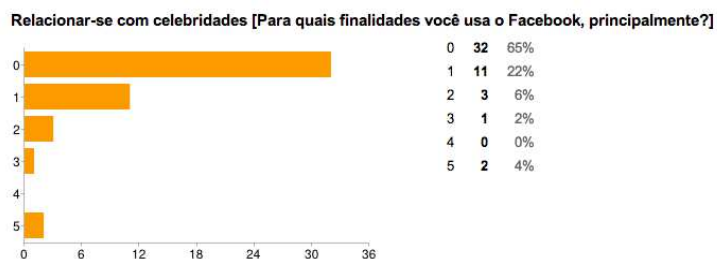
FONTE: *Google Drive*

Gráfico 11 - Finalidades para uso do *Facebook*: jogar

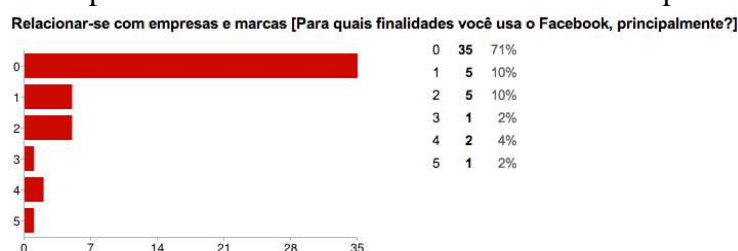


FONTE: *Google Drive*

Gráfico 12 - Finalidades para uso do *Facebook*: relacionar-se com celebridades

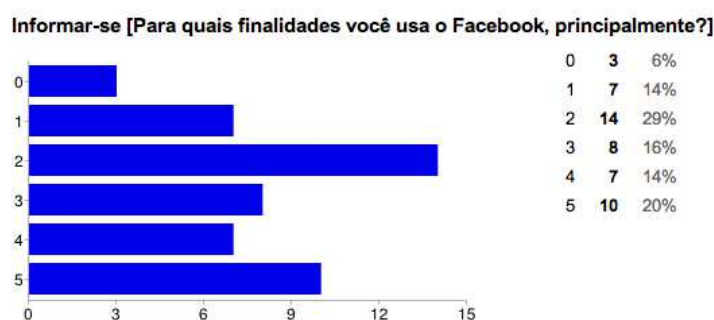


FONTE: *Google Drive*

Gráfico 13 - Finalidades para uso do *Facebook*: relacionar-se com empresas ou marcas

FONTE: *Google Drive*

Chama a atenção, por outro lado, o uso do *Facebook* como ferramenta de informação. Embora o direcionamento da questão esteja meio genérico, de maneira que “informar-se” pode ser sobre qualquer assunto, observa-se um uso moderado do *Facebook* neste sentido, e não apenas no âmbito da sociabilidade. Dos entrevistados, 29% indicou um uso baixo do site enquanto fonte de informação, 20% um uso muito alto e 16% um uso médio. Apesar de os níveis de uso estarem divididos em intensidade, grande parte dos estudantes indicou que utiliza o *Facebook* como fonte de informação em algum nível, sendo que apenas 6% não se informam através do site.

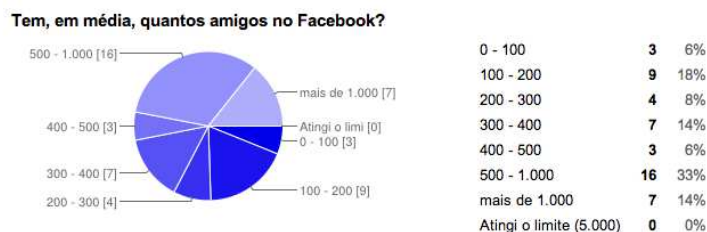
Gráfico 14 - Finalidades para uso do *Facebook*: informar-se

FONTE: *Google Drive*

De modo geral, boa parte dos estudantes apontou ter entre 500 e mil amigos (33%), seguido por 100 a 200 (18%). No entanto, no que diz respeito à existência de interação – sem especificação entre bate-papo, curtidas, compartilhamentos ou comentários em publicações – 35% indicou que esse número se reduz entre 10 a 20 pessoas e 27% entre 0 a 10 pessoas, indicando a existência de laços mais fortes com um número mais restrito de contatos. Afinal, conforme explicado por Boyd (2007, p. 213), a amizade nos sites de redes sociais não necessariamente têm relação com a amizade no senso cotidiano, mas é apenas utilizada enquanto expressão para identificar a rede de contatos dos indivíduos. Tais principais

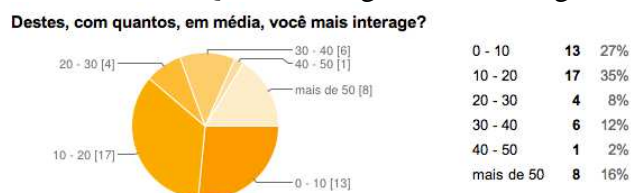
interações, portanto, podem vir a representar as principais amizades mantidas off-line.

Gráfico 15 - Média de número de amigos



FONTE: *Google Drive*

Gráfico 16 - Quantos amigos mais interage?



FONTE: *Google Drive*

Conversar com amigos, no sentido estrito da palavra, foi indicado como um uso muito alto por maior parte dos entrevistados (67%), confirmando as expectativas com a realização deste trabalho e, por sua vez, reforçando também as informações coletadas durante a realização da pesquisa exploratória. Ainda assim, vale lembrar que, conforme exposto anteriormente, a conversação não se limita ao bate-papo ou a formas síncronas de comunicação, mas pode representar também a interação entre dois sujeitos nos comentários de uma publicação, por exemplo. Outro aspecto que chamou atenção durante às entrevistas foi a interação com pessoas desconhecidas que, embora não estivesse contemplada no questionário, foi sinalizada informalmente por alguns dos entrevistados.

5.3.3 Elementos de construção da fala

Os elementos utilizados para constituírem as “falas” dos entrevistados no site também foram sondados, sendo apresentadas algumas opções para seleção múltipla, bem como um espaço para que acrescentassem subsídios não contemplados na pergunta. Também não houve limitação se o questionamento estava direcionado para conversas ou interações em outros

formatos, tendo sido indagada apenas a forma de se comunicar. Predominantemente, o texto apareceu em 63% das respostas, sendo, como esperado, elemento principal de “fala”, principalmente porque o uso do computadores, de modo geral, ainda está fortemente balizado pelo teclado. Na sequência, com 22%, entram as fotografias. Imagens/gifs, voz e vídeo até apresentam algum indício de uso, mas não de maneira muito significativa.

Gráfico 17 - Finalidades para uso de *Facebook*: conversar



FONTE: *Google Drive*

Gráfico 18 - Elementos de comunicação no *Facebook*



FONTE: *Google Drive*

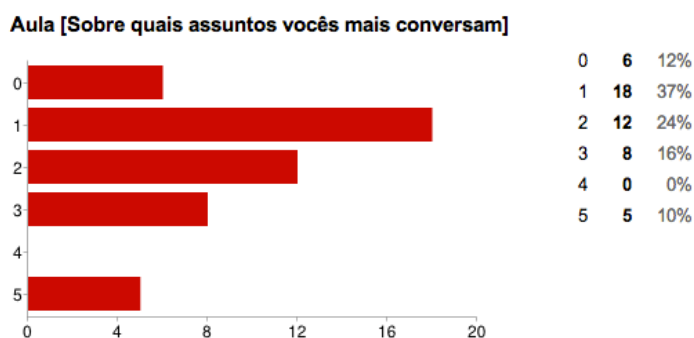
5.3.4 Assuntos mais debatidos no *Facebook*

Para buscar descobrir quais os assuntos mais falados por eles nas conversações mencionadas acima, novamente pediu-se para que os entrevistados indicassem, num nível de 0 a 5, com que intensidade discutiam assuntos como aula, trabalhos, professores, colegas, festas e eventos, fofocas, futuro, entretenimento, atualidades e atividade rural. Da mesma forma, abriu-se espaço para que os estudantes contribuíssem com assuntos que não estavam contemplados no questionário e um dos entrevistados respondeu “sobre a família”, sem apresentar maiores informações sobre o tema.

As aulas na escola apareceram como um assunto pouco (24%) ou muito pouco (37%)

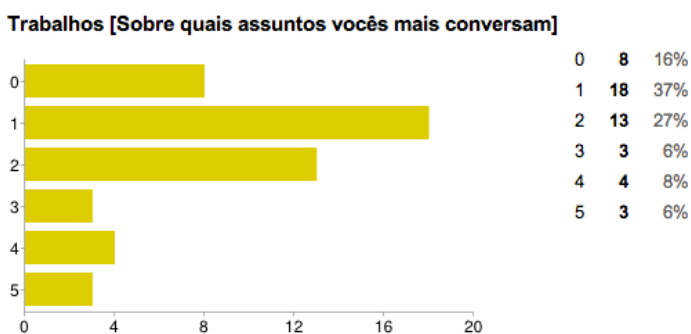
falado pelos estudantes. Índices bastante similares no que diz respeito a trabalhos, também pouco (27%) ou muito pouco falados (37%). Com este último, a intenção do questionamento era sondar sobre os trabalhos realizados em sala de aula, porém, no decorrer da aplicação dos questionários percebeu-se que, considerando a realidade trabalhadora de muitos desses jovens, a pergunta pode ter sido relacionada à atividade profissional de cada um, seja dentro ou fora das propriedades.

Gráfico 19 - Assuntos sobre os quais conversam: aula



FONTE: *Google Drive*

Gráfico 20 - Assuntos sobre os quais conversam: trabalhos



FONTE: *Google Drive*

Ainda no âmbito escolar, o assunto “professores” não é muito debatido pelos estudantes no *Facebook*, não tendo sido indicado como tema por quase metade dos entrevistados (47%) e como muito pouco abordado por boa parte do restante (35%). Já quando o assunto são os colegas o índice de discussão se eleva um pouco, já que 27% aborda muito pouco o assunto, 16% aborda pouco e 22% de forma moderada. Ainda assim, existe um contingente (16%) que não se interessa em abordar a vida dos colegas. Talvez por isso, quando o assunto é fofoca, 35% não tenha demonstrado interesse, ainda que o hábito de

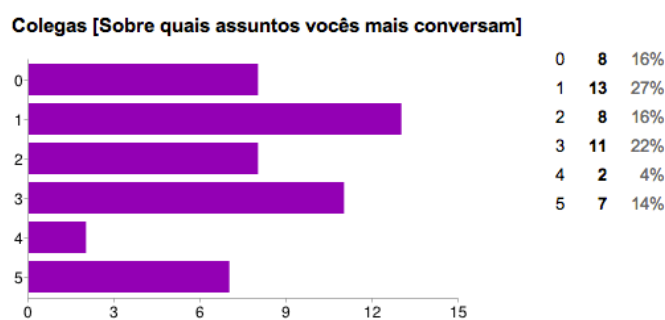
focar pelo *Facebook* apresente índices equilibrados em todos os níveis de intensidade.

Gráfico 21 - Assuntos sobre os quais conversam: professores



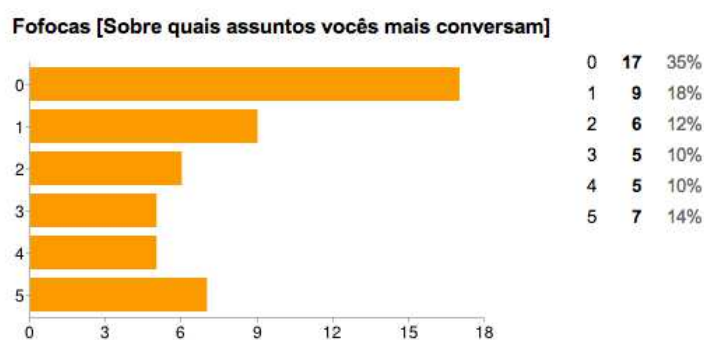
FONTE: *Google Drive*

Gráfico 22 - Assuntos sobre os quais conversam: colegas



FONTE: *Google Drive*

Gráfico 23 - Assuntos sobre os quais conversam: fofocas



FONTE: *Google Drive*

O assunto de maior destaque observado nas conversações dos estudantes nos resultados da pesquisa teve relação direta com os hábitos de lazer: mais da metade dos entrevistados (53%) indica um uso muito alto do *Facebook* para conversar sobre festas e

eventos, apontando, portanto, uma sociabilidade bastante alta também em ambientes off-line além da escola. Interessante de se observar no gráfico abaixo, assim como no das conversações, que este é um dos únicos casos onde a pirâmide se inverteu, apresentando uma base maior.

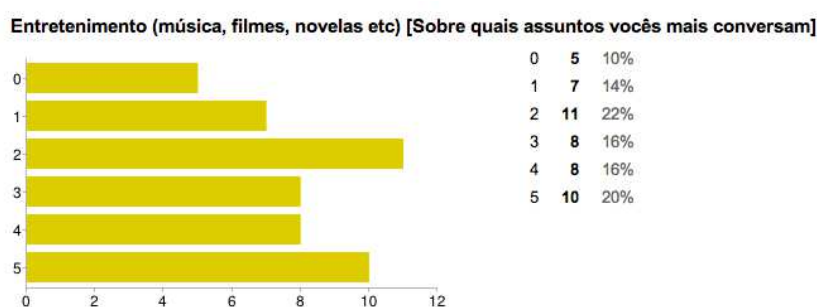
Gráfico 24 - Assuntos sobre os quais conversam: festas e eventos



FONTE: *Google Drive*

Ainda inserido no quesito lazer, o debate a respeito de entretenimento, como músicas, filmes, novelas etc; também apresenta certo destaque dentre os assuntos conversado por esses jovens, embora em menor intensidade se comparado a eventos. Neste caso, as resposta foram diluídas em diversas intensidades de maneira equilibrada, com destaque para pouco uso (22%) e muito uso (20%) do *Facebook* neste contexto.

Gráfico 25 - Assuntos sobre os quais conversam: entretenimento

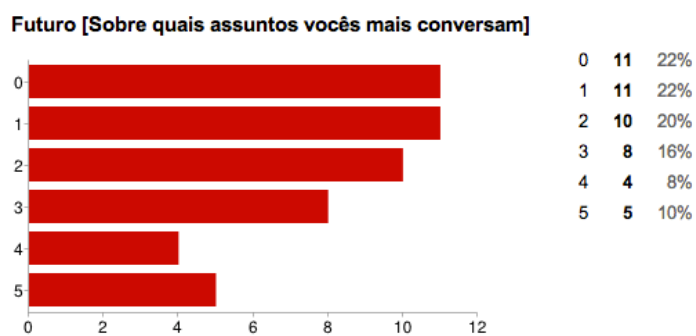


FONTE: *Google Drive*

Discutir o futuro, aparentemente, divide esses jovens. Considerando-se as incertezas do universo rural e as angústias de apego às raízes em contraste as idealizações de futuro urbanizadas, conforme abordado nos capítulos anteriores, pensou-se que o *Facebook* poderia ser um espaço onde esses jovens poderiam compartilhar esses sentimentos. De fato, em algum

nível, a maior parte dos entrevistados apontou discutir o futuro em suas conversas, mas também houve aqueles que informaram não tocar no assunto (22%). De qualquer forma, o levantamento indica que, apesar de abordarem este tema, os níveis se apresentam como muito baixos (22%) ou baixos (20%), principalmente.

Gráfico 26 - Assuntos sobre os quais conversam: futuro



FONTE: *Google Drive*

Como observado anteriormente neste capítulo, alguns jovens apontaram que utilizam o *Facebook*, em algum nível, para informar-se sobre assuntos variados. Pois a temática atualidades também esteve inserida entre os aspectos sondados, apresentando um resultado relativamente expressivo, com intensidades de interesse divididos, em que 22% apresentam uso alto ou muito baixo sobre o assunto, e 16% um uso baixo ou muito alto, indicando que a temática, sim, esta presente nas interações, mesmo que não seja um dos principais assuntos.

Gráfico 27 - Assuntos sobre os quais conversam: atualidades



FONTE: *Google Drive*

Finalmente, mas não menos importante, tem-se a atividade rural que, embora também apresente determinados níveis de interesse, é uma das temáticas com maior número de indivíduos que marcaram não conversar sobre o assunto no *Facebook* (47%). Fato relevante por se tratar de jovens rurais que, muitas vezes, ajudam na propriedades das famílias. Além disso, dentre os demais, quem afirma conversar sobre a prática rural o faz de maneira muito baixa (24%), predominantemente.

Gráfico 28 - Assuntos sobre os quais conversam: atividade rural



FONTE: *Google Drive*

5.3.5 Uso de outros sites de redes sociais e aplicativos sociais

Saindo um pouco da alçada da interação no *Facebook*, o questionários se propôs a sondar, também, sobre o uso de outros sites de redes sociais, de maneira a tentar identificar se existem outros elementos que contribuem com a socialização online desses jovens ou que dividem a atenção dos estudantes com o uso do *Facebook*. Cada estudante poderia marcar mais de uma resposta. Pois, embora a velocidade da internet ainda seja vista como o maior problema de conexão, o *YouTube*(43%) – site que demanda uma conexão mais rápida para reprodução de vídeos – entrou como site de rede sociais mais utilizado pelos jovens depois do *Facebook*, seguido pelo *Twitter*⁵⁷(22%)e pelo *Orkut*⁵⁸(15%). Considerando as dúvidas dos entrevistados nesta etapa, percebeu-se que o *Orkut* fora marcado mais porque ainda mantém resquícios de um uso antigo, do que por navegação atual no site. Ainda assim, mesmo com a presença de outros site, 90% dos entrevistados afirma que seu perfil principal é mantido no *Facebook*. Com relação ao uso de aplicativos sociais no celular, apenas 10% indicaram o uso

⁵⁷ www.twitter.com

⁵⁸ www.orkut.com

do *What`sApp*⁵⁹, sendo que muitos entrevistados sequer sabiam do que se tratava.

5.3.6 Mudanças com o uso do *Facebook*

Finalmente, a última etapa do questionário consistia num box onde os estudantes deveriam responder dissertativamente à pergunta: “O que o *Facebook* mudou na sua vida?”. Assim como boa parte dos questionamentos, esta etapa era de caráter obrigatório para finalização do questionário. Por este motivo, há respostas de todos os estudantes, mesmo que algumas não estejam muito elaboradas. O que se observa, de modo geral, é que a principal hipótese com a realização desta pesquisa (principalmente depois dos depoimentos obtidos com a pesquisa exploratória) se confirma: o uso do *Facebook* melhorou os aspectos de sociabilidade entre os jovens estudados.

Talvez por preguiça de responder, talvez porque o site não faça muita diferença mesmo, alguns estudantes indicaram que o *Facebook* “não mudou nada”, “não mudou muita coisa”, ou apenas “nada”. Mas, na maioria dos casos, mesmo que de maneira resumida, os estudantes indicaram que o uso do site “melhorou a forma de se relacionar com as pessoas”, como afirmou um deles. A facilidade de comunicação e de acesso à informações, principalmente sobre festas e sobre outras pessoas, também foi apontada por um dos entrevistados. E a facilidade para conversar com amigos e parentes e a possibilidade de ver fotos para “ver como eles estão”, mencionada por outro, também indica essa proximidade.

O uso do *Facebook* como fonte de informação chama atenção, embora, ao mesmo tempo, alguns estudantes afirmem que o site também pode causar dispersão: “acho que fiquei mas atualizada, mudou um pouco pois as vezes acho que passo menos tempo com minha família (mas me esforço para que isso não aconteça)” (*sic*). Outros estudantes também reafirmam a hipótese da informação, mencionando expressões como notícias e novidades do mundo, o que demonstra que o acesso à informações não se limita apenas ao local. “Muita coisa principalmente ficar por dentro das notícias” e “Mudou por vezes apresentar conteúdo interessante sobre novidades do mundo (*sic*)”.

O reforço aos laços de sociabilidade off-line, conforme descritos por Boyd (2007, 2010), também estão presentes e podem ser verificados nos depoimentos de alguns estudantes: “ganhei mais amizade com meus amigos”, “Ater (*sic*) melhor convivência”, “a

⁵⁹ O *What`sApp* é um aplicativo de mensagens para múltiplas plataformas que permite a troca de mensagens entre usuários sem a necessidade de operadoras já que utiliza sinal de internet para estabelecer a conexão.
<<http://www.whatsapp.com/>>

melhor comunicação com o pessoal” e “mudou que assim da para conversar com mais amigos a distancia (*sic*)”. Além disso, o contato com pessoas distantes demonstra o uso do site também para reforço de laços sociais mais fracos no off-line: “melhorou a comunicação com pessoas que moram mais distante (*sic*)”. De fato, um estudante inclusive indicou que o contato com os colegas era bem menor antes do uso do site e que agora se comunica diariamente com eles: “antes não me comunicava direito com colegas de aula agora com o face eu falo com eles todos os dias”.

Alguns estudantes, por outro lado, apontam que estão presentes no *Facebook* apenas por divertimento: “so e deu um pouco mais de diversão (*sic*)”. Enquanto outros, mencionam esta finalidade, mas vão além, indicando que o site, inclusive, proporcionou uma atividade extra de lazer, como se antes desse uso o cotidiano fosse mais entediante: “Me ajudou na comunicação, informação e entretenimento. Usando o *Facebook* tenho algo com o que me entreter”.

Embora o questionário não tenha previsto o contato com pessoas estranhas ao círculo social desses jovens, este uso foi verificado dentre os resultados, tanto em conversas informais nas visitas à escola, como nas próprias respostas coletadas: “Consegui interagir melhor com meus amigos e ate mesmo conheci muitas pessoas atraves do facebook (*sic*)”, “Conheci pessoas muito legais e que hoje considero amigos” e “conhecer pessoas novas”. Da mesma forma, os jovens indicaram que estenderam seus círculos sociais a pessoas “diferentes”, o que pode representar, ou não, o contato com pessoas desconhecidas, ou, ao menos, pessoas que não costumam fazer parte dos círculos de sociabilidade off-line: “Eu converso bastante com pessoas q eu nao vejo entao me ajudou a me comunicar com pessoas diferentes (*sic*)”.

Finalmente, observou-se depoimentos que indicam uma gradativa substituição de outros meios de comunicação, como o telefone, pelo *Facebook*. “Mudou bastante coisas, pois agora posso comunicar-me melhor com parentes e amigos que moram longe e até mesmo não preciso estar ligando toda hora, sendo para os de perto ou de longe”. Além, também, de ter melhorado as relações entre os colegas no sentido escolar, para a realização dos trabalhos e tarefas propostos pelos educadores: “eu fiquei mais conectada com minhas amigas, ajudou muito para mim falar mais” sobre os trabalhos de escolas etc”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme observado na descrição dos resultados, o *Facebook* se inseriu de maneira bastante intensa na vida dos jovens estudados, a ponto de melhorar a sociabilidade entre eles, entre os parentes e entre pessoas distantes; de proporcionar a possibilidade de interação com pessoas diferentes ou desconhecidas; de oferecer uma nova fonte de informação sobre aspectos locais, principalmente festas e eventos, e sobre “novidades do mundo”; e de disponibilizar um novo espaço de entretenimento – hoje limitado e em processo de transformação na zona rural pelotense, conforme a descrição realizada no capítulo 2 sobre os espaços de lazer.

No entanto, práticas de sociabilidade off-line continuam bastante presentes entre eles, seja porque nem todos têm acesso à internet e ao *Facebook* porque ainda não dominam as diferentes possibilidades de usos do computador e os diferentes sites de redes sociais. A interação off-line enquanto principal forma de sociabilidade se confirma quando os principais assuntos debatidos no *Facebook* giram em torno de festas e eventos, espaços que promovem a interação de maneira presencial. Isto é importante de se verificar porque, conforme visto em Ronsini (2007), as experiências simbólicas e a formação dos estilos juvenis estão diretamente relacionadas aos espaços de sociabilidade.

Retomando os conceitos de Recuero (2009), percebe-se que os laços sociais construídos por esses jovens no *Facebook* tendem a ser mais fortes porque provêm ou resultam de uma sociabilidade presencial. Além disso, percebe-se que grande parte dos laços são relacionais, já que são construídos mediante a interação, mas ao mesmo tempo associativos, porque envolvem geralmente o contato com indivíduos de instituições sociais pré-estabelecidas, como a família e a escola. No entanto, estes laços não apresentaram, a princípio, um caráter multiplexo como provavelmente ocorra entre grupos urbanos, tendo em vista que, dentre os estudantes entrevistados, constituem-se principalmente na escola – de forma off-line – e apenas no *Facebook* – de forma online. O uso de outros ambientes de interação na internet não teve uma expressão significativa nos resultados. Embora o uso do telefone como forma de manutenção dos laços deva ser considerado como relevante nessa multiplexidade.

Com relação aos assuntos conversados por eles no *Facebook*, chamam atenção os níveis moderados de interesse deste grupo por entretenimento (música, cinema etc) e pelo futuro. O primeiro, provavelmente pela influência da gradativa penetração dos meios de

comunicação de massa na zona rural e pela crescente necessidade de espaços de lazer entre esses jovens; e o segundo, considerando-se as incertezas comuns a todo jovem nesta fase da vida, mas, em especial, a este grupo específico que, conforme já observado, possivelmente vive um sentimento de ambiguidade entre às raízes e as idealizações de futuro espelhadas na cultura urbana em função das diferentes mediações que os ajudam a construir tais valores.

De fato, o maior índice de rejeição dentre as temática abordadas nas conversações está a “atividade rural”, o que pode sugerir uma certa negação à realidade vivida, tendo em vista que a maioria do grupo entrevistado trabalha na atividade agropecuária junto da família. Paquerar também não foi uma das atividades mais indicadas pelos jovens no que tange à interação no *Facebook*, ou porque este grupo apresenta um comportamento mais tardio no que diz respeito a relações amorosas, ou, provavelmente, porque esse tipo de investimento ocorra, prioritariamente, nos ambientes de sociabilidade presenciais.

Da mesma forma que Silva e Soares (2012) em seu trabalho “Consumo de mídias, interações e valores entre jovens rurais mineiros” identificam que a presença de meios eletrônicos modifica a conduta e as relações sociais; esta pesquisa também percebe que a inserção, especificamente, do *Facebook* na realidade estudada, promove um ganho em termos de sociabilidade, redefinindo práticas e, ao mesmo tempo, promovendo a ressignificação dos valores do grupo estudado. Embora, na realidade pelotense, esta renovação de valores também possa estar atrelada a outros elementos alheios à comunicação e, portanto, não contemplados no desenvolvimento deste trabalho.

Dentre os usos de sites de redes sociais, não se percebeu uma diversidade muito grande, estando o *Facebook* no foco central do interesse destes jovens, já que grande parte dos entrevistados afirma manter neste site seu perfil principal. No entanto, a posse de perfis em sites como *Twitter* e *Orkut* também foi mencionada por alguns dos estudantes. Além disso, o *YouTube* apresentou um uso bastante expressivo entre esses jovens, mesmo com a limitação de velocidade sendo vista como principal limitador para navegação na internet.

É igualmente importante no contexto da sociabilidade online se pensar a respeito das materialidades envolvidas, justamente porque o uso de celulares, *tablets* e *notebooks* também despertou atenção, indicando o crescimento da mobilidade neste contexto rural específico. O que sugere também que a interação mediada pode ocorrer até mesmo da lavoura, embora os horários de uso apontem, principalmente, períodos de intervalo, após refeições ou de término de uma atividade e início da outra.

Especificamente no que diz respeito a celulares, percebeu-se que alguns jovens sequer

utilizam computador, mas se conectam ao *Facebook*, principalmente, por meio do aparelho e, com penetração majoritária da empresa de telefonia Oi. O uso de *notebooks* também precisa ser ressaltado, não apenas por ser predominante, mas porque, durante a realização das entrevistas, alguns jovens apresentaram mais familiaridade com o *touchpad* do que com o *mouse*, indicando um baixo uso do computador de mesa.

No contingente estudado, percebeu-se também a presença de indivíduos com uso bastante alto de internet e, do lado oposto, indivíduos com uso inexpressivo ou nulo, a ponto de sequer saber manusear o computador. Da mesma forma, percebeu-se níveis socioeconômicos bastante distintos entre os entrevistados, embora a maioria se insira numa mesma faixa de renda e apresente condições financeiras – desconsiderando-se os tamanhos das famílias – para usufruir de serviços como a internet. Fora que, conforme observado, é possível superar as limitações financeiras com a contratação de um serviço rateado entre residências próximas. Ainda assim, considerando-se que os jovens sem perfil no *Facebook* não responderam ao questionário completo, que alguns não quiseram participar e que vários estudantes não estiveram presentes no dia da coleta pela dificuldade de transporte, acredita-se que os jovens mais carentes economicamente não chegaram a contribuir de fato com a pesquisa.

Mesmo assim, foi possível perceber que o uso de tecnologia, conforme indica Castro (2012, p. 74), é visto como símbolo de distinção, sendo que não estabelecer conexões com os demais através de aparelhos tecnológicos significaria estar à parte das dinâmicas sociais. Foi mais ou menos o que foi percebido quando alguns jovens se constrangeram, no momento das entrevistas, por indicar que não possuíam perfil no *Facebook* e/ou baixo uso de computadores e internet. Uma realidade que, aparentemente, reflete o que também ocorre em centros urbanos, mas de maneira mais peculiar, dadas as características diferenciadas do rural; e de maneira mais tardia se comparada à cidade.

Como perspectiva futura de estudo – tendo em vista o que foi pontuado até aqui –, pensa-se que, para se trabalhar as diferentes formas de sociabilidade online na juventude, seria importante, antes, se construir diferentes categorias desta juventude, tendo em vista, a princípio, as vulnerabilidades sociais e econômicas e, ainda, a inserção no mercado de trabalho, os aspectos culturais e regionais de onde esta juventude está inserida e, finalmente, os diferentes tipos de mediações que permeiam essas esferas. A sociabilidade, portanto, não estaria apenas mediada pelos aspectos citados por Jacks (1999), mas também pelo tipo de juventude formado mediante estas mediações.

Além disso, considerando-se o contexto profissional do pesquisador, pensa-se em trabalhar futuramente perspectivas de comunicação mediada com os jovens, de maneira a se pensar estratégias de interação e compartilhamento de conhecimentos. Tendo em vista que o uso de sites de redes sociais está bastante presente entre os jovens nesta região, e que esta realidade tende a crescer cada vez mais ao longo dos próximos anos, não se pode ignorar as possibilidades latentes de comunicação via internet com o público rural de Pelotas. Seja mediante eventos presenciais ou espaços de interação online, o que se pretende é que as informações cheguem às famílias e ajudem a fomentar a atividade agropecuária na região.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 37-72.
- ACHUTTI, Luís Eduardo Robinson. **Fotoetnografia, um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial/Livraria Palmarinca, 1997. v 01. 220 p.
- ALCÂNTARA JÚNIOR, José. **O conceito de sociabilidade em George Simmel**. In: Ciências Humanas em Revista - São Luís, V. 3, n.2, 2005. Disponível em: <http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005_2/jose_alcantara_v3_n2.pdf>. Acessado em: mar. 2014.
- ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de. **Jovens no campo e novas tecnologias: tessituras de modos de vida**. 2012. 158p. Dissertação (Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2012.
- BAECHLER, Jean. Grupos e sociabilidade. In: BOUDON, Raymond. **Tratado de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. 604 p. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=6ei7ZHqL_lkCeprintsec=frontcoverehl=pt-BR#v=onepageeqef=false>. Acessado em: mar. 2014.
- BARBOSA, Lívía. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BARBOSA, Lívía; VELOSO, Letícia. Notas sobre o conceito de juventude e geração. In: BARBOSA, Lívía (Org.). **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- BARROS, Carla. Sociabilidade e “territorialidade” no universo digital: transitando em contextos tecnológicos de jovens nas camadas populares. In: BARBOSA, Lívía (Org.). **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BERTOLINI, Sonia; BRAVO, Giangiacomo. *Social capital, a multidimensional concept*. 2004. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.197.1952erep=rep1etype=pdf>>. Acessado em: mar. 2014.
- BONIN, J. A. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, E. Et Al. **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011, p.19-42.

BORELLI, Sílvia. **Silvia Borelli fala sobre Mídia e Juventude**. 2010. (4 min 39 s). Entrevistadora: Carine Prevedello. Postado em: 05 mar. 2010 no YouTube da entrevistadora. Disponível em: <<http://youtu.be/-xm6rdT8SNA>>. Acessado em: 03 jul. 2013.

BOYD, Danah. (b) *Social Network Sites: Public, Private, or What?* Knowledge Tree 13, May. 2007. Disponível em: <<http://www.danah.org/papers/KnowledgeTree.pdf>>. Acessado em: fev. 2014.

BOYD, Danah. ELLISON, N. *Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship*. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13 (1), article 11, 2007. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/pdf>>. Acessado em: jan. 2014.

BOYD, Danah. *Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications*. In *Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites* (ed. Zizi Papacharissi), 2010. pp. 39-58. Disponível em: <<http://www.danah.org/papers/2010/SNSasNetworkedPublics.pdf>>. Acessado em: jan. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 208 p.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2014. 51 p.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, Helena Wendel.; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 243-261.

CALLOU, Angelo Brás Fernandes. Ciberextensão. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0560-1.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

CANCLINI, Néstor García. *El consumo cultural en México*. México: Grijalbo, 1993.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Gisela. *Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital*. In: BARBOSA, Livia (Org.). **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI). **Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no Brasil: TIC Domicílios e Empresas 2011**. São Paulo: CGI.br, 2012. Disponível em: <<http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

CÔMITE GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI). **TIC Kids Online Brasil 2012: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes**. Org Alexandre F. Barbosa. São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2013. Disponível em: <<http://www.cetic.br/publicacoes/2012/tic-kids-online-2012.pdf>>. Acessado em: fev. 2014.

CONCEIÇÃO, Ariane Fernandes da. **Quem está online? Um estudo de caso sobre o uso e apropriação da internet por agricultores familiares de Estrela/RS**. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) -- Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012. Disponível em: <<http://www.ppgexr.com.br/arquivos/dissertacao%20Ariane.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2013.
LIMA, Francisco. Colônia Maciel terá escola. **Diário Popular**, Pelotas, Educação, p. 12, 11 jun. 2010.

DUARTE, Jorge Antônio Menna. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2005, v. 1, p. 62-83. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/38899413/Entrevista-Em-Profundidade>>. Acesso em: 14 jul. 2013.

DURSTON, John. **A juventude rural no Brasil e no México: reduzindo a invisibilidade**. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 1999. 32p.

ELLISON, Nicole B.; BOYD, Danah. **Sociality through Social Network Sites**. In Dutton, W. H. (Ed.), *The Oxford Handbook of Internet Studies*. Oxford: Oxford University Press, pp. 151-172. Disponível em: <<http://www.danah.org/papers/2013/SocialityThruSNS-preprint.pdf>>. Acessado em: mar. 2014.

ELLISON, Nicole B.; STEINFELD, Charles; LAMPE, Cliff. **The benefits of Facebook "friends": social capital and college students' use of online social network sites**. *Journal of Computer-Mediated Communication*, ano 12, n. 4, art. 1, jul/2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/ellison.html>>. Acesso em: mar. 2013.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO 2007.

FERREIRA, Brancolina; ALVES, Fábio. Juventude Rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de (Org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. p. 243-258.

FREIRE FILHO, João; LEMOS, João Francisco de. **Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a "Geração Digital" na mídia impressa brasileira**. In: Comunicação, mídia e consumo. vol.5 n.13 p.11-25 São Paulo, 2008.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O novo rural brasileiro**. In: Revista Nova Economia. Belo Horizonte, 1997. P. 43-81. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/O_novo_rural_brasileiro.pdf> Acessado em: mar. 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HEBERLÊ, Antônio. Os novos desafios da comunicação para o desenvolvimento; Reflexo sobre modelos de comunicação para o desenvolvimento no Brasil. In: HEBERLÊ, Antônio; COSENZA, Bárbara; SOARES, Felipe (Org.). **Comunicação para o desenvolvimento**. Brasília: Embrapa, 2012. p. 118. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/79235/1/comunicacao-para-o-desenvolvimento-heberle.pdf>>. Acessado em: jul. 2013.

HERRING, S. C. KAPIDZIC, S. **Teens, gender, and self-presentation in social media**. In: J. D. Wright (Ed.). *International encyclopedia of social and behavioral sciences*. 2 ed. Oxford: Elsevier, 2014. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/teens.gender.pdf>>. Acessado em: fev. 2014.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: jul. 2013.

JACKS, Nilda. **Querência**: cultura regional como mediação simbólica – um estudo de recepção. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernidade e sociedade do consumo**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n.12, p.16-26, jun., 1985.

LASSANCE, Antonio. Brasil: jovens de norte a sul. In: ABRAMO, Helena Wendel.; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 73-86.

LEITE, Ana Maria Alexandre; NUNES, Maria Fernanda. Juventudes e Inclusão Digital: reflexões sobre acesso e uso do computador e da internet pelos jovens. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil (Org.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; UNESCO 2007.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2004. 295 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

MAIA, Iano Flávio de Souza; COSTA, Sebastião Guilherme Albano da. A Internet na comunidade rural: Primeiras notas de uma pesquisa. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos ...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2963-1.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Análise da conversação**. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MARTIN-BARBERO, Jesus. A Mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: Educ, 2008.

MILLS, Wright. A promessa. In: **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

MULLER, Dalila; HALLAL, Dalila; FERREIRA, Verônica. Memória dos lazeres no meio rural de Pelotas/RS. In: 5º Congresso Latino-americano de investigação turística. São Paulo, 2012. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://gtci.com.br/congressos/congresso/2012/pdf/eixo10/Muller_Hallal_Ferreira.pdf> Acesso em: mar. 2014.

NOVAES, Regina Celia Reyes. Prefácio. In: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de (Org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: IPEA, 2009. p. 13-22.

PELOTAS. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. 27 mai. 2013. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pelotas>>. Acesso em: 07 jul. 2013.

PEREIRA, Vinícius; POLIANOV, Beatriz. Entretenimento como linguagem e materialidades dos meios nas relações de jovens e tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, Livia (Org.). **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PRIMO, Alex. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, v. 9, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/153/154>>. Acesso em: mar. 2014.

PRIMO, Alex. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador**. In: BRASIL, André Brasil; FALCI, Carlos Henrique; JESUS, Educaro de; ALZAMORA, Geane. (Org.). **Cultura em fluxo: novas mediações em rede**. 1 ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005c, v. , p. 36-57. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf>. Acessado em: mar. 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.

RECUERO, Raquel. **A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador**. In: Dulcilia Schroeder Buitoni, Roberto Chiachiri. (Org.). **Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo**. 1ed. São Paulo: Almedina, 2012, v. 1, p. 259-274. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/raquelrecueroativocasper.pdf>>. Acessado em: jan. 2014.

RECUERO, Raquel (b). **Jogos e práticas sociais no Facebook: Um estudo de caso do Máfia Wars**. In: ANDRADE, Luiz Adolfo; FALCÃO, Thiago (Org.). **Realidade Sintética: Jogos Eletrônicos, Comunicação e Experiência Social**. 1 ed. São Paulo: Scortecci, 2012, v. 1. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/livrofalcaoatual.pdf>>. Acesso em: fev. 2014.

RECUERO, Raquel (c). **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012. 283 p.

RECUERO, Raquel. **Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet**: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. Revista Fronteiras (Online): Vol 16, p.1, 2014. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/fronteirasrecuero2014.pdf>>. Acessado em: jan. 2014.

RIBEIRO, Fernanda B. Etnografias a jato. In: SCHUUSH, Patrice; VIEIRA, Miriam S.; PETERS, Roberta. (org.) **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2010.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. Departamento de Planejamento. **Cadastro de Estabelecimentos de Ensino - Rede Estadual - 2012**. Porto Alegre, 212. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/cadastro_est_2012.pdf>. Acesso em: jun. 2013.

ROCHA, Rose Maria. Juventudes, comunicação e consumo: visibilidade social e práticas narrativas. In: BARBOSA, Lívia (Org.). **Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RODRIGUES, Adriano. Experiência, modernidade e campo dos media. In: SANTANA, R.N.M. (org.) **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Teresina: Revan, 2000. p 169-215.

RONSINI, Veneza V. Mayora. **Mercadores de sentido**: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SILVA, Karen; ALMEIDA, Joseane; CRUZ, Antônio; CALDAS, Nádia; SACCO DOS ANJOS, Flávio. Dilemas da Ruralidade no III Plano Diretor de Pelotas. In: IV congresso Brasileiro de Direito Urbanístico: Desafios para o direito urbanístico brasileiro no século XXI. São Paulo, 2006. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.ibdu.org.br/imagens/PlanosDiretoresParticipativosBalan%C3%A7odosprocessosdeelaboracaoedastematicas%20emergentesPlanoDiretordePelotas.pdf>> Acesso em: mar. 2014.

SILVA, Ricardo Duarte Gomes da; SOARES, Jeferson Boechat. Consumo de mídias, interações e valores entre jovens rurais mineiros. In: XXII Encontro Anual da Compós. 2012, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos ...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1932.doc>. Acesso em: 30 jun. 2013.

SOUTO, Tatiana. **Juventude Rural, Agricultura Familiar e Inclusão Digital: as apropriações do Programa IPA Conectado pelos agricultores familiares do município de São João – PE**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) - Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, 2012.

STROPASOLAS, Valmir. Juventude Rural: uma categoria social em construção. In: XII Congresso Brasileiro de Sociologia. Belo Horizonte, 2005. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.ufrb.edu.br/petsocioambientais/downloads/paulo-freire/textos-para-leitura-rodas-de-conversa-2013/5d-roda-de-conversa/196-juventude-rural-2valmirstropasolas1/download>> Acessado em: mar. 2014.

TAUK SANTOS, Maria Salett. Juventude Rural em Tempo de Redes Sociais. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2011, Recife. **Anais eletrônicos ...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2043-1.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

TOALDO, Mariângela; JACKS, Nilda. Consumo midiático: uma especificidade do consumo cultural, uma antessala para os estudos de recepção. In: XXII Encontro Anual da Compós. 2013, Bahia. **Anais eletrônicos ...** Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_2115.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2013.

WEIDUSCHADT, Patrícia. O lazer e a construção da identidade numa comunidade rural de descendentes germânicos em Pelotas. In: Cadernos do LEPAARQ: textos de antropologia, arqueologia e patrimônio. Vol. VI. Nº 11/12. Pelotas, 2009. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/1240/1034>> Acesso em: mar. 2014.

WELLMAN, B.; BOASE, J.; CHEN, W. *The networked nature of community online and off-line*. IT e Society n. 1, vol 1, p. 151-165. Summer, 2002. Disponível em: <<http://homes.chass.utoronto.ca/~wellman/publications/networkednature/vol01-1-A10-Wellman-Boase-Chen.PDF>>. Acessado em: fev. 2014.

YIN, Robert K. *Case study research: design and methods*. In: *Applied social research methods series*. v. 5 Sage Publication, 1994.

ZYWICA, Jolene; DANOWSKI, James. *The Faces of Facebookers*. *Journal of Computer-Mediated Communication*, n. 14, p.1-34, 2008. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2008.01429.x/pdf>>. Acesso em: mar. 2014.

ANEXO A - Plano de pesquisa exploratória

1. Questões norteadoras do problema de pesquisa

A questão que norteia o problema de pesquisa é a compreensão de como se dão os usos e apropriações da internet pelos jovens rurais moradores da zona rural do município de Pelotas/RS e região. A intenção é verificar em que ambientes físicos e através de quais materialidades esses jovens se conectam e, também, identificar por onde navegam e que tipo de conteúdo consomem.

Através deste levantamento busca-se encontrar um ambiente favorável à interação com os agricultores, principalmente por intermédio dos jovens, para fomento da atividade agropecuária na região, com foco nas propriedades de base familiar. A extensão rural e a consequente transferência de tecnologia enfrentam gargalos que, talvez, possam ser superados com a ajuda das novas tecnologias de comunicação.

Mas, antes da aplicação sistemática da pesquisa é necessário se realizar um levantamento preliminar dos usos da internet de maneira a direcionar o trabalho de campo. O levantamento exploratório tem como objetivos apontar em que estágio está o uso de internet pelos jovens nessa localidade – se de fato está presente no meio rural – e indicar os futuros sujeitos que irão compor a amostra da pesquisa.

A visita a escolas rurais – centros que convergem a presença dos jovens – e a alguns produtores indicados por pesquisadores da Embrapa Clima Temperado também pode apontar pistas para tal aplicação sistemática, pois levantará dados sobre o comportamento de determinado grupo social. Este estudo, portanto, se apropria de aspectos etnográficos pela necessidade de familiarização às rotinas e ao modo de vida de uma população tão peculiar que é a população rural.

2. Objetivos da pesquisa exploratória

A pesquisa exploratória tem como objetivos:

- Verificar a penetração da internet na colônia de Pelotas;
- Avaliar se os jovens efetivamente têm contato com a rede;
- Identificar em quais ambientes físicos, através de quais materialidades e em quais momentos do dia se conectam;
- Verificar para quais finalidades se conectam;

- Identificar os ambientes virtuais que frequentam;
- Identificar os tipos de relações sociais mantidas online;
- Explorar o consumo de produtos culturais através da Internet;
- Verificar, preliminarmente, como o uso da internet tem modificado o comportamentos dos jovens no campo;
- Indicar os futuros sujeitos integrantes da amostra da pesquisa sistemática.

3. Procedimentos metodológicos

a. Aspectos a serem observados

- Finalidades do uso de internet;
- Foco de consumo;
- Ambientes de uso;
- Materialidades do uso;

b. Amostra/corpus ou informantes

- Faixa etária;
- Gênero;
- Condição socioeconômica;
- Local de moradia;
- Acesso à Internet na residência;
- Usos de internet e navegação.

c. Procedimento de coleta de dados

Para realização da exploratória foram idealizados dois grupos de amostras: jovens estudantes no contexto escolar e jovens estudantes no contexto familiar. Para o primeiro grupo, a coleta de dados ocorrerá diretamente na escola, através de uma discussão em sala de aula sobre os usos de internet. Para isso, fez-se um levantamento das escolas de ensino médio da zona rural de Pelotas, tendo sido selecionada a escola mais distante do centro urbano.

Para o contexto familiar, foram contatadas 16 propriedades da colônia de Pelotas indicadas por um pesquisador da Embrapa Clima Temperado. Tais propriedades são,

majoritariamente, familiares, têm no pêssego sua principal atividade e estariam conectadas à rede mundial de computadores. Destas, em função dos objetivos da pesquisa, foram selecionadas cinco, considerando, principalmente, a presença de jovens na residência. A visitação a todas, no entanto, dependerá do rendimento da coleta na escola e nas propriedades anteriores.

Em ambos os casos citados acima, a coleta de dados contará com o auxílio do pesquisador em Comunicação da Embrapa Clima Temperado, Antônio Heberlê, que possui experiência na pesquisa sociológica. As discussões serão gravadas em vídeo para visualização posterior e, também, transcritas para análise das informações compartilhadas pelos jovens e de suas reações. A partir deste material, pretende-se selecionar em torno de quatro amostras para inserção à campo. O direcionamento da entrevista sistemática também dependerá desta exploração inicial.

4. Roteiro de entrevista

1. Possui computador em casa?
2. Onde fica?
3. Possui internet em casa?
4. Há quanto tempo?
5. De que tipo?
6. Funciona bem?
7. Por que colocaram internet?
8. Quem mais usa a internet em casa?
9. Qual sua idade?
10. Em que ano está?
11. Para que usam a internet? Estudos, trabalho, pesquisa etc?
12. Onde mais usam a internet? Casa, escola etc?
13. Em que horários?
14. Quanto tempo passa navegando, em média, por dia?
15. Usa a internet em outro lugar além do computador?
16. De quais dispositivos?
17. Onde costumam navegar? Em que sites?
18. Possui perfil em sites de redes sociais? Quais?

19. Que tipo de informações busca?
20. Usa internet para entretenimento?
21. Gosta de música?
22. De que estilos?
23. Consome música através da internet?
24. O que acha que mudou depois da internet?
25. Tem interesse em se manter no campo?
26. Qual a visão que têm do campo?
27. E da cidade?
28. Qual meio de comunicação (TV, rádio, internet) tem mais influência na sua vida?
Qual usa mais?
29. Qual gosta mais?

ANEXO B - Carta de anuência da Embrapa Clima Temperado**CARTA DE ANUÊNCIA**

Declaro para os devidos fins que, representando a Embrapa Clima Temperado, eu, JOSÉ DIAS VIANNA FILHO, CPF 229783800-04, autorizo a participação da referida instituição na pesquisa intitulada “**AMIGOS NO FACEBOOK: um estudo de sociabilidade entre jovens moradores da zona rural de Pelotas na internet**”, sob responsabilidade do pesquisador **Francisco Silva de Lima**, do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos; de maneira a ceder informações pertinentes à realização do trabalho em questão.

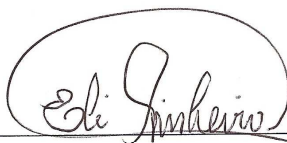


Cargo: _____
José Dias Vianna Filho
Chefe - Geral - Eventual
Matrícula: 120920
Embrapa Clima Temperado

Data: 24/03/2014

ANEXO C - Carta de anuência da Escola Elizabeth Blaas Romano**CARTA DE ANUÊNCIA**

Declaro, para os devidos fins que, representando a Escola Estadual de Ensino Médio Elizabeth Blaas Romano, eu, Eli Pinheiro Borges, CPF 243.160.830-15, autorizo a participação da referida instituição na pesquisa intitulada: **“AMIGOS NO FACEBOOK: um estudo de sociabilidade entre jovens moradores da zona rural de Pelotas na internet”**, sob a responsabilidade do pesquisador **Francisco Silva de Lima**, do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); de maneira a ceder informações sobre a escola ou permitindo a realização de atividades de pesquisa nas dependências da mesma.

**Eli Pinheiro Borges**

Diretor da Escola Elizabeth Blaas Romano

Eli Pinheiro Borges
IDF 2528738/01
DIRETOR

E.E.M. PROFª ELIZABETH BLAAS ROMANO
Decreto de Criação nº 44.865/2007
D.O de 15/ 01/ 2007
Credenciamento e Autor. de Funcionamento - Parecer nº 307/ 2009
de 06/ 05/ 2009 - D.O 13/ 05/ 2009
Portaria 58/ 2013 Altera para E.E.M. Profª Elizabeth Blaas Romano
Patron. da escola reafirmado pela Atr. D.O 18/ 03/ 2013 pág. 53

ANEXO D - Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, **Francisco Silva de Lima**, responsável pela pesquisa “**Conversação e sociabilidade dos jovens rurais pelotenses através do Facebook**”, estou fazendo um convite para você participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende **verificar como se dá a sociabilidade dos jovens moradores da zona rural de Pelotas através de ferramentas de redes sociais como o Facebook**.

Acredito que ela seja importante porque **pode ajudar a compreender como a Internet e, mais especificamente, as ferramentas de redes sociais, contribuíram para aproximar os jovens rurais pelotenses. Bem como, pode ajudar a construir um panorama de como é a sociabilidade entre esses jovens hoje e de como eles interagem entre eles fora do ambiente escolar.**

Para sua realização **serão aplicados questionários online, através do próprio Facebook, em determinado grupo de jovens moradores da zona rural de Pelotas. A definição desses grupos deu-se a partir de um estudo exploratório inicial em escolas rurais deste município, mediante entrevista coletiva com uma turma do ensino médio de uma escola rural da região.**

Sua participação constará de **fornecer respostas a um questionário elaborado por este pesquisador.**

Não há previsão de riscos na participação desta pesquisa.

O benefício que espera-se deste estudo é a **identificação de elementos que ajudem na compreensão de como se dá a sociabilidade entre os jovens rurais pelotenses na internet. Ou seja, que mostrem como esses jovens interagem, o que comunicam uns aos outros e como isso modificou a relação entre eles.**

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Dados do pesquisador:
Francisco Silva de Lima
Rua Dr. Prof. Araújo, 2149/2071 - Pelotas/RS
(53) 9161.5949
lima.francisco@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) Unisinos:
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)
Av. Unisinos, 950. 93022-000 - São Leopoldo/RS
(51) 3591 1198
cep@unisinos.br

ANEXO E - Questionário

Facebook: quem curte?

***Obrigatório**

Você possui perfil no Facebook? *

Sim

Não

Powered by  Google Drive

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

Facebook: quem curte?

*Obrigatório

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Leia atentamente o documento abaixo antes de responder a esta pesquisa.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, **Francisco Silva de Lima**, responsável pela pesquisa **"Conversação e sociabilidade dos jovens rurais pelotenses através do Facebook"**, estou fazendo um convite para você participar como voluntário deste estudo.

Esta pesquisa pretende verificar como se dá a sociabilidade dos jovens moradores da zona rural de Pelotas através de ferramentas de redes sociais como o Facebook.

Acredito que ela seja importante porque pode ajudar a compreender como a Internet e, mais especificamente, as ferramentas de redes sociais, contribuíram para aproximar os jovens rurais pelotenses. Bem como, pode ajudar a construir um panorama de como é a sociabilidade entre esses jovens hoje e de como eles interagem entre eles fora do ambiente escolar.

Para sua realização serão aplicados questionários online, através do próprio Facebook, em determinado grupo de jovens moradores da zona rural de Pelotas. A definição desses grupos deu-se a partir de um estudo exploratório inicial em escolas rurais deste município, mediante entrevista coletiva com uma turma do ensino médio de uma escola rural da região.

Sua participação constará de fornecer respostas a um questionário elaborado por este pesquisador.

Não há previsão de riscos na participação desta pesquisa.

O benefício que espera-se deste estudo é a identificação de elementos que ajudem na compreensão de como se dá a sociabilidade entre os jovens rurais pelotenses na internet. Ou seja, que mostrem como esses jovens interagem, o que comunicam uns aos outros e como isso modificou a relação entre eles.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa.

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial.

Dados do pesquisador:
Francisco Silva de Lima
Rua Dr. Prof. Araújo, 2149/2071 - Pelotas/RS
(53) 9161.5949
lima.francisco@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) Unisinos:
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)
Av. Unisinos, 950. 93022-000 - São Leopoldo/RS
(51) 3591 1198
cep@unisinos.br

Tendo lido o documento acima, você deseja participar desta pesquisa e autoriza que suas informações sejam utilizadas neste trabalho? *

- Sim
 Não

[« Voltar](#) [Continuar »](#)

Facebook: quem curte?

***Obrigatório**

Sobre você

Qual seu nome? *
 Seu nome não será revelado nos resultados da pesquisa e servirá apenas para controle do pesquisador.

Qual sua idade? *

14 anos
 15 anos
 16 anos
 17 anos
 18 anos
 19 anos
 20 anos
 mais de 20 anos

Qual a data do seu aniversário? *

Qual sua série? *

1º ano
 2º ano
 3º ano
 Outro:

Qual cidade você mora? *

Em que localidade? *

Deixe um contato para que eu possa conversar com você, caso necessário. *
 Telefone, celular, e-mail etc.

Costuma trabalhar na propriedade da família? *

Sim
 Não

Se sim, em qual(is) atividade(s)?
 Se respondeu não à pergunta anterior, siga adiante.

Cite três das principais culturas/atividades mantidas na propriedade de sua família. *

Qual a renda estimada mensal de sua família? *

abaixo de 500 reais
 de 500 a mil reais
 de mil a 2 mil reais
 de 2 a 3 mil reais
 de 3 a 4 mil reais
 de 4 a 5 mil reais
 mais de 5 mil reais
 Não sei

Além do ambiente escolar, qual a principal forma de contato com os seus colegas? *

Espaços de sociabilidade (praças, festas etc)
 Visitas a casa dos colegas
 Ligações via telefone
 Mensagens (SMS)
 What's App
 Facebook
 Twitter
 E-mail
 Outro:

Powered by  Google Drive
Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

Facebook: quem curte?

*Obrigatório

Sobre seu uso de internet

Possui computador em casa? *

Sim
 Não

Há quanto tempo possui computador? *

De 0 a 6 meses
 De 6 meses a 1 ano
 De 1 a 3 anos
 De 3 a 5 anos
 De 6 a 8 anos
 De 9 a 10 anos
 Mais de 10 anos
 Não possui computador

Onde fica seu computador? *

Sala
 Quarto
 Cozinha
 Banheiro
 Escritório
 Não possui computador
 Uso aparelhos móveis (notebook, celular, tablet etc)
 Outro:

Possui internet em casa? *

Sim
 Não

Há quanto tempo possui internet? *

De 0 a 6 meses
 De 6 meses a 1 ano
 De 1 a 3 anos
 De 3 a 5 anos
 De 6 a 8 anos
 De 9 a 10 anos
 Mais de 10 anos
 Não possui internet

Qual a empresa que fornece internet para a sua casa?
Se não possui internet, deixe em branco.

Qual o tipo da sua internet? *

Discada
 Cabo
 Rádio
 Modem 3G
 Celular ou dispositivos móveis
 Não possui internet
 Não sei
 Outro:

O que mais dificulta o uso de internet?
Você pode marcar mais de uma opção.

Velocidade baixa
 Instabilidade (fica caindo)
 Falta de disponibilidade (não paga onde eu moro)
 Só uma empresa presta o serviço
 Outro:

Possui wireless (rede sem fio) em casa? *

Sim
 Não

Onde é o seu principal local de acesso à internet? *

Casa
 Trabalho
 Escola
 Lan House
 Casa de amigos/parentes
 Outro:

Qual o principal aparelho que você utiliza para se conectar à internet? *

Computador de mesa
 Notebook
 Celular
 Tablet
 Outro:

Quem decidiu pela compra do(s) aparelho(s)? *

Eu
 Pai
 Mãe
 Irmãos
 Não possui nenhum desses aparelhos
 Outro:

Qual a operadora do seu celular? *

Tim
 Oi
 Vivo
 Claro
 Não possui celular

Se você tem smartphone (celular), qual seu sistema operacional? *

iOS
 Windows Phone
 Android
 Blackberry
 Não sei
 Não possui smartphone
 Outro:

Quanto tempo, em média, você passa conectado(a) à internet por dia? *

Incluindo o uso do Facebook.

menos de 1h
 entre 1h e 2h
 entre 2h e 3h
 entre 3h e 4h
 entre 4h e 5h
 mais de 5h
 Outro:

Quanto tempo, em média, você passa conectado via celular?

menos de 1h
 entre 1h e 2h
 entre 2h e 3h
 entre 3h e 4h
 entre 4h e 5h
 mais de 5h
 Não possui celular
 Outro:

Powered by Google Drive

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.
Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Facebook: quem curte?

*Obrigatório

Sobre seu uso do Facebook

Quanto tempo, em média, você passa conectado(a) apenas ao Facebook por dia? *

menos de 1h

entre 1h e 2h

entre 2h e 3h

entre 3h e 4h

entre 4h e 5h

mais de 5h

Outro:

Em que período do dia você costuma se conectar ao Facebook? *

Selecione quantos quiser.

de 0h às 3h

das 3h às 6h

das 6h às 9h

das 9h às 12h

das 12h às 15h

das 15h às 18h

das 18h às 21h

das 21h às 24h

Todo o dia

Para quais finalidades você usa o Facebook, principalmente? *

Selecione 1 o menor uso e 5 o maior uso. Utilize o 0 para o caso de você não realizar a ação.

	0	1	2	3	4	5
Qualificar publicações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compartilhar publicações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Conversar com amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer nos perfis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Postar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogar (social games)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Informar-se	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relacionar-se com entidades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Relacionar-se com empresas e marcas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter no perfil, mas nunca entro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Quais dos elementos abaixo você utiliza para se comunicar? *

Você pode marcar quantos quiser!

Texto

Vídeo

Voz

Fotos

Imagens/ gifs

Outro:

Tem perfil fake (falso)? *

Sim

Não

Se sim, por quê?

Se não possui perfil falso, responda "não" para a próxima questão.

Tem, em média, quantos amigos no Facebook? *

0 - 100

100 - 200

200 - 300

300 - 400

400 - 500

500 - 1.000

mais de 1.000

Abaixo de 100 (0.000)

Destes, com quantos, em média, você mais interage? *

0 - 10

10 - 20

20 - 30

30 - 40

40 - 50

mais de 50

Sobre quais assuntos vocês mais conversam? *

Selecione 1 o menor uso e 5 o maior uso. Utilize o 0 para o caso de você não realizar a ação.

	0	1	2	3	4	5
Auto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trabalhos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Professores	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Colegas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Festas e eventos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fóruns	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Futuro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Empreendedorismo (política, finanças, negócios etc)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualidades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atividade rural	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Conversam sobre mais alguma coisa não contemplada na tabela acima? *

Se não conversam, deixe o box a baixo em branco.

Além do Facebook, quais outros sites de redes sociais você utiliza? *

Marque quantos quiser!

Twitter

Instagram

YouTube

Vine

LinkedIn

Pinterest

Okta

Fotolog

Tinder (ou algum outro de pegação)

Facebook

Foursquare

Fourspring

Outro:

Em qual deles está seu principal perfil? *

Facebook

Twitter

Instagram

YouTube

Vine

LinkedIn

Pinterest

Okta

Fotolog

Tinder

Foursquare

Fourspring

Outro:

Possui Whatsapp no celular? *

Sim

Não

O que o uso do Facebook mudou na sua vida? *

Powered by Google Drive

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.
Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

Facebook: quem curte?

Fim

Muito obrigado pela sua participação.

Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

[« Voltar](#)

[Enviar](#)

Nunca envie senhas em Formulários Google.

Powered by
 Google Drive

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)